

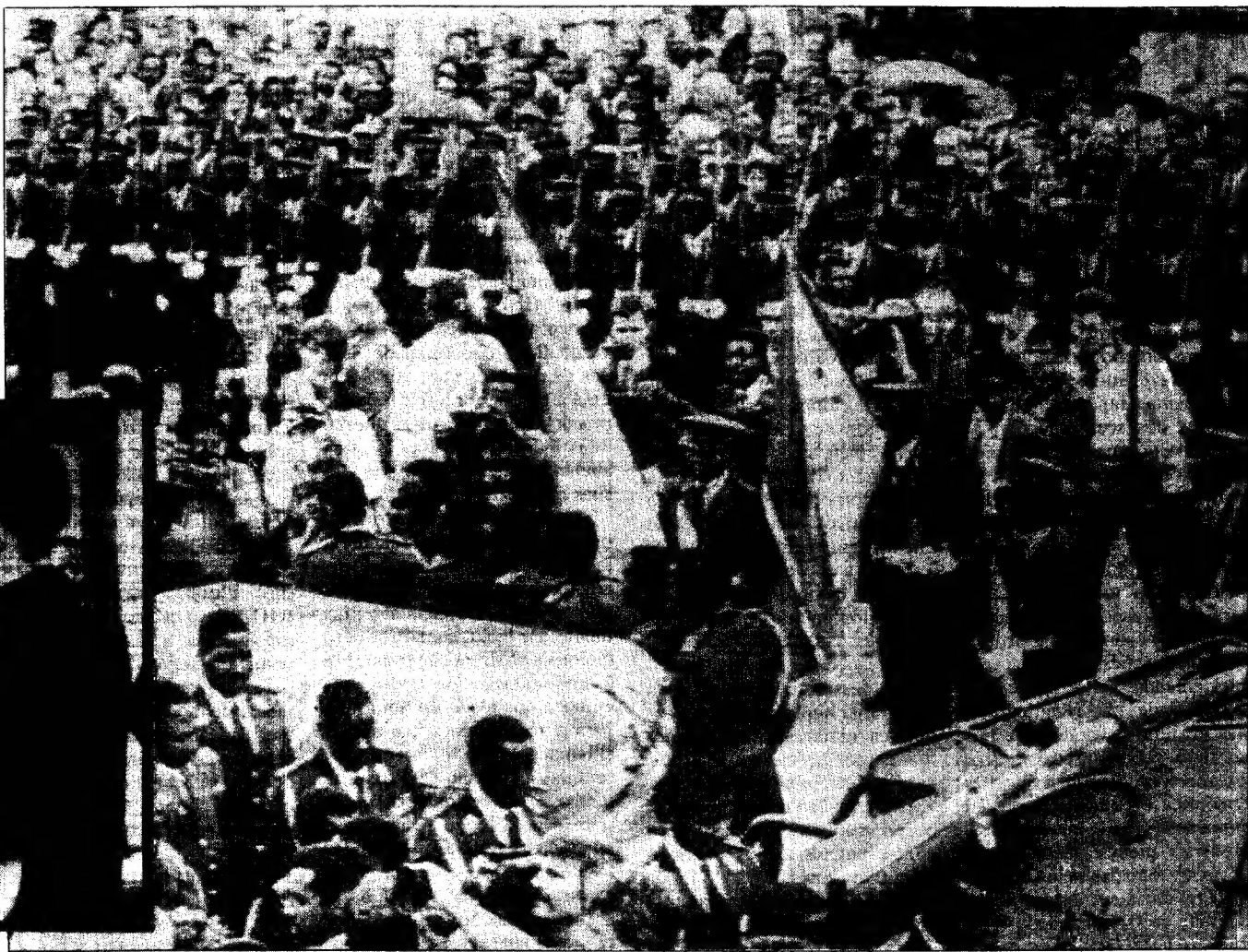
Marcelino dos Santos na despedida a Machel

"JURAMOS CONSTRUIR O MOÇAMBIQUE QUE SONHASTE"



«Juramos construir o Moçambique que sonhaste, desenvolvido e próspero, a Pátria socialista moçambicana», disse Marcelino dos Santos, esta manhã, perante os restos mortais do Presidente Samora Machel, cujo funeral se realizou esta manhã. O ambiente, hoje de manhã, em Maputo, de acordo com a crónica do nosso enviado especial, *José António Cerejo* era sereno. «Moçambique está confiante e os seus dirigentes unidos. Samora morreu mas o seu combate continua», escreve o jornalista do «DL».

Págs. 12 e 13



"Esperanças" jogam hoje

Suíça-Portugal para o "europeu"

Enquanto os «seabrinhas» chamados a formar a selecção de emergência aguardam as 19 horas de amanhã para a sua segunda intervenção na fase de qualificação para o «Euro-88», esta tarde, às 18 horas, no estádio cantonal de Entlebuch, nos arredores de Berna, o quadro de «esperanças» medirá forças com os seus parceiros helvéticos, em jogo que conta igualmente para o «europeu». Deverá alinhar o conjunto que defrontou a Suécia com uma alteração: Roçadas rende Pedro Xavier, lesionado.

Pág. 15

O «DL» NO FESTIVAL DE GASTRONOMIA DE SANTARÉM

com patrocínio

APETITE

apetite mais saboroso

Homenagem de despedida a Samora Moisés Machel

J. Laginha Serafim

Querido Samora, perdemos-te: É trágico que te tenhamos perdido porque tu eras nosso amigo, o forte obreiro da nossa amizade, duma amizade civilizada, porque ela era sincera, consciente e pragmática; porque essa amizade tinha raízes culturais entre o nosso e o vosso povo, mas não sabemos porquê nem como te perdemos. Provavelmente ficará também nas grandes interrogações da história, a forma como te perdemos. A verdade virá ao de cima.

Hoje já não havia quase ninguém no mundo que não te admirasse, te respeitasse e muito esperasse de ti. Quando foste a Coimbra este que escreve, disse: «Samora Moisés Machel passaste com 20 valores nesta Universidade, porque fizeste uma das mais bonitas lições de agradecimento, aos nossos mestres, que jamais ouvimos. Foi opinião geral de que efectivamente todos ficaram admirados com a tua capacidade, a tua sobriedade, o teu saber nas relações humanas e sobretudo com a justiça e a eminência das tuas palavras.

Acredita que os que ficámos vamos combater a teu lado. Nós

vamos querer um mundo fraterno e digno. Nós vamos querer uma África Austral que represente o progresso da humanidade, da humanidade unida; de uma humanidade nova, sem raças, sem receios, sem medos, orientada para a inteligência livre e pelo desiderato da justiça social.

Tu eras uma das maiores personalidades do mundo de língua portuguesa. Não há muitos dias que no Brasil ouvimos elogiar-te, e principalmente ouvimos sempre elogiar-te depois que tu conhecesse as pessoas que falaram de ti. Tu eras um digno representante do povo moçambicano, desse povo que tem já um lugar ao sol. Esse povo terá um lugar ao sol, será feliz, será digno, será livre, será democrático, será rico porque irá construir a sua riqueza na sua terra fértil, destinada a ser terra de gente digna, ainda que hoje humilde.

A Terra da África Austral é rica em todos os seus aspectos.

É rica porque muitos dos seus líderes e muitos dos seus habitantes são ricos de espírito e são bravos na sua sabedoria, são bravos no seu desejo de independência, são bravos na sua dignidade. A terra austral africana é uma terra hoje dividida mas os homens conscientes, os melhores intelectuais estão todos inteiramente ao teu lado.

Tu não querias, nós também não queremos mais a tua terra dividida por tribos, por raças, por injustiças, por imperialismos, por desejos de exploração do homem pelo homem que pretendem conservar para a eternidade. Nem tão-pouco por ideologias carentes de generosidade.

Tu sabias que todo o homem é igual ao outro homem e que o homem é bom e é amigo e o magnificam quando o tratam e lhe fazem bem. Tu eras bom. No entanto, tu não chegaste a fazer aquilo que sempre mais desejaste: a liberdade completa do teu povo. Tu eras aquele que combatia com todas as forças para que se estabelecesse igualdade entre os homens, para que a terra fosse livre, para que o desenvolvimento de Moçambi-

que fosse um facto. Tu respeitavas a ciência e a tecnologia, e muitas vezes o dissesse. Tu amavas as artes e os artistas. Tu admiravas a capacidade do homem para fazer coisas dignas, úteis para os outros homens. Tu querias que as Ciências e as Humanidades se implantassem no teu país. Tudo isso se há-de implantar. Nós te garantimos que o desejamos, que o faremos para que isso venha a ser realidade. E isso ainda se fará naqueles dias que tu poderias ter vivido, isto é, num futuro próximo.

Nas tuas aldeias comunais vimos começar o ensino primário generalizado a todas as crianças da tua terra, em escolas em cima do próprio chão batido, ao abrigo de algum capim no tecto da palhota. Mas esses professores e professoras, esses alunos e estudantes queriam e querem de facto, dar o passo em frente. Vencer a ignorância, conquistar a sua independência intelectual e a sua dignidade.

Os outros impuseram-te uma guerra iníqua, racista e imperialista, sem a mais pequena base ideológica nem propósito. Mas tu lutavas contra essa



guerra como o melhor e mais belo soldado da civilização presente. Não conhecemos nenhum outro líder do mundo que estivesse para atingir a craveira que tu atingiste.

Bem hajas Samora pelo que fizeste. Esta pequena homena-

gem é muito menos do que aquela que nós deveríamos fazer. Que a tua morte, que o teu desaparecimento, sejam efectivamente, o fermento para uma humanidade que atinja a felicidade e a paz que tu tanto desejava.

As vinhas da ira comunitária

Blasco Hugo Fernandes

Que a política da Comunidade Económica Europeia (CEE), tal como a que tem assento no poder em cada um dos países que a integram, quer pelo seu conteúdo quer pela sua substantivação, visa o concentracionismo nos principais ramos de actividade económica é uma realidade que se torna dia-a-dia mais transparente. Revelam-no, de resto, os documentos fundamentais definidores dos seus objectivos, a sua história e mais de meio século, a filosofia dos seus autores e, enfim, as posições assumidas pela maioria dos seus actores. Irrrompe esta evidência particularmente se, ao analisarmos um determinado problema, transitarmos dos aspectos «meramente» técnicos para as suas profundas motivações, reconhecendo lucidamente a inexistência de neutralidade nas tecnologias e nas medidas económicas e procurando, sobretudo, caracterizar a respectiva componente socioeconómica e política, ainda que subjacente. Neste quadro se entenderão melhor algumas das decisões tomadas pela Comunidade relativamente ao nosso País e a falta de «solidariedade» para com as necessidades de desenvolvimento de certos sectores da economia portuguesa. Simultaneamente confere-se o indispensável destaque às relações económicas entre países (economias, grupos económicos, estratos sociais) que ontem contribuíram para moldar os termos do acordo da nossa adesão à CEE e que hoje enformam as decisões vinculadoras relativas à nossa economia. Sobre este último aspecto, o regulamento (CEE)

n.º 2239/86 de 14/Julho/1986 alusivo à vitivinicultura portuguesa ilustra, com suficiente clareza, o objectivo concentracionista da Comunidade nesta área da economia agrícola, o que, aliás, se acha em sintonia com a nossa política nacional.

Com efeito, para determinado grupo de produtores vitivinícolas cujas terras sejam impróprias para esta cultura ou susceptíveis de se converterem noutras produções meuas concorrenciais, o afastamento do sector e/ou a sua não incorporação no mercado são inequívocas nas intenções do citado regulamento comunitário. Para que a eficácia desta medida não seja comprometida, foram instituídos prémios que encorajem estes viticultores a abandonar a respectiva actividade, deixando desse modo espaço para mais larga implantação dos produtores remanescentes ou melhores condições de mercado para as suas produções.

Outro núcleo de vitivinicultores poderá vir a ser contemplado com eventuais apoios financeiros provenientes do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícolas (FEOGA) e destinados, segundo o regulamento anteriormente mencionado, à reestruturação das suas vinhas (arranque e replantação). A finalidade expressa no diploma comunitário é a de criar condições para uma melhoria da qualidade de produção vinícola e de uva de mesa. Seria ilusório admitir que estes apoios comunitários abrangem uma parcela significativa dos agricultores deste ramo do sector, pois o regulamento estabelece condições que, logo à par-

tida, marginalizam directa ou indirectamente um número apreciável deles. Assim, por exemplo, para o caso de reestruturação individual a superfície mínima que dê possibilidades de candidatura a estes subsídios da Comunidade é de 0,25 hectare. Tendo em conta os dados disponíveis (INE, **Recenseamento Agrícola-Continente/1979**), verificamos que cerca de 46% das explorações com vinha têm uma área inferior a 0,2 ha., não preenchendo portanto o quesito atrás indicado que lhes permita abalançar a uma melhoria das suas estruturas produtivas.

Outras exigências restringem o número dos eventuais candidatos à reestruturação das suas vinhas e que tenham passado a malha da rede citada anteriormente. De facto, quando se condiciona a contribuição financeira à apresentação de dados tais como a qualidade do solo apto para a reestruturação, a área a submeter às modificações consentidas no âmbito deste regulamento e o escalonamento dos trabalhos ao longo do tempo, a aptidão das regiões para produtos de qualidade, o tipo de cepas e a sua origem, etc., facultam-se o acesso apenas aos vitivinicultores com capacidade técnico-económica para satisfazer tais requisitos, determinando-os directamente ou recorrendo para esse fim a serviços externos à empresa. Os restantes produtores, por qualquer das razões apontadas, ficam colocados à margem do processo de reestruturação desta cultura, acabando mais tarde ou mais cedo por se desinserir (ou não se integrar) do mercado comunitário. Entre esta situação, pouco ou nada estimulante e até

frustrante, e o abandono da actividade produtiva vai um pequeno passo, criando-se condições adicionais para que os produtores de maior poder económico expandam as suas unidades de produção e dominem o sector vitivinícola. O grande número dos rejeitados deste processo poderá eventualmente ir engrossar as fileiras dos que demandam trabalho em sectores extra-agrícolas, em consequência não só da política económica produzida na Comunidade, mas também, e sobretudo, da que é elaborada a nível nacional. Não existem, na realidade, discrepâncias entre uma e outra. Num âmbito mais geral, são esses os objectivos definidos nas **Grandes Opções do Plano para 1987/90** (GOP's) no que concerne o sector agrícola: a viabilidade económica assegurada é condição para a possível obtenção de meios de modernização e de intensificação, enquanto se reserva a reconversão para os sistemas que não se achem naquela situação (ob. cit., pg. 235). No seio da Comunidade, o regulamento (CEE) n.º 2239/86 de 14/07/1986 visa por seu turno, no caso concreto da vitivinicultura, acelerar a exclusão de determinadas economias a fim de diminuir o potencial vitícola comunitário. Em última análise, tanto numa área como noutra, as opções e as medidas destinam-se essencialmente a melhorar as condições de utilização e de rentabilidade do capital dominante, a nível quer nacional quer comunitário.

Não se infira do exposto que se advoga a manutenção de explorações ou de unidades de produção que não reúnam condições

ou que não estejam vocacionadas para uma actividade económica vantajosa, no respeito dos padrões de qualidade actualmente exigíveis. A modernização é naturalmente necessária, sendo no entanto indispensável que ela seja socialmente orientada e conduzida a fim de anular ou minimizar os custos sociais e oferecer ao mesmo tempo, de uma forma institucionalizada, alternativas económicas e segurança social aos estratos que forem afectados gravemente pelas transformações realizadas ou previstas no processo de modernização. O contexto político no qual este último se insere é, portanto, decisivo: para que a modernização não seja selectiva, além de assegurar a existência de uma estrutura material abrindo perspectivas à produção, a capacidade das explorações em absorver as inovações e o progresso tecnológico e, finalmente, estruturas e relações sociais geradoras dos mecanismos de desenvolvimento, é indispensável que o seu enquadramento permita efectivamente a reconstrução socioeconómica da economia global e a dos seus sectores. Não se vislumbra um denominador comum entre esses objectivos, por um lado, e as GOP's e as orientações da CEE, por outro. Requer-se, por este facto, uma nova construção política dando lugar a um crescimento-desenvolvimento agrícola (e económico) que não esteja em contradição com os homens, oprimindo os mais débeis, e as diversificadas cooperações internacionais, salvaguardando e promovendo as produções e a economia nacionais, dentro do condicionamento anteriormente referido.

Cartas grialhadas

Pontuação (vírgulas e dois pontos) assaltando o texto como meteoritos, vogais e consoantes disparadas para onde não deviam sê-lo, Jack Lang transformado em Lack Lang, tudo isto deu à secção «Cartas Multadas» ontem publicada uma tonalidade de exército em debandada que o autor, como se calcula, não tinha previsto. Felizmente, a ortografia do português não era o seu tema. Quem leu, sem desarmar, até ao fim, e percebeu o que fundamentalmente se pretendia transmitir, tem lugar assegurado no paraíso dos leitores de jornais, se ele existe.

Acerca do capítulo *Camoens*, in *The Spirit of Romance*, de Ezra Pound, que citávamos nas «Cartas Multadas», informa-nos Marques Gastão de que a sua tradução por Palla e Carmo não é a primeira feita para português:

com efeito, o pequeno texto foi publicado em Outubro de 1980 pela *Fenda*, de Coimbra, traduzido por Isabel Pedro dos Santos e com uma introdução de Stephen D. Wilson, ambos da Universidade de Coimbra. Aqui fica a devida correcção.

O próprio Marques Gastão, em artigo sobre o *Patria Mia*, de Pound, publicado pelo *O jornal «O Dia»*, se referiu a essa edição de pequena tiragem, e hoje praticamente impossível de encontrar.

Curiosamente, o dr. Stephen Wilson profere esta noite mesmo, no Grémio Literário, uma conferência de introdução aos *Cantos* de Ezra Pound, integrada no centenário do nascimento do poeta e crítico americano.

J.M.

Memória do Tarrafal

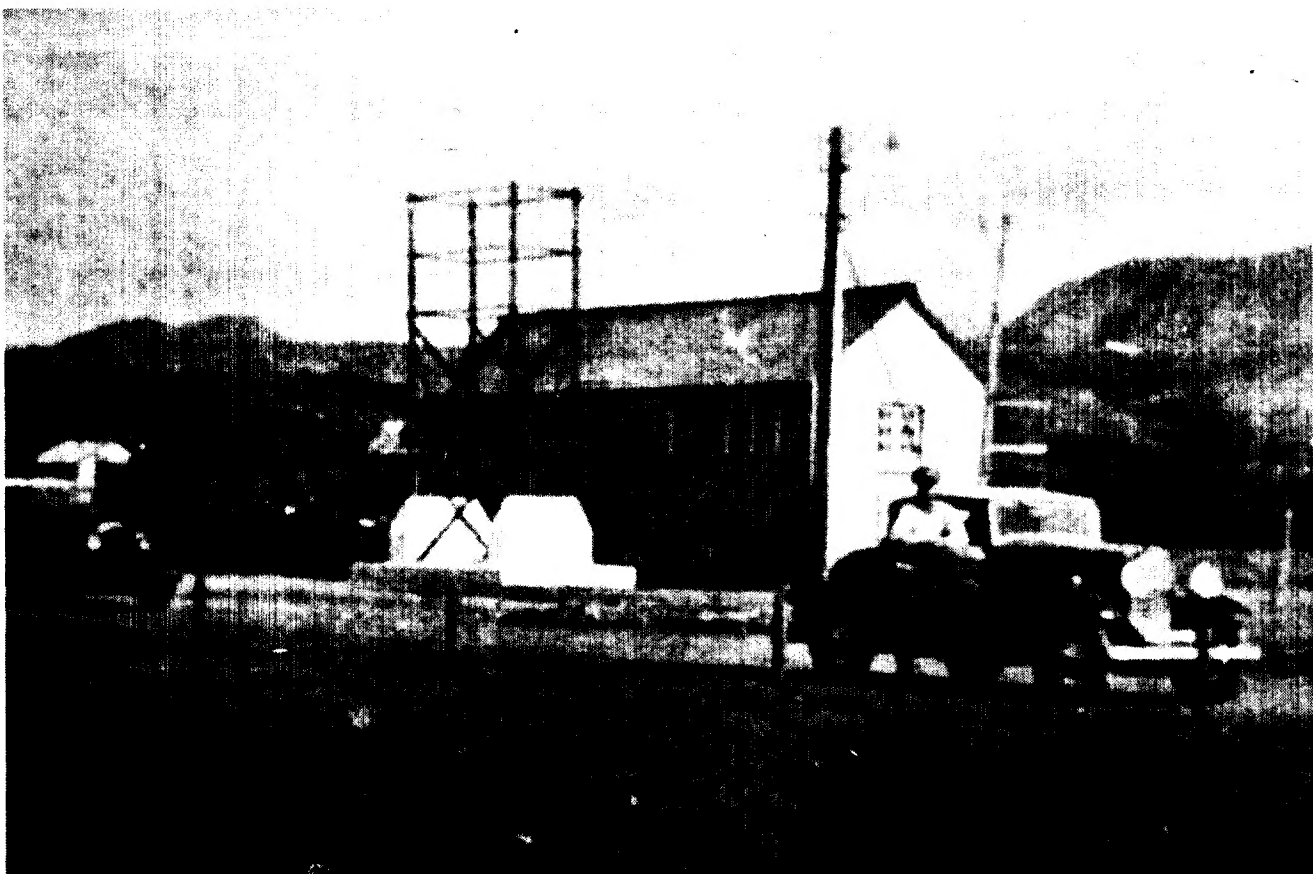
FOI há cinquenta anos. Meio século já passou. Alguns querem esquecer. Alguns esqueceram. Os mais novos não sabem. Tarrafal? O que é? O que foi? Mas é preciso não esquecer. Tem a data de 23 de Abril de 1936, o decreto que criou o Campo de Concentração do Tarrafal. Governava o ditador António de Oliveira Salazar. Criar, nas ilhas de Cabo Verde, um Campo de Concentração, estava na índole do regime que adoptou, imitativamente, instituições e métodos da Alemanha hitleriana e da Itália mussoliniana. O Tarrafal, conhecido pela designação de «Campo da Morte Lenta», não foi Dachau, nem Auschwitz. Foi o terror repressivo à nossa medida, foi, à nossa medida, uma oficina de morte. O carcereiro Manuel dos Reis dizia: «Quem vem para o Tarrafal, vem para morrer».

Só a 29 de Outubro de 1936, faz agora cinquenta anos, o Campo de Concentração começou a funcionar com a entrada da primeira leva de prisioneiros: 157 operários, marinheiros, intelectuais. Todos condenados, ou por decisão policial deportados, em razão de actividades políticas, de resistência ao fascismo, de combate ao fascismo. Na sua maioria, esses 157 antifascistas tinham participado no protesto operário de 18 de Janeiro de 1934 ou na revolta dos marinheiros em 8 de Setembro de 1936. Dos cárceres da PIDE, das prisões do continente e da Fortaleza de Angra do Heroísmo, iam para a ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde, para, afastados de familiares e dos companheiros, segregados, isolados, esquecidos, esperarem a morte por desgaste físico, por doença, a «morte lenta».

O primeiro que morreu — registe-se o nome — foi Pedro Matos Filipe. Mas trinta e quatro portugueses ali perderam a vida. E, entre eles, grandes figuras do movimento operário como Bento Gonçalves, secretário-geral do Partido Comunista, o dirigente anarquista Mário Castelhana, o comunista Alfredo Caldeira, o anarco-sindicalista Arnaldo Simões Januário, de Coimbra, o comunista, António Guerra, da Marinha Grande, o jornalista Manuel Alpedrinha. Trinta e quatro portugueses morreram no Campo de Concentração do Tarrafal, mas muitos outros regressaram arruinados, regressaram com doenças graves e as sequelas de doenças maltratadas, regressaram para morrer. Lembremos, entre esses, uma grande figura intelectual: o Dr. Alberto Emílio de Araújo.

Eram cerca de 3 hectares vedados por arame farpado e rodeados por um fosso num local onde era intenso o paludismo. No campo foram construídas baracas para albergar os prisioneiros. A guarda dos presos estava entregue a agentes da PIDE. A segurança do Campo confiada a uma força militar. Como escreveu Mário Dionísio, há anos, no «Diário de Lisboa»: «Não foi só no Tarrafal que se sofreu-se resistiu, se lutou. Sofreu, resistiu-se, lutou-se sem descanso em muitos outros locais especializados na tortura e na requintada tentativa de degradação moral: na António Maria Cardoso, em Angra, no Aljube e em Peniche ou em Caxias, nos calabouços do Governo Civil, nas esquadras da Polícia, em todas as enxovias de uma terra brutal e longamente amordaçada. E sofreu-se, resistiu-se, lutou-se também nos campos e nas fábricas, e nas escolas, e nas ruas, na Imprensa, nas próprias casas de cada um, assaltadas a qualquer hora do dia ou da noite, ou constantemente vigiadas. E tantas eram essas grandes, pequenas ou pequeníssimas zonas de luta permanente e variada que nunca foi possível ao imenso e excelentemente montado aparelho repressivo descobri-las todas. Nem todos os que, de uma maneira ou de outra, mais declarada ou mais ocultamente, a vida inteira resistiram e lutaram. Mas o símbolo maior de todos esses actos de desassombro, dignidade e persistência, o símbolo dos símbolos é, sem dúvida, e para sempre o será, o Tarrafal.»

Recordam-se cinquenta anos sobre a data em que o Tarrafal — «Campo da Morte Lenta» — foi criado. Antigos deportados, antifascistas sobreviventes, há oito anos disseram ao «DL»: «Não houve em Portugal prisão onde o fascismo mais se manifestas-



se...». Era o isolamento, a correspondência com as famílias controlada e muitas vezes apreendida, violada e apreendida as encomendas, a má alimentação, a falta de assistência médica, os arbitrários castigos disciplinares, os espancamentos, a tortura da «frigideira», os trabalhos forçados. O Tarrafal foi uma realidade terrível que marca a brutalidade odiosa de um regime repressivo. Hoje tem um valor simbólico. A PIDE e o Tarrafal são realidades do fascismo português que importa não esquecer. Crimes contra um povo que seria criminoso deixar cair no esquecimento.

Dos testemunhos e relatos escritos sobre a vida e a morte no Tarrafal, merece destacada referência o volume colectivo «Tarrafal/Testemunhos», que também é um interessante documento gráfico. O livro constitui uma memória que é preciso conservar e divulgar. Os «brandos costumes» do salazarismo fascista se, em Portugal continental, não recuaram perante as práticas vis da tortura e o assassinio — do médico Ferreira Soares ao operário Alfredo Dinis e ao general Humberto Delgado —, no Tarrafal, friamente, perpetraram o desgaste psíquico e a supressão física de muitos dos melhores quadros do movimento operário português: comunistas, anarquistas, anarco-sindicalistas. E mesmo republicanos, antifascistas cujo crime era a disposição de cooperar com os «aliados democráticos» — a Inglaterra, a França, os Estados Unidos — na luta contra o nazi-fascismo, foram enviados para o Tarrafal. Não esqueçamos Cândido de Oliveira e os seus companheiros de deportação.

Sabemos que, com todo o seu horror, o Tarrafal não foi Dachau, nem Auschwitz; sabemos que os trinta e quatro mortos portugueses não poderão ser postos em balanço com as vítimas das «oficinas da morte» dos hitlerianos. Mas a problemática do fascismo português e a avaliação do que foi o Tarrafal, não poderão ser submetidas a esse procedimento redutivo. Qualitativamente, como crime contra os homens e a sua dignidade, um «Campo de Concentração» equivale a outro qualquer «Campo de Concentração». Maiores ou mais pequenos, tendo produzido dezenas de mortes ou muitos milhares de mortos, adoptando o «suplício da frigideira» ou utilizando o «forno crematório», os campos de repressão e de extermínio foram horrores que mostram até onde podem descer, na violência e no ódio, seres humanos ao serviço de um poder de Estado reacçãoário e brutal, embriagados por ideologias sinistras. Crimes contra o homem e contra a Humanidade que a História registará, é certo, mas que importa que estejam presentes na consciência colectiva.

Temos, nós, portugueses, tendência para deixar cair no esquecimento o que se passou em Portugal de 1926 a 1932, de 1932 a 1974. A impunidade dos responsáveis e servidores do regime fascista criou uma situação de grande ambiguidade política e moral. Foram recrutados para o novo sistema de poder, homens que tinham ligações com o passado e no passado responsabilidades morais e políticas; e desconheceu-se a contribuição de outros para a conquista da Liberdade e para a continuidade da Resistência. Ninguém preconizou que se ajustassem contas com o passado, mas desejava-se o respeito pelas vidas sacrificadas, a justiça moral e material às vítimas da repressão fascista. O cinquentenário da criação do «Campo da Morte Lenta» — com grande indiferença oficial — será comemorado por iniciativa dos sobreviventes. É evidente que o País de Abril se diminui não dando à efeméride o seu significado histórico.

Honras são devidas aos mortos do Tarrafal, e respeito e justiça deverão ser tributados aos sobreviventes. Mas o caso — a criação do «Campo da Morte Lenta» há cinquenta anos — coloca um problema político. Não basta que o povo clame: «Fascismo nunca mais». Não basta que políticos distintos e sinceros declarem que a ordem democrática, instituída com o 25 de Abril está firme, que é irreversível. É necessário fazer a pedagogia da Democracia. É necessário educar as jovens gerações, ensinando-lhes o que são as liberdades democráticas e ensinando-lhes o que era, e como actuava, a tirania fascista.

A defesa da Democracia que temos, a defesa das liberdades e conquistas democráticas, implica o conhecimento de como se viveu em Portugal durante os 48 anos de opressão, de censura e perseguições políticas. Existem cidadãos e Imprensa que se são saudosistas do «Estado Novo» e aproveitam todos os ensejos para fazerem, directa ou indirectamente, a apologia do «antigamente». Não pensamos que esse contrabando não atinge o mercado social livre. Estão em exposição e à venda mercadorias envenenadas, materiais de intoxicação. Prestemos-lhes atenção. A Liberdade consente os «inimigos da liberdade». Mas não deve ignorá-los. Nem devem os amigos da Liberdade deixar de por ela combater. A comemoração do cinquentenário da criação do Tarrafal é um desses combates. Mais do que uma piedosa rememoração deverá ser uma lição de História viva, uma lição de Política presente.

É preciso não esquecer. O Tarrafal existiu. Foi um crime contra o Homem. Foi um crime contra a Liberdade.

Mário
Zambujal



"À noite logo se vê" como a brincar se podem dizer coisas muito sérias...

Ribeiro Cardoso

Mário Zambujal soma e segue: esta tarde, num hotel de Lisboa, o «Círculo de Leitores» e «Edições Rolim», apresentam o seu novo livro, que tem um título bem sugestivo — «À noite logo se vê».

Ao telefone com o autor desses dois enormes sucessos que foram «Crónica dos Bons Malandros» (mais de 100 mil exemplares vendidos) e «Crónicas de Fim de Rua» (mais de 60 mil) falamos do «À noite logo se vê».

«Zambujal, à noite logo se vê o quê? Que livro é este?»

«Bom, é um livro que, a exemplo do que aconteceu com os outros que já escrevi, não passa de um pretexto para contar umas histórias...»

«Histórias ou história?»

«Digamos que é uma história com muitas histórias pelo meio... Ou se quiseres, um bouquet de histórias. Ou ainda, de outra maneira, mas que vem a dar no mesmo, pequenas histórias que englobam uma história central.»

«Histórias sobre quê? De que tipo? À noite, logo se vê, podem surgir histórias policiais, de amor, sei lá que mais.»

«Pois, mas neste caso é uma história de um mistério...»

«Não me digas que agora escreves policiais...»

«Não é bem isso. Este livro foi-me 'encomendado' pelas 'Edições Rolim' para a colecção 'Fantástico'. E eu escrevi uma história que tem a ver, ao fim e ao cabo, com o fantástico dia-a-dia que todos nós vivemos.»

«Ias a falar de um mistério...»

«Pois ia. O livro conta uma história que aconteceu há muitos anos numa aldeia. Trata-se de uma investigação...»

«...Feita pelo autor? Antes de escreveres a história andaste a investigar?»

«Nada disso. Quem investiga é um investigador que eu criei. Eu não... Ora bem: o nosso investigador vai saber porque é que numa aldeia, durante muitos anos, não nasceram nem meninos nem meninas. E a propósito dessa história central muitas outras histórias vão sendo contadas. É tão simples como isso...»

«E porque seria que os meninos e meninas não nasciam?»

«Isso o melhor é ler o livro... Até porque a minha única pretensão é proporcionar uns momentos agradáveis, de divertimento, através da leitura. O que, convenhamos, é já por si uma pretensão enorme...»

«Dizes sempre isso: só queres divertir, só queres contar histórias, não és escritor, continuas jornalista... Mas os livros vão aparecendo e sempre com grande êxito. Afinal: és ou não escritor?»

«Digo sempre isso porque é isso mesmo que eu quero: que os leitores tenham prazer em ler. Quanto a ser escritor... Bom, a verdade é que em Portugal se joga muito às palavras. No momento em que escrevo claro que o estou a ser... Mas a minha actividade normal não é escrever livros... Não tenho vida, como sabes, para isso... Escrevi um livro em 80 (Crónica dos Bons Malandros), três anos depois foi a vez das 'Crónicas do Fim de Rua' e agora é este 'À noite logo se vê'. É tudo.»

«Tudo? Não tens projectos para novos livros, para novas histórias?»

«Depois logo se vê...»

«À noite?»

«À noite ou de manhã... Tanto faz. Falando a sério: para já não tenho projectos, nada está na forja. Se este novo livro for bem recebido, naturalmente sentir-me-ei estimulado a fazer mais coisas. Mas para já não tenho nada na manga.»

«Além de trabalhares na RTP, na área da Direcção de Programas, salvo erro...»

«...É mesmo aí...»

«Ótimo. Além disso, dizia, tens escrito textos para a revista à portuguesa. Como é que arranjas tempo para tudo isso e como é que te tens saído nesse ramo da escrita?»

«Bom, o tempo sempre se arranja se a gente gosta do que faz... Tenho dado a minha colaboração a pessoas que sabem de teatro e tem sido uma actividade que me tem dado muito gozo. Agora está em cena a revista 'Isto é Maria Vitó-

ria', que escrevi com o Nicholson e o Henrique Santana...»

«...Mas antes foi o 'Não Batam Mais no Zezinho'...»

«...Foi sim senhor. E foi um êxito enorme. Bateu todos os recordes de permanência em cena. Aí, além do Henrique Santana e do Nicholson trabalhei com o Bracinha, que faleceu recentemente. Foi uma experiência inesquecível. Na verdade gosto muito de escrever para revista. É um mundo interessantíssimo e um espectáculo que dá a possibilidade de fazer coisas importantes e divertidas.»

«Insistes muito na questão do divertimento. Porquê?»

«Porque entendo que a brincar se podem dizer coisas muito sérias. E além do mais é também uma questão de estilo...»

«Isso tem alguma coisa a ver com o jornalista que sempre tens sido...»

«...Que tenho sido e quero continuar a ser...»

«Certo. Mas tem alguma coisa a ver?»

«Claro que o meu estilo tem muito a ver com a minha vida e com a minha actividade de jornalista, em que a clareza, a limpeza de escrita e a preocupação de comunicar são fundamentais. Tenho a certeza que estou muito marcado por isso. Agora a verdade é que quando escrevo livros e não notícias nos jornais, tenho uma grande vantagem...»

«Qual?»

«É que nos livros sou eu quem inventa os acontecimentos (embora muitas vezes partindo do real), ao passo que quando se escreve nos jornais são os acontecimentos a comandar a escrita... Ora isto é uma vantagem enorme... Não estás de acordo?»

«Bom, eu nunca escrevi um livro. Não sei. Mas depois logo se vê...»

«À noite?»

«À noite ou de manhã... Tanto faz... Ou talvez esta tarde, quando nos encontrarmos na sessão de lançamento do teu novo livro, que, tenho a certeza, vai ser um êxito.»

«Oxalá. Mas depois logo se vê...»

João Jardim na Irlanda discute novas tecnologias

O presidente do Governo Regional da Madeira, João Jardim, participa hoje em Killarney, República da Irlanda, na conferência das regiões periféricas marítimas da CEE. O comité político da conferência, do qual Jardim faz parte, reunirá ainda hoje.

A conferência das regiões periféricas debruçar-se-á sobre actividades relacionadas com a protecção dos litorais, transportes, cultura, turismo, juventude e regiões insulares. Um dos pontos da ordem de trabalhos relaciona-se com a exploração de novas tecnologias e de novas políticas para a Comunidade Económica Europeia.

A análise do enquadramento das organizações das regiões periféricas da CEE no conselho das regiões da Europa recentemente criado está também prevista, cabendo a João Jardim a elaboração das conclusões deste debate e o seu encerramento.

Além do chefe do executivo madeirense participam nos trabalhos o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, Manuel Porto, e representantes das comissões do Norte e Alentejo, entre outros.

Portugal e Cabo Verde discutem cooperação militar

O ministro cabo-verdiano das Forças Armadas e Segurança, Júlio de Carvalho, encontrou-se ontem em Lisboa com o ministro da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeida, para uma troca de impressões sobre cooperação entre Portugal e Cabo Verde.

Segundo fonte militar cabo-verdiana, Júlio de Carvalho está em trânsito para Cabo Verde, após uma visita oficial à RFA. Na sua passagem por Lisboa, aquele governante aproveitou a oportunidade para tratar com Leonardo Ribeiro de Almeida de questões relacionadas com a implementação de acções de cooperação no âmbito da formação de quadros das Forças Armadas.

Na Alemanha, o ministro cabo-verdiano analisou com as autoridades locais questões gerais de cooperação entre os dois países, com incidência em acções de assistência técnica. Portugal tem cooperado com Cabo Verde em acções pontuais mas regulares no âmbito da formação de quadros das Forças Armadas.

Ainda recentemente, um oficial da marinha cabo-verdiana frequentou um curso de formação na Escola da Marinha do Alentejo.

Fernando Amaral deverá "repetir"

Parlamento elegerá hoje o seu presidente

A eleição do presidente da Assembleia da República e dos restantes membros da Mesa do Parlamento constitui o único ponto da agenda da sessão plenária desta tarde. Dos 13 deputados que fazem parte da mesa, onze são propostos à reeleição (apenas um, José Manuel Maia, do PCP, ocupa o cargo ininterruptamente desde o início da Constituinte).

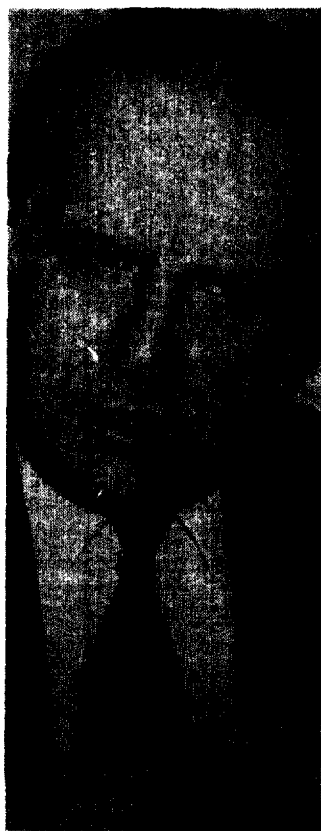
Fernando Amaral, um advogado de Lamego, que tem vindo a ser sucessivamente reeleito pelo distrito de Viseu é presidente da AR desde 1984, e foi até hoje o único candidato à sua própria sucessão.

Os candidatos a vice-presidente são Marques Mendes (PSD), Carlos Lage (PS), Marques Júnior (PRD) e José Vitoriano (PCP). Os candidatos a secretários são, por seu turno, e pela mesma ordem partidária Reinaldo Gomes, Mota Torres, Cunha e Sá e José Manuel Maia. Daniel Bastos (PSD), Caio Roque (PS), Carlos Ganopa (PRD) e Jorge Patrício (PCP) serão candidatos a vice-secretários. As únicas novidades são pois Caio Roque e Carlos Ganopa, os quais substituem respectivamente Aloísio

Fonseca e Sousa Pereira.

Na sessão de hoje realizar-se-ão duas eleições por voto secreto: uma para o presidente, outra para os restantes membros da mesa. O mandato de todos eles é de um ano.

Para ser eleito presidente, Fernando Amaral terá de suscitar a seu favor mais de metade dos votos expressos (votos a favor, contra, abstenções e brancos), pelo que se tal não acontecer a votação terá de ser repetida. Segundo o protocolo oficial, o presidente do Parlamento continua a ser a segunda figura da hierarquia do Estado, mas desde a revisão de 1982 que deixou de substituir efectivamente o Chefe do Estado, durante as suas deslocações ao estrangeiro.



Portugueses e chineses lançam a Tudor em Macau

Uma empresa portuguesa, duas chinesas e um industrial macaense acabam de fundar a Sociedade de Macau do Acumulador Tudor cujo investimento previsto ascende a 1,4 milhões de contos, informou ontem em Lisboa a Tudor Portuguesa.

A Tudor Macau é uma «joint-venture» da qual fazem parte a Sociedade Portuguesa do Acumulador Tudor, a Sociedade Industrial de Artigos Eléctricos e Máquinas de Guangdong, a Companhia Nam Yut e o industrial macaense Ng Fok. O investimento eleva-se a 10 milhões de dólares norte-americanos, (mais de 1,4 milhões de contos) e a unidade fabricará baterias de arranque, tendo já para o efeito obtido da administração de Macau a concessão do terreno necessário em Pac On, ilha da Taipá, para a instalação da fábrica.

De acordo com a Tudor Portuguesa, parte dos componentes serão fabricados na província chinesa de Guangdong, vizinha a Macau.

Esta empresa teve no ano passado um volume de negócios de cerca de 4,5 milhões de contos, com mais de 300 000 contos de lucros e emprega cerca de mil trabalhadores, tendo em 1983 assinado com o ICEP um contrato válido para 1988 que prevê um volume de exportações da ordem dos cinco milhões de contos.

Guterres está contra projecto de regionalização do Governo

O secretário nacional do Partido Socialista, António Guterres, afirmou rejeitar o projecto de regionalização proposto pelo Governo, com a criação de zonas administrativas «desde o mar até à fronteira com a Espanha».

Guterres, que é natural da Beira Interior, mais precisamente do Fundão, justificou dizendo que «o peso demográfico, político e eleitoral do litoral, bem como as relações tradicionais de predomínio económico-social, fariam com que, no interior, regiões desse tipo tendessem a continuar os desequilíbrios em favor do litoral».

Guterres, que defende a criação de regiões administrativas, defende a sua institucionalização por forma a que este processo constitua «um factor de unidade nacional e não um factor de desagregação».

Na óptica deste político, a delimitação das regiões administrativas não pode ser baseada em critérios de simples matéria económico-social pelo que considera fundamental a participação das populações. Por outro

lado, prosseguiu o dirigente socialista, essa delimitação deve ter em conta «de forma decisiva, a identidade cultural da população e a tradição administrativa que assente em raízes históricas reais».

Neste contexto, Guterres defendeu três critérios para a delimitação de regiões, sendo que, numa primeira fase, estas deveriam ser constituídas por «aglutinação dos distritos existentes». Ainda nesta fase, admitiu a possibilidade de se realizarem ajustamentos de fronteiras entre regiões e expressou, a propósito, a opinião de que «é um dado adquirido que os concelhos do sul do distrito de Setúbal devam pertencer ao Alentejo».

Quanto às áreas do interior «devem ter expressão política própria e constituir, portanto, regiões administrativas», distintas

das do litoral, reivindicando junto do poder central a transferência de meios indispensáveis ao equilíbrio do processo de desenvolvimento.

No que diz respeito às áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto António Guterres não defende a sua constituição em regiões administrativas «pois não é possível isolar o seu desenvolvimento do das zonas que constituem o seu interland».

Mais concretamente, para o responsável do PS o continente poderia ficar dividido em sete regiões: Trás-os-Montes e Alto Douro, Entre-Douro-e-Minho, Beira Interior, Beira Litoral, Oeste Ribatejano incluindo a península de Setúbal, Alentejo e Algarve.

Num outro ângulo o secretário nacional do PS afirmou não aceitar, na área da regionalização, «soluções de facilidade sem justificação económica e sem critérios como aqueles que o Partido Comunista Português apresenta, fazendo dos

distritos regiões administrativas».

«Preocupação tardia»

Por seu lado Vitor Constâncio considerou «a problemática da regionalização como uma preocupação tardia».

O secretário-geral do PS, que falava num jantar debate sobre este tema foi organizado pelo seu partido no Fórum Portucalense, afirmou que «a preocupação do desenvolvimento regional é algo diferente da regionalização do país, pois esta vai mais longe, na medida que tem a ver com o processo político-administrativo».

Na ocasião, Constâncio referiu que «uma regionalização forte poderia criar problemas de unidade e conflitos dentro de própria sociedade como a criação de uma classe política de âmbito regional que iria ter os seus efeitos no plano político».

Defendeu que a



«implementação da regionalização passa por uma delimitação das regiões, pelas suas funções, financiamento e coordenação com outras instâncias da administração»

Que querem Amaral e Jardim?

O dirigente separatista açoriano, José de Almeida, garantiu, em entrevista a um semanário, conhecer os pormenores da visita da Cavaco Silva aos Estados Unidos. Segundo Almeida, que acusa Mota Amaral de agente duplo do Poder Central e dos separatistas, tais pormenores «são terríveis para Portugal e também para os independentistas açorianos...».

As afirmações do líder da FLA, mesmo desmentando alguma prosápia ou um eventual delírio de imaginação, são de extrema gravidade e colocam de novo, na ordem do dia, o requerimento feito por deputados solicitando a presença do Primeiro-Ministro no Parlamento para uma clara e rigorosa explicação dos temas que discutiu em Washington e no rancho pessoal do vice-presidente Bush.

As coisas são como são. E quando a par destas revelações (que sugerem estratégias concertadas e estranhas complicitades nas duas regiões autónomas para o corte radical com Portugal), os dois responsáveis insulares, Amaral e Jardim, não respeitaram a decisão do Governo central e recusam o luto nacional pela morte de Samora Machel, as dúvidas sobre o seu apregoado portuguesismo tornam-se vivas e pertinentes.

Que querem, de facto Amaral e Jardim? Porque se cala o Executivo? Que Prometeu Cavaco em Washington? Que vai fazer a Assembleia da República na reapreciação do estatuto açoriano?

EA

Cunhal regressa hoje de visita a cinco países

O secretário-geral do PCP, Alvaro Cunhal, regressa hoje a Lisboa, no final de uma visita à Áustria, Hungria, Roménia, Bulgária e Checoslováquia, a convite dos comités centrais dos Partidos Comunistas daqueles países.

Ontem, em Praga, etapa final da sua visita, o líder comunista português avistouse com o seu homólogo checo, Gustav Husak. Segundo a agência Tass, Cunhal e Husak salientaram durante as suas conversações a «importância histórica» das propostas apresentadas na recente cimeira da Islândia pela União Soviética.

Refere a mesma fonte que os dois dirigentes comunistas sublinharam a necessidade de «lutar firmemente pela prevenção da militarização do espaço e pela cessação da corrida aos armamentos iniciada pelos círculos imperialistas dos EUA».

Açores

Governo Regional entregou proposta de Orçamento

O Governo açoriano entregou ontem ao Parlamento da Região Autónoma o Orçamento local que aponta para uma verba de 38 milhões de contos. Deste montante cerca de 20 milhões de contos destinam-se a investimentos, 17 milhões a despesas correntes e 900 mil a despesas de capital.

As propostas de Plano e Orçamento para o próximo ano foram entregues ontem à tarde pelo secretário regional das Finanças e Presidente do Governo em exercício, Reis Leite, na ausência de Mota Amaral, Reis Leite.

No plano para 1987, o Governo açoriano pretende que a taxa de desemprego se

situe este ano nos quatro por cento sendo que os departamentos «mais investidores» são as secretarias regionais do equipamento social e transportes e turismo, agricultura e pescas, e comércio e indústria que representam 75 por cento do valor total dos investimentos da administração regional para o próximo.

Os principais vectores da política de desenvolvimento assentam no «aumento do investimento e, tal como aconteceu este ano, na criação de 1500 a 2 mil postos de trabalho».

De acordo com o documento, são apontadas como

áreas «chave» o «reforço» do tecido empresarial e a formação profissional e assinala ainda que a execução do programa de investimentos neste sector venha a possibilitar «o crescimento do produto interno bruto regional em cerca de seis por cento».

As fontes de financiamento do Orçamento da Região Autónoma dos Açores provêm não só dos impostos cobrados no arquipélago, como de receitas patrimoniais no valor de 17,3 milhões de contos. Constituem ainda receitas, cerca de 9,4 milhões de contos provenientes de acordos e tratados

internacionais (Estados Unidos, França e CEE).

Comissão de Defesa está nos Açores

A comissão parlamentar de Defesa inicia hoje uma visita de dois dias aos Açores destinada a contactos com responsáveis do Comando Aéreo da região e pela estação francesa de telemedida da Ilha das Flores.

De acordo com uma fonte militar a Comissão, chefiada por Jaime Gama e que viaja acompanhada pelo comandante operacional da Força Aérea, general Silva Cardoso, tem encontros nas Lajes

com o Comando Chefe das Forças Armadas no arquipélago e com

o comandante da Base, brigadeiro Mário Camarada Cortesão.

No encontro com este oficial general, a Comissão abordará questões relacionadas com o papel das bases locais no quadro estratégico do Atlântico Norte. Os deputados têm também agendado um encontro com o Ministro da República, brigadeiro Rocha Vieira.

Nas Lajes, além de instalações militares portuguesas, as quais a Comissão visita quinta-feira, existe um destacamento da Força Aérea norte-americana.

Ainda o encontro Cavaco-Gonzalez

Imprensa espanhola considera positivos resultados da Cimeira

Fontes governamentais citadas pela Anop Madrid, consideraram satisfatórios e positivos os resultados da cimeira de Guimarães entre Cavaco e Felipe Gonzalez. Também a informação espanhola, em geral, destacou a importância do encontro, embora assinalasse a ausência de decisões mais concretas em algumas áreas.

Relativamente ao facto de não se ter chegado à espera da decisão de instalar bancos de cada um dos países no outro, as mesmas fontes do Executivo madrileno consideraram que «tudo avançará, e talvez mais depressa do que às vezes se pensa».

Além de que referem não vai ser agora pela falta de um banco espanhol em Lisboa ou português em Madrid que se vão condicionar os resultados da cimeira.

Quanto à Imprensa, as edições de domingo, condicionadas pelo atentado de

S. Sebastian, deram relevo comedido à cimeira. O «El País

titula na primeira página «Portugal e Espanha decidem intensificar as suas relações» para, no interior, considerar que a cimeira representou um salto qualitativo nas relações bilaterais. O mesmo jornal salienta a ausência de decisões em relação à instalação de bancos, atribuindo-a à Oposição portuguesa e à alegada existência de dificuldades na banca nacionalizada portuguesa.

O matutino «Ya» refere que os dois países conseguiram retirar a crispação existente no seu relacionamento e que ambos estão em condições de o diluir no âmbito da CEE. O mesmo jornal cita declarações dos chefes dos dois Governos sobre a existência, a partir de agora, de um bom clima para as futuras relações.

O correspondente da Anop em Madrid escreve, entretanto, ter ouvido alguns dos enviados especiais a Guimarães confessar que tinham recebido instruções à última

hora para escreverem menos de metade do que tinha sido previsto.

O jornal «ABC», que tal como os restantes dedica apenas meia página ao acontecimento, indica, por seu turno, que os portugueses registaram com decepção os resultados da cimeira.

O principal jornal galego, «Voz da Galiza», escreve na primeira página que, apesar da ausência de resultados concretos, «as relações entre Portugal e Espanha caminham para a normalização absoluta».

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
As 21.30 h.



TOURO

Texto:
ABEL NEVES
Encenação:
JOÃO MOTA 3.º MÊS
TERÇA A SABADO
AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00

PR ESPANHA (T.726 0818)
SUB SEC M/12A
APOIO CULTURAL AN. E COMERCIAL

TRANSFEC
— TRÁNSITOS, LIMITADA —
17.º CARTÓRIO NOTARIAL
DE LISBOA

Rua Alexandre Herculano, 29-1.º Esq.º
NOTÁRIO.
Lic. António Manuel
Gonçalves Saldanha

Certifico que por escritura de 26 de Setembro corrente, lavrada de fls. 70 a fls. 71 v.º do livro de notas 248-F, foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo pacto constante dos artigos seguintes:

— PRIMEIRO. A Sociedade adopta a denominação de «TRANSFEC — TRÁNSITOS, LD.ª», tem duração por tempo indeterminado a contar de hoje, e sede e escritório principal em Lisboa na Quinta Velha, em Beirilol, freguesia de Santa Maria dos Olivais.

— SEGUNDO. O seu objecto específico é a prestação de serviços a terceiros, no âmbito da planificação, controlo e coordenação e direcção das operações necessárias à execução das formalidades e trâmites exigidos na expedição, recepção e circulação de bens ou mercadorias.

— TERCEIRO. O capital social totalmente realizado a dinheiro é de CINCO MILHÕES DE ESCUDOS e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: da associada «TRANSFEC — TRANSPORTES RODOVIÁRIOS, SARL», uma quota de quinhentos mil escudos e do sócio Natalino Marques Coiteiro, uma quota de quatro milhões e quinhentos mil escudos.

— QUARTO. A cessão de quotas e/ou parte das mesmas é livre entre sócios. No caso de cessão a terceiros a sociedade tem direito de preferência e decidirá nos termos da Lei.

— QUINTO. A gerência, sem caução e sem remuneração salvo diferente decisão da assembleia geral, é composta por TRÊS gerentes, a nomear em assembleia geral, sendo necessário a intervenção de DOIS gerentes para obrigar a sociedade.

— SEXTO. As assembleias gerais, se a Lei não prescrever formalidades e prazos diferentes, serão convocadas por simples cartas registadas enviadas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, devendo delas constar o assunto a tratar.

— SÉTIMO. Os lucros líquidos apurados anualmente e depois de constituídos os fundos de reserva legais e os que a assembleia julgar convenientes deverão ter a aplicação que a Assembleia decidir.

ESTÁ CONFORME.

Lisboa, 29 de Setembro de mil novecentos e oitenta e seis

O Ajudante do Cartório,
Ass. ilegível

«DL» 28/10/1986



centro S.O.S.
54 45 45

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ÁGUEDA

ANÚNCIO

Faz-se saber que nos autos de Ac Sumária n.º 717/85 da 1.ª sec. do 1.º Juízo, em que é autora Caves Irmãos Macedos, Lda, com sede em Águeda e Ré J. CORREIA, Lda, com sede em parte incerta e com última conhecida na Rua 1.º de Maio, 12 A, Buraca-Amadora-Lisboa, correm editos de 40 dias, contados a partir da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando a ré acima indicada, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos editos, contestar, querendo, a presente acção, sob pena de ser condenada no pedido, que consiste em a ré ser condenada a pagar à autora a quantia de 108 000\$00, juros já vencidos no valor de 43 470\$00, juros vindendos e custas.

Águeda 86.6.2

O Juiz de Direito

António Jorge Oliveira Mendes

O Escrivão adj.º

António Daniel Antunes

«DL» 28/10/86 — 1.ª Pub.

«JOSÉ ANTÓNIO SERÓDIO, LIMITADA» CERTIFICADO

Para efeito de publicação que por escritura de 15 de Outubro corrente, lavrada de folhas cinquenta e duas a folhas cinquenta e cinco, do Livro de notas para escrituras diversas número 304-D do Quinto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Adília Borges Tristão, foi dissolvida a Sociedade «José António Seródio, Limitada» com sede em Lisboa na Avenida João Vinte e Um número cinquenta e oito, terceiro andar, sociedade que não tinha passivo, foi dada também por liquidada, tendo os livros e outros documentos de escrituração ficado à guarda do ex-sócio Dr. José Manuel Braga Madeira Seródio.

VAI CONFORME

Lisboa, vinte e dois de Outubro de mil novecentos e oitenta e seis.

A 3.ª Ajudante,

Adelinda Caldeira de Moraes

e Castro

«DL» 28/10/1986

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de 10 dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 1601-A 3.ª Secção.

Exequentes — PORTUGAL PREVIDENTE — COMPANHIA DE SEGUROS, SARL

Executado — MANUEL GUEDES MARTINS PAIVA E MULHER FRANCESCA BORGES DE SOUSA PAIVA, Rua de S. Roque da Lameira, n.º 1049 — 4300 PORTO.

Lisboa, 15 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito

Vitor Manuel Pinto Ferreira Mesquita

O Escrivão de Direito

Maria Antonieta Tavares Sousa Gomes

D.L. 28/10/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO ANÚNCIO

No dia 25 de Novembro próximo, pelas 14h30m, na 2.ª Secção do 8.º Juízo Cível de Lisboa, e nos autos de carta precatória, n.º 381, vindos do Tribunal Judicial de Ovar — 1.º Juízo — 2.ª Secção, e extraídos dos autos de Execução de Sentença n.º 230/B/80, que Coelho Irmãos Lda, move contra MERCEARIA ARTÍSTICA, LDA, com sede na Rua Almeida e Sousa n.º 44-A — Lisboa, há-de ser posta em praça pela segunda vez, para ser arrematada por metade do valor indicado no processo, uma máquina Garlopa, marca Pinheiro — Trofa, Portugal, para trabalhos em madeira, com sinais evidentes de uso em boas condições de funcionamento.

Lisboa, 20 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,

a) Fernando C. Soares

A Escrivã-adjunta,

a) Ismênia J. Salvador

«DL» 28/10/1986

NACIONAL

Subcomissão Parlamentar para a TV privada

Balsemão apresenta consórcio candidato a canal de TV

A Subcomissão Parlamentar para a TV privada reúne-se esta tarde para ouvir uma das partes interessadas na concessão de um canal à iniciativa privada, representada por Francisco Pinto Balsemão.

O ex-Primeiro-Ministro português será ouvido, tal como aconteceu já com outras personalidades, na sua qualidade de líder de um grupo interessado na exploração de um canal de televisão, pelo que cancelou, devido à audiência, a ida ao funeral de Samora Machel.

O consórcio representado por Balsemão, denominado SIC (Sociedade Independente e de

Comunicação), é constituído por empresas jornalísticas, entre elas as que editam os semanários «Expresso» e «O Jornal», a que se deverão juntar outras do sector audiovisual: Valentim de Carvalho, Filmes Castelo Lopes, Costa do Castelo e Telecine-Moro.

Representantes das duas últimas foram recebidos na semana passada pelos deputados da Subcomissão, tendo-se mostrado in-

teressados em estações regionais de televisão e aprenhado como candidatos à compra de tempo num canal nacional (o segundo canal da RTP ou um eventual terceiro canal) aberto a entidades privadas.

Balsemão apresenta hoje aos membros da Comissão uma casete de vídeo que inclui depoimentos de cerca de meia centena de personalidades sobre a TV privada e sobre a idoneidade do grupo que representa para liderar um canal de televisão.

Até ao dia 4 de Novembro, a

Subcomissão terá de ouvir representantes de outros grupos interessados na Televisão privada: Atlântida-Estúdios de Produção de Cinemas, Valentim de Carvalho, Edipresse (editora do «Semanário»), Omegatronics (interessada na difusão de programas por cabo), TV-Norte e o Patriarcado.

Terminado o processo, a Subcomissão para a TV privada deverá elaborar um relatório que será entregue aos Partidos e ao Presidente da Assembleia, após o que encerrará os seus trabalhos.

S/ após Cimeira

Luso-Espanhola

Jornalistas

portugueses

ganham três vezes

menos que os

do país vizinho

Os jornalistas espanhóis que fizeram a cobertura da Cimeira de Guimarães ganham em média cerca de três vezes mais do que os seus colegas portugueses destacados para a cobertura do encontro — refere um documento do Sindicato dos Jornalistas.

O órgão representativo da classe jornalística portuguesa afirma nesse documento, distribuído no final da Cimeira Luso-Espanhola, que os profissionais de comunicação social de Portugal «ganham em média seis vezes menos que os seus camaradas europeus».

Pormenorizando, afirma o SJ que «um jornalista português com a categoria de redactor ganha em média 270 dólares, enquanto em Espanha, por exemplo, país onde não há contratação colectiva, o salário corrente é de 750 dólares, em Itália 2250, em Inglaterra 2193, na Dinamarca 2000, em França 1922, na Suíça 2373, na Alemanha 1550, na Bélgica 1668 e nos Estados Unidos 2200 dólares.»

O Sindicato dos Jornalistas acusa o Governo de ter mentido «descaradamente aos jornalistas» a propósito do processo de negociação das novas tabelas salariais para 1986 e diz que o Executivo, «apesar de se proclamar defensor do diálogo social e da liberdade contratual, acaba por desprezar na prática esses mesmos princípios.»

Pais da AP 11 reúnem-se hoje

Nova secundária de Carcavelos desconhece quando abre

Para debater problemas das escolas dos seus filhos, reúnem-se esta noite, às 21 horas, na nova escola secundária de Carcavelos, as associações de pais e encarregados de educação da área pedagógica 11. A reunião repetir-se-á na próxima quinta-feira, na escola de S. Julião, em Oeiras.

Esta área pedagógica é constituída pelas escolas de São Julião, de Paço de Arcos, Carnaxide e secundária de Carcavelos. A nova secundária de Carcavelos fica situada no troço entre Sassoeiros e São Domingos de Rana da estrada nacional que liga Sassoeiros a Sintra.

Uma das escolas que apresenta problemas é a que servirá de local da reunião: os seus cerca de 2 mil alunos não sabem ainda quando terão aulas, por falta de equipamento.

Constituída para começar a funcionar neste ano lectivo, a nova escola secundária de Carcavelos só no passado dia 24 teve as instalações eléctricas e de água ligadas aos respectivos ramais. Também só no passado dia 20 se procedeu à desratização de barracas e área circundante, onde se encontra instalada uma vacaria, e que se situa a escassos metros do bufete da escola.

Alguns professores manifestaram disposição de transportar nas suas próprias viaturas o material da secretaria que se encontra na antiga escola, pois o Ministério da Educação não adjudica a empresa de transportes para proceder à transferência.

Por outro lado, o acesso é muitíssimo perigoso,

por o estabelecimento se situar numa estrada nacional. Um vereador da Câmara Municipal de Cascais esteve no local e prometeu que até ao próximo dia 10 os semáforos serão colocados.

A falta de pessoal auxiliar de apoio suficiente é outro problema com que a escola se debate. O pessoal colocado é, segundo um memorando da associação de pais, constituído por 7 elementos «completamente analfabetos», 4 deficientes físicos, dos quais 2 «têm inclusivamente incapacidade confirmada oficialmente» e 2 estão incluídos entre os analfabetos; há ainda uma funcionária contratada a prazo e uma eventual. Havia também um carpinteiro, que foi recentemente colocado em Valpaços. A escola precisa de mais 10 funcionários e mais um guarda, visto que o serviço se prolonga das 7 às 23 e 30 horas e as instalações desta escola são constituídas por cinco pavilhões.

A comissão executiva da escola secundária de Carcavelos dirigiu em 3 de Maio um memorial ao ministro da Educação onde expunha as suas preocupações e solicitava ao titular da Educação a abertura das aulas em 86/87, nas actuais instalações, ou seja, o edifício escolar dos Maristas, pedido que não foi atendido.

No passado dia 16, a comissão executiva da associação de pais da nova escola secundária de Carcavelos solicitou uma audiência ao ministro para desbloquear os impasses de carácter administrativo que estão na base desta situação.

Brinquedos de folha: o único artesão é do concelho de Valongo

Os artigos de chapa de Arminho Moreira Lopes — o único artesão de brinquedos de folha tradicionais em Portugal — apresentados no último Salão de Artesanato de Vila Franca de Xira têm a ver com Valongo pelo facto do seu autor ser de Alfena, mas não estavam patentes no pavilhão «apadrinhado» por aquela entidade, no VII Salão de Vila Franca de Xira, como na ocasião referimos.

Filipe A. Profeta Martins, que no citado Salão de Artesanato representava, no pavilhão n.º 56, aquele artesão dos arredores do Porto, chama a si o «exclusivo» dos brinquedos de chapa, a propósito de uma reportagem no «DL» de 11 do corrente, sublinhando que Arminho Moreira Lopes é actualmente «o único artesão de brinquedos de folha tradicionais em Portugal».

De resto, é Profeta Martins

que os apresenta, ainda, no VI Festival de Gastronomia de Santarém, uma iniciativa que decorre na capital do Ribatejo em que o artesanato é uma das suas actividades complementares.

A Arminho Moreira Lopes a sua condição de «único artesão de brinquedos de folha» e a Profeta Martins, das Caldas da Rainha, o «exclusivo» da sua representação no VII Salão de Vila Franca de Xira.

Polícia teme que a tendência se mantenha

Criminalidade tem vindo a progredir nos Açores

O índice de criminalidade tem vindo a aumentar gradualmente nos Açores, temendo-se que a tendência se mantenha, indicaram à Anop responsáveis policiais.

Fontes das Polícias de Segurança Pública e Judiciária admitem que o aumento da criminalidade, nomeadamente no que se refere a roubos, tenha a ver com «necessidade» ou «falta de ocupação dos jovens».

A maioria dos roubos participados a ambas as corporações são da responsabilidade de jovens com idades entre os 14 e os 26 anos e não ultrapassando a centena de contos o valor médio de cada furto.

Posição divergente da explicação policial para o crescimento de criminalidade nesta área têm os serviços de acção social do Governo Regional, cujo responsável sustenta ser o fenómeno fruto do «choque da modernidade».

Segundo Rui Nina, não é por fome que se rouba no arquipélago, praticando-se o furto, antes, por «consumismo de superfluo».

Esse consumismo é fomentado e aconteceu no «pacato» meio insular, em parte, pelos «mass media», disse.

Para as necessidades essenciais há condições de satisfação e em casos de ruptura os serviços garantem assistência, sustentou Rui Nina.

O comissário Neves Carvalho, da PSP, diz que se cometem furtos «talvez por necessidade, e em alguns casos por falta de formação e educação».

Criar casas de educação para crianças que vagueiam pelas ruas, onde pudessem ser acolhidas e aprender uma arte é uma das soluções possíveis para obviar à situação, segundo o responsável da PSP.

Outra das áreas onde a criminalidade tem aumentado nos Açores é a dos cheques sem provisão, cerca de 15 por cento da actividade delituosa na Região refere-se a cheques sem fundo.

A maioria desses casos, segundo o inspector da Judiciária de Ponta Delgada, António Cotrin, não chega porém aos tribunais, porque os indivíduos envolvidos acabam por liquidar as dívidas.

Outro sector de incidência da criminalidade nos Açores é a do tráfico de droga, que a PJ diz representar 5 por cento dos casos investigados pela Polícia nas ilhas.

Na opinião de Neves Carvalho, regista-se um número reduzido de detenções quanto a este género de actividade delituosa, embora a Polícia lhe dedique particular atenção porque «é através da droga que se podem cometer outros actos como o furto».

Acentuado decréscimo

Este ano só houve dez bombas

Dez engenhos explosivos, um dos quais reivindicado pelas «Forças Populares 25 de Abril» rebentaram durante o primeiro semestre de 1986 na área da PSP, o que representa «um acentuado decréscimo» relativamente a idêntico período de 1985.

Segundo uma nota distribuída pelo Comando-Geral da PSP no primeiro semestre de 1985 verificaram-se 34 rebentamentos e os 10 engenhos que explodiram nos primeiros seis meses de 1986 «provocaram apenas um ferido ligeiro, além de estragos materiais, nomeadamente em viaturas e prédios».

No que diz respeito a assaltos à mão armada, na área da PSP, houve, pelo contrário, «um agravamento de 20 por cento», relativamente ao mesmo período de 1985, elevando-se a 200 o número de roubos a pessoas, estabelecimentos, habitações e bancos, praticados nos primeiros seis meses de 1986, contra 166 no mesmo período do ano anterior.

O número total de furtos aumentou também em 11 por cento, tendo-se verificado no primeiro semestre de 1986 20 602 enquanto no ano anterior esse número foi de 18 572 — acrescenta o Comando-Geral da PSP.

Os casos de tráfico posse e consumo de droga sofreram também um «acentuado agravamento de 46 por cento», relativamente a 1985.

Já a delinquência juvenil e o desrespeito à autoridade desceram, tendo registado respectivamente diminuições de 6 por cento e 14 por cento, comparativamente a idêntico período de 1985.

GNR já registou este ano 150 mortos na estrada

Cento e cinquenta e um mortos e 2708 feridos é o balanço dos 3261 acidentes de viação registados pela Guarda Nacional Republicana no passado mês de Setembro, informou a corporação.

Os dados divulgados pela GNR indicam que em relação a igual período do ano passado houve um aumento de 507 acidentes (2754 contra 3261) e de 15 mortos (136 contra 151), mas uma diminuição de 351 feridos (2708 contra 2357).

O distrito onde se registaram mais vítimas mortais foi o do Porto, com 17 vítimas (11,2 por cento do total). O maior número de feridos registou-se no distrito de Faro, com 298 (com 11 por cento do total).

Sobre Administrações Regionais de Saúde

Sindicatos acreditam num acordo com Beleza

Os sindicatos da Função Pública e o Ministério da Saúde têm vindo a reunir-se com o objectivo de ultrapassar as divergências que os separam no tocante às carreiras das Administrações Regionais de Saúde.

Diz a Comissão Executiva da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública que das reuniões efectuadas «conseguiram-se avanços de

realçar», de tal modo que foram aceites as propostas sindicais quanto à carreira de motorista de saúde e a aplicação do horário de 36 horas semanais, entre outras.

Relativamente aos contratos a prazo e tarefeiros, o Ministério da Saúde ter-se-á comprometido a «elaborar um documento específico que garanta uma nova relação de trabalho para estes

trabalhadores e salvaguarde os seus direitos», observa um comunicado da Comissão Executiva dos Sindicatos.

A carreira dos técnicos superiores de saúde poderá vir, a curto prazo, a ser revista, uma vez que foi constituído um grupo de trabalho para a elaboração do respectivo projecto — diz ainda a comissão dos sindicatos. Por

outro lado — acrescenta —, o Governo procedeu à entrega de três diplomas relacionados com os técnicos paramédicos.

Depois de amanhã, dia 30, haverá nova reunião entre ambas as partes com a seguinte ordem de trabalhos: regime de instalação das Administrações Regionais de Saúde, situação dos técnicos sanitários e dos auxiliares técnicos.

CAF CAMPANHA DE VENDAS 86

Preços especiais em Outubro e Novembro

COLLEGE III

Memória com 256 KB
Uma Diskette de 360 KB
Disco de 20 MB
Monitor e Teclado
Saída RS 232 C para Impressora
Saída paralela para Impressora
MS-DOS 2.11
Com tratamento de texto em Português

410 CONTOS

MASTER*

Memória com 1 MB
Uma Diskette de 1,2 MB
Disco de 30 MB
Monitor e Teclado Enhanced
Saída RS 232 C para Impressora
Saída paralela para Impressora
MS-DOS 3.2 + GW Basic
Com tratamento de texto em Português

680 CONTOS



Nos Concessionários:

COIMBRA — MI - MICRO INFORMÁTICA, LDA.
Telef. 28676

COVILHÃ — AUDION - Telef. 23924

ÉVORA — MICROTRÓNICA - Telef. 26069

LEIRIA — REGISMEX - Telef. 24432

PONTA DELGADA — GIA - GABINETE DE ESTUDOS E INFORMÁTICA DOS AÇORES, LDA.
Telef. 27307

QUELUZ — CONTA ALPHA - Telef. 958528

S. JOÃO DO ESTORIL — ESTORILMÁTICA
Telef. 2671644

SINES — DIGITAL SUL, LDA. - Telef. 633391

VILA DO CONDE — HARSDOFT-INFORMÁTICA E GESTÃO, LDA.
Telef. 63 18 63



Rua Sanches Coelho, 2 1600 LISBOA Telef. 777012/770661

CMC
PORTUGAL

*Entregas do Modelo Master a partir de 15 de Novembro

Vitimado um dos réus no "Processo dos Comandos"

Sargento Branca não sobreviveu a 11 anos de julgamento em Santa Clara

Manuel Geraldo

O «Processo dos Comandos», que, mercê de adiamentos e repetições, já leva onze anos de existência, acaba de conhecer a primeira vítima. Trata-se do primeiro sargento Armando Simião Caracol Branca, que sucumbiu a um ataque cardíaco a que não terá sido alheio o «stress» (misto de ansiedade e expectativa) motivado por uma situação jurídica sucessivamente adiada, com reflexos negativos na sua carreira profissional, pois apesar da sua competência técnica e qualidades de chefia, reconhecida em Tribunal pelo próprio coronel Jaime Neves, não mais obteve qualquer promoção.

O trágico desenlace ocorreu escassos dias antes do início da repetição do julgamento no 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), em Santa Clara. Colocado em serviço na Casa de Reclusão Militar da Região Militar do Sul, em Elvas, o primeiro sargento Branca, de 47 anos, sentiu-se indisposto, na madrugada de 5 do mês corrente, quando estava na sua residência, localizada na Rua das Beatas, 17-B, naquela cidade alentejana, de onde era natural. Dirigiu-se então com a mulher ao hospital local, onde a morte o haveria de surpreender pouco depois em consequência de um enfarte do miocárdio.

O desaparecimento do primeiro sargento Branca, que deixou órfãos três filhos menores, iria assim constituir a nota mais marcante da sessão que assinalou, na tarde da passada segunda-feira, o início da repetição do julgamento, após o Supremo Tribunal Militar ter anulado, com acesa discussão dos juizes, o acórdão do 2.º TMT, de Junho do ano passado, que havia absolvido os 20 réus (agora reduzidos a 19), acusados, recorde-se, de terem procurado afastar Jaime Neves na liderança da unidade em 31 de Julho de 1975. A repetição do pleito surgiu na sequência do controverso recurso apresentado pelo general Ricardo Durão, na qualidade de comandante da Região Militar de Lisboa.



O primeiro sargento Armando Branca

Mota Freitas e Júlio Regadas

Mas a audiência inaugural desta fase do julga-

mento levaria a novo adiamento devido à ausência de dois réus (furriéis José Ferreira Torres e Lafayette Machado) que não foram notificados, pelo que o tribunal presidido pelo coronel Clodomiro Alvarenga só voltará a reunir-se no próximo dia 12 de Janeiro.

Mantém-se assim o «fatalismo» que parece querer eternizar um processo em que as envolvências políticas se têm vindo a sobrepor às jurídicas, transformando a vida de 20 cidadãos num «autêntico inferno», como tiveram oportunidade de relatar em pormenor ao «DL». E isto, porque, entre eles, se encontram médicos, advogados, professores, funcionários públicos e militares (o mais graduado é o capitão Patrocínio), alguns deles ainda não reintegrados, que não poderão cimentar, e definir, as suas carreiras enquanto o processo se mantiver em julgado. «Será que o Tribunal está à espera que todos tenhamos o mesmo destino do primeiro sargento Branca, para só então dar por findo o processo?», disseram-nos com uma ironia cáustica, mas não totalmente desprovida de realismo, se pensarmos que processos relativos ao mesmo período histórico, envolvendo eles sim mortes e destruição (estamos a memorizar os processos das redes bombistas) já há muito conheceram os seus epílogos, com os seus principais protagonistas militares (Mota Freitas, Caimoto Duarte, entre outros) perfeitamente acomodados na estrutura hierárquica e promocional, ou civis, como Júlio Regadas, da Polícia Judiciária do Porto, ainda recentemente promovido ao posto de subinspector.

Será, pois, que, para a Justiça Militar, existem duas espécies distintas de balanças e de «calendários»: umas para os réus conotados com inmovimentações (acções) de esquerda e outras para os arguidos envolvidos em movimentações (acções) de direita?...

Em Bragança

Cogumelos venenosos mataram cinco pessoas

Cogumelos envenenados vitimaram na freguesia do Baçal, no distrito de Bragança, quatro membros da mesma família (o agricultor Manuel António Rodrigues, de 64 anos, viúvo, e os seus três filhos, Antero, de 21 anos, a prestar serviço na Base Aérea de S. Jacinto, em Aveiro, Manuel João, de 26 anos, e Maria da Conceição, de 33 anos).

O mesmo tipo de intoxicação mataria ainda na freguesia de Carção, no concelho de Vimioso, Albertina da Conceição Nascimento, deixando em estado grave o seu marido.

Pai e filho afogados num poço em Alhandra

Polícia Judiciária está a investigar as circunstâncias em que ocorreu a morte do motorista Cipriano Florido Monteiro, de 50 anos, e do seu filho de sete anos Flávio, cujos cadáveres foram ontem encontrados num poço abandonado, perto de Alhandra. Pai e filho tinham sido vistos pela última vez com vida, na noite de sábado, num café daquela vila ribatejana.

Cipriano Monteiro, que vivia com a mulher e os cinco filhos em Castanheira do Ribatejo, dedicava-se a fazer serviços, por conta própria com a sua camioneta para as fábricas da região e era ainda o motorista do autocarro da equipa de futebol da sua terra.

Aparelhagem de som roubada na FIL

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, as instalações da Feira Internacional de Lisboa (FIL), à Junqueira, onde estava a funcionar a Lartécnica, tendo «visitado» três «stands», de onde levaram aparelhos de som e de imagem no valor de 840 contos. A ocorrência foi participada ao piquete da Polícia Judiciária.

Julgamento das FP-25 vai conhecer nova fase

Um intervalo de 20 dias para preparar alegações

O Tribunal de Monsanto concedeu ontem à acusação e defesa do Caso FP-25 um prazo de 20 dias para preparar as alegações, dando assim por terminada a audição de testemunhas e declarações.

O juiz-presidente, Adelino Salvado, ao fim de hora e meia, adiou ontem a sessão para 17 de Novembro, atendendo à «complexidade da matéria em discussão».

Antes, o tribunal considerara

não haver de momento necessidade de novas perguntas ou esclarecimentos, e indeferira requerimentos, pedindo a junção ao processo de dois livros e vários recortes de Imprensa.

Fontes do Tribunal de Monsanto reiteraram à Anop que a morosidade do processo pode remeter o veredicto para data posterior ao final do ano, período previsto pelo juiz-presidente como termo do julgamento.

Otelo de costas

Na sessão de ontem o réu Otelo Saraiva de Carvalho manteve-se de costas voltadas para o tribunal, durante a hora e meia que durou a sessão de Monsanto.

Ao que afirma a NP, Otelo quis assim protestar contra o facto de não ter sido autorizado a deslocar-se a Maputo para participar no funeral do Presidente Machel.

Afirmou Mário Raposo nas comemorações dos 41 anos da PJ

Reclusos portugueses são os que menos se evadem na Europa

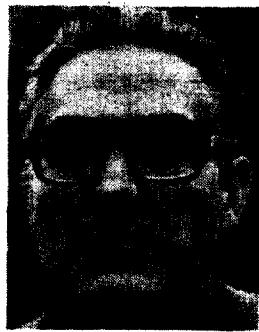
O ministro da Justiça, ao falar ontem durante a sessão solene comemorativa do 41.º aniversário da Polícia Judiciária, disse que «a quota de reclusos evadidos este ano das prisões portuguesas é a mais baixa, em termos percentuais, entre todos os países da Europa Ocidental».

Durante a sua intervenção, Mário Raposo defendeu a autonomia de três novas áreas de investigação criminal (criminalidade violenta,

económico-financeira e tráfico ilícito de estupefacientes), tendo considerado importante dotar a Polícia Judiciária com mais condições operacionais de trabalho e revelado que a nova Lei Orgânica da instituição da Gomes Freire se encontra em adiantada fase de elaboração.

O titular da pasta da Justiça salientou depois que, por decorrência do novo Código de Processo Penal, importa «estabelecer com maior nitidez

que os órgãos de polícia criminal actuem, no processo, sob a orientação das autoridades judiciárias e na sua dependência funcional». Para Mário Raposo tudo será mais funcional quando as leis consagrarem — como acontecerá com o novo Código de Processo Penal — «uma nítida diferenciação entre a criminalidade grave e que põe em risco a segurança geral e a que se preenche com meras bagatelas penais».



Mário Raposo

Há quem, neste País, suba depressa. E como depressa e bem há pouco quem, as suspeitas crescem, os boatos alastram, as piadas (mais ou menos privadas, mais ou menos públicas...) avançam que nem fogos de madeireiro. Félix, meu amigo de infância, envolveu-se para aí em negócios, enfim. O melhor é a gente calar-se, que estas coisas doem. Então quando há amigos metidos ao barulho, estão a ver? O melhor que lhe pode acontecer é o caso ir parar à Alta Autoridade, ao menos aí, os processos ressonam na paz das consciências pelos séculos dos séculos. Passou-se o seguinte. O meu amigo Félix levava sempre uma vida regrada. Nunca ninguém lhe viu nas unhas senão aquele tranquelirante onde levava e trazia a família da Ericeira. O «dois cavalos» era mais do que um cavalicoque rocinante: era uma figura típica. Eis senão quando (como costumava escrever Alexandre Dumas no tempo em que havia literatura) o meu caríssimo Félix passou a andar com bicho de mais categoria. Depois, foi a vez da mulher aparecer a guiar uma bruta máquina. A seguir o filho, a filha, as irmãs, os cunhados. A avó, uma senhora de oitenta, já anda a tirar a carta. Últimas: o Félix abre um «stand» de automóveis em Lisboa e várias sucursais no País. Deixou o emprego. Corrupção? Contrabando? Falcatrua? Félix ri: — Calma. Tudo na ordem. Posso agradecer à RTP. Arregalei os olhos. Ele explicou. Foi no «Um, Dois, Três» para começar. Seguiu-se o Disney do Isidro e o Arco-Iris. Concorria, ganhava. Agora, não há bicho-careta na TV que não meta automóveis no concurso. Entram-lhe em casa pelo menos cinco popós por semana. Empata, em postais e jornais, cerca de mil dele. Juro do capital: na ordem dos setecentos por cento... — Garanto-te, meu caro — remata o Félix —, se um dia o Telejornal oferecer automóveis, sou bem capaz de assistir a ele. Ai é, é. Por dinheiro, o Félix é capaz de todos os sacrifícios.

Semana de Madrid em Lisboa reforça intercâmbio municipal

O intercâmbio entre os dois Municípios saíu reforçado depois da realização, na capital portuguesa, da Segunda Semana de Madrid em Lisboa.

Na reunião da Comissão Permanente Lisboa/Madrid, entre o vice-alcaide Adolfo Pastor do Prado, Nuno Abecasis e representantes dos dois Municípios, foi acordado abrir na Biblioteca Central dos Municípios de Lisboa e Madrid uma sala especial de literatura e cultura das cidades gémeas.

O encontro decidiu, também, promover o intercâmbio de jovens dos dois países para obtenção de bolsas e cursos na Escola de Cerâmica de Madrid e nas Escolas de Jardinagem e Calcetários de Lisboa, tendo igualmente ficado estabelecida a edição conjunta do livro Madrid-Lisboa, em edição bilingue, coincidindo com a semana de Lisboa a efectuar na segunda quinzena de Outubro do próximo ano em Madrid.

Noutras áreas de acção, onde já existiam intercâmbios, estas acções serão implementadas, como na área do turismo, planeamento urbano e reabilitação urbanística, cultura, relações internacionais, abastecimento de mercados e transportes, além de os tornar extensivos aos sectores das finanças, salubridade e serviços sociais.

No caso do turismo, segundo adiantou o vereador Pinto Machado, «pretendemos desenvolver os intercâmbios já existentes, particularmente através de grupos de familiarização de agentes turísticos e jornalistas, e estudar a promoção conjunta e complementar das duas cidades no mercado internacional».

Por seu lado, o vereador Vitor Reis defendeu a apre-

sentação de obras de Rafael Bordalo Pinheiro na semana de Lisboa em Madrid, a realizar no próximo ano.

Tierno Galvan tem rua em Lisboa

Em memória do alcaide de Madrid, Tierno Galvan, recentemente falecido, foi inaugurada a rua com o nome daquele autarca, situada entre as ruas Mota Pinto e Duarte Pacheco, na zona das Amoreiras. Do mesmo modo foi descerrada uma nova placa toponímica na Avenida Madrid, e foram plantados dois medronheiros na Praça de Espanha. Recordar-se que o medronheiro é a árvore que figura no brasão de Madrid.

O Município lisboeta participou ainda numa reunião do comité executivo da União das Cidades Capitais Iberoamericanas, na qual Nuno Abecasis propôs na lista de prémios da década de Cristovão Colombo, a atribuição de um prémio a conceder ao melhor trabalho sobre a história da navegação e a história da cartografia portuguesa.

Neste encontro estiveram também presentes um representante do governo da cidade do Rio de Janeiro, o vice-alcaide da Costa Rica e um representante da Câmara da Cidade do México.

Autarcas de Pequim em Lisboa

Uma delegação do Município de Pequim, chefiada pelo seu vice-presidente, Han Boping, inicia hoje uma visita à capital portuguesa.

No âmbito da estadia, que se prolongará até ao fim do mês, terão lugar diversas visitas e reuniões de trabalho entre a vereação e técnicos das duas Câmaras, com o objectivo expresso de troca de experiências no campo da gestão municipal.

Em causa o Plano de Desenvolvimento

para o Alto Minho

Autarcas de Viana do Castelo contra corte de verbas

Os autarcas do distrito de Viana do Castelo tomaram posição contra a decisão do Governo de eliminar do Orçamento do Estado as verbas previstas para o Plano Integrado de Desenvolvimento do Alto Minho.

Segundo oito presidentes de Câmaras, das 10 existentes no distrito, o governo retirou à região do Alto Minho 1 milhão e 900 mil contos dos 2 milhões de contos previstos, restando apenas 100 mil contos para toda a região.

Segundo os autarcas, o governo baseia esta decisão no facto de aquela verba poder vir a ser aplicada no Programa de Desenvolvimento Agrícola a nível nacional.

Face a esta medida, vários projectos e programas em que os autarcas da região estão interessados «chumbaram à partida projectos no domínio da saúde, ensino, indústria, turismo e agricultura, entre outros».

Na reunião ontem realizada, os autarcas deliberaram convocar para a próxima segunda-feira no Governo Civil de Viana do Castelo, uma outra reunião alargada à qual foi solicitada a presença do presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte, deputados eleitos pelo círculo de Viana, governador civil do distrito e entidades ligadas aos responsáveis na região pela agricultura, ensino, turismo, saúde e estradas. A reunião terá como objectivo o esclarecimento dos autarcas sobre a decisão governamental.

Se os resultados da reunião não forem satisfatórios para os representantes dos municípios do Alto Minho, estes tomarão

posições mais radicais como um movimento de âmbito distrital encabeçado pelos autarcas para mobilizarem a população do distrito para uma manifestação de repúdio à decisão do Governo.

Anunciado por Carlos Pimenta

Barragem do Funcho em funcionamento no final de 1988

A barragem do Funcho, considerada o maior complexo hidroagrícola do Algarve, deverá entrar em funcionamento no final de 1988, previu ontem, em Faro, o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.

Carlos Pimenta, que acabara de visitar as obras da barragem, em declarações à Anop e RDP/Algarve, disse que o empreendimento permitirá, na sua primeira fase, a rega de cinco mil hectares de terrenos, que aumentarão para 16 mil na segunda fase, criando também a possibilidade de serem caracterizados terrenos até 30 mil hectares.

A barragem foi adjudicada pelo preço-base de 400 mil contos e os primeiros oito quilómetros do canal para tirar a água também já foram adjudicados, por 600 mil contos, estando prevista para 1987 a adjudicação de outra extensão igual.

Carlos Pimenta revelou que está em consulta, para ser adjudicado ainda este ano, por valor superior a cem mil contos, um projecto de 50 furos experimentais à volta da barragem do Funcho, desde Lagoa a Silves, que permitirão avaliar com que água subterrânea poderá contar-se naquela área para reforçar a água de superfície da barragem do Funcho e, mais tarde, da barragem de Odelouca.

O secretário de Estado disse que a grande novidade do projecto é precisamente combinar o aproveitamento de águas de superfície com águas subterrâneas, acabando-se com a «velha polémica do Algarve sobre se se deve regar com águas dos furos ou de superfície e se umas são melhores que outras».

Salientou, por outro lado, que na barragem do Funcho e mais tarde na de Odelouca, a água sairá directa para os blocos de rega sem bombagem, mas por pressão, evitando-se dessa forma os custos energéticos.

Relativamente a outra barragem, a implantar no concelho de S. Brás de Alportel, Carlos Pimenta esclareceu que dentro de uma semana a sua Secretaria de Estado devolverá ao Ministério da Agricultura, com as correcções julgadas pertinentes, o projecto de engenharia referente àquele empreendimento.

Segundo o secretário de Estado, dentro de alguns meses estarão prontos os projectos finais de engenharia e do orçamento e bem assim da estimativa do valor em termos de utilização da água.

Só nessa ocasião, frisou, as partes implicadas determinarão se se avança ou não com a obra.

O projecto de engenharia submetido à apreciação da Secretaria de Estado do Ambiente pelo Ministério da Agricultura respeitava a uma barragem de terra que serviria para regar cerca de 300 hectares.

de nove mil, Charneca da Caparica com 6370, Sobreda com 5514 e Pragal com 3919.

Das antigas freguesias Cova da Piedade é a que detém maior número de eleitores com 24 843, seguindo-se Almada com 22 772 e Caparica com 8150.

No concelho de Almada

Mais de 100 mil eleitores vão às urnas

Cerca de 108 mil eleitores de oito das 10 freguesias do Concelho de Almada vão às urnas dia 2 de Novembro para eleger as respectivas assembleias.

A criação em Outubro de 1985 de cinco novas freguesias no concelho — Cacilhas, Pragal, Laranjeiro, Sobreda e

Charneca da Caparica — obriga à realização de eleições locais também nas antigas freguesias de Almada, Monte da Caparica e Cova da Piedade.

De entre as novas freguesias a que tem maior número de eleitores é, segundo o STAPE, a do Laranjeiro com 27 262, seguindo-se Cacilhas com cerca

Esta Semana

2 CONCURSOS

2 OPORTUNIDADES

Para Ganhar

CONCURSO n.º 44/86
JOGOS dos CAMPEONATOS NACIONAIS
CONCURSO EXTRAORDINÁRIO n.º 83/86
• TAÇA dos CAMPEÕES EUROPEUS
• TAÇA das TAÇAS • TAÇA UEFA
com os 5 CLUBES PORTUGUESES

Entrega dos bilhetes do Concurso Extraordinário com os bilhetes do Concurso n.º 44.

totobola



Também à mesa há um Alentejo

Rogério Vidigal

Há duas grandes e distintas correntes no que se refere à cozinha alentejana, à legítima: os que a apreciam mesmo acima das várias outras regiões e os que a detestam argumentando que se trata de pratos de pão e com pouca variedade. Os primeiros certamente jogam com o conhecimento de causa; os segundos limitam-se a falar de cor a partir de alguma experiência infeliz e apressada.

Certamente não será o Festival de Gastronomia de Santarém, ou outro qualquer, que conquistará novos apreciadores para os pratos alentejanos, os de Évora, no caso de ontem. Quem lá vai ou é apreciador ou está em cumprimento de obrigações.

O esforço é válido, depois de tudo. Em primeiro lugar porque a representação de Évora tem primado, em geral, ao longo das seis edições do Festival, pela alta qualidade (exceção feita ao ano passado) e pela inteligente selecção da ementa.



A qualidade geral voltou a marcar a presença de Évora, este ano. A variedade das entradas, se pode parecer um exagero à primeira vista, mais não constitui do que um mostruário de alguns dos petiscos e até pratos alentejanos.

É o caso, por exemplo, do bacalhau assado com pimentos assados, que frequentemente constitui, só por si, o prato principal de uma refeição. Mas, no capítulo das entradas, Évora levou, ainda, a Santarém, especia-

lidades como umas excelentes empadas, os torresmos como só se fazem para lá do Tejo, um queijo que só pecou por ser pouco, orelheiras e um coelho de coentrada... Paio também, mas ou falhou qualquer coisa ou por ali já anda dedo de industrial.

No capítulo da sopa, foi aplicada uma receita do que constitui um dos pratos mais característicos do Alentejo, dos tais que constituem normalmente uma refeição: sopa de bacalhau com batatas e ovos.

Nesta amostra de Santarém faltou, quanto a nós, um «golpe de asa»: os poejos, por exemplo (e já os há bem verdinhos, por esta altura). Mas assinala-se que esta sopa, embora sem ovos, também é feita com alguns peixes. E é de experimentar.

Logo a seguir, nos peixes uma presença aparentemente algo insólita: carapaus fritos (e bons)

com umas migas (açorda), de nota média.

A continuar um prato que é sempre um êxito mas que aqui terá falhado por via de um atraso de uma das tais pessoas que aparecem em cumprimento de funções: no caso, um secretário de Estado que chegou quarenta minutos depois da hora.

Resultado: os coentros dos pezinhos de porco perderam todo o seu aroma e paladar, ficou um produto meio desenhado (resta saber o que fará a organização do Festival se um dia não aparece, de todo, um destes convidados importantes: fica toda a gente



sem almoço?). Mas de qualquer modo, ficou a prova de que nem só de pão se vive no Alentejo, mais as migas que fazem o horror de tanta gente.

Por fim, no domínio das carnes, ainda, aquilo que nos parece um pequeno equívoco, embora a qualidade fosse excelente: nas ementas figurava um «cabrito à cabreiro». O que nos pareceu ao paladar foi que se tratava de um bom borrego assado no forno, como dissemos bem conseguido. O que de resto faz mais sentido, atendendo a que se trata de uma região onde o cabrito não fez tradição e, por consequência, os cabreiros vêm de fora.

Por fim, um melão da Amareleja, região com nome feito nesta fruta. E os doces, embora a nível não tão forte como os de anos anteriores. Mas também aqui se confirmou o que os apreciadores sabem: é rica e tão boa como as

melhores, a doçaria alentejana.

Uma nota positiva, mais uma, para o esforço feito este ano no domínio dos vinhos, quando mais conhecidas marcas da região começaram a ficar menos cotadas (falamos das colheitas de consumo corrente). Neste caso vieram reservas dignas, como é o caso, por exemplo, do Borba, branco, de 1980, ou o Redondo, tito, de 1982.

Em resumo, a prova provada de que a cozinha tradicional portuguesa nada tem que ver com bifés, hamburgueses e quejandos. E, ou se ama, ou se deixa.

Como em tudo na vida, o amor é preferível.



As receitas do dia

Patrocínio **GALP gás**
uma chama mais viva

Borrego assado

Ingredientes: Uma perna de borrego, dois ou três dentes de alho, salsa, cebolas, banha, louro, pimenta, cravinho (facultativo), uma colher de massa de pimentão (facultativo), colorau, vinho branco.

Confeção: faz-se uma papa com os alhos, um pouco de salsa e sal, num almofariz. Barra-se a perna de borrego, põe-se numa assadeira e cortam-se as cebolas às rodela por cima da carne, com a salsa, o colorau, a banha, o louro, os cravinhos e o pimentão e rega-se com o vinho e um pouco de água. Leva-se a assar em forno bem quente. É acompanhado, geralmente, com batatas assadas conjuntamente com a carne, e salada de alface cortada à juliana com um pouco de hortelã cortada muito miudinho.



com

APETITE

APETITE

apetite mais saboroso

Na Quinta do Anjo

(Palmela)

Concurso de ovinos de raça saloia

De 30 de Outubro a 2 de Novembro vai realizar-se na Quinta do Anjo em Palmela a 4.ª Exposição-Concurso de Ovinos da Raça Saloia do Distrito de Setúbal, que tem como um dos seus principais objectivos o relançamento do famoso queijo de Azeitão. Estão inscritos 38 ovelheiros que vão apresentar a concurso os melhores exemplares da sua criação concorrendo assim a prémios instituídos pelas entidades que patrocinam a exposição, a Câmara Municipal de Palmela e o Parque Natural da Arrábida.

Para além da possibilidade de apreciar os melhores exemplares de ovinos da península de Setúbal e até de os comprar pois no Domingo, último dia do certame está previsto um leilão de gado, a confraternização de ovelheiros que se efectuará quando da distribuição de prémios no dia 30, às 13 horas, promete festa de arromba e a justificar uma ida até à Quinta do Anjo em Palmela.

Tudo aponta para novo Sindicato

Sindicalistas do PSD atacam supremacia do PS no Site-se

Sociais-democratas filiados no Sindicato dos Escritórios, Comércio e Serviços (SITESE) decidiram criar uma alternativa a esta estrutura sindical que acusam de ser «um centro de trabalho do Partido Socialista».

A decisão foi tomada no decorrer de um encontro dos sócios do SITESE afectos ao PSD e que terminou com uma intervenção do ministro Fernando Nogueira, que fez uma análise da situação política.

No final do encontro, foi divulgado um comunicado no qual se recomenda a «todos os trabalhadores democratas» do SITESE.

TESE que não participem no próximo acto eleitoral nem paguem quotas.

Os participantes nomearam uma comissão que no prazo de 60/90 dias apresentará, num novo encontro a realizar, as conclusões do seu trabalho de auscultação e mobilização de trabalhadores do sector para a criação de uma alternativa ao SITESE.

Na base da decisão, apontam o facto de o Sindicato dos Escritórios já não ser «um dos esteios do movimento sindical português» e se encontrar num processo de «degradação acelerada» que se

reflete no facto de um terço dos seus associados não pagar as quotas.

Os sociais-democratas dizem ainda que a situação se deve à «tentação exacerbada e incontida dos componentes da tendência socialista de transformarem aquele que foi o maior sindicato da UGT num centro de trabalho do PS, ao serviço do qual têm colocado importantes meios humanos e materiais».

Outras razões seriam a «caótica gestão administrativa e financeira» do Sindicato e o facto de o próximo acto eleitoral se realizar sem «democraticidade interna».

Aleivosias - diz a Direcção

A Direcção do Site-se (Sindicato dos Trabalhadores de escritório, Comércio e Serviços), logo que foi conhecida a posição dos TSD, disse «repudiare e condenar com toda a veemência as irresponsáveis, antidemocráticas e falsas afirmações» dos dirigentes sociais-democratas.

É lamentável — acusa em comunicado a Direcção sindical

— que uma estrutura partidária como é a dos TSD tenha o desca-ramento de interferir na vida de um sindicato que sempre pautou a sua acção por uma implacável independência política. «Só o desespero, a impotência e a incapacidade de concorrer ao próximo acto eleitoral pode ter feito perder a cabeça a indivíduos que, pelas suas acções e pelas suas

palavras, se erguem como verdadeiros inimigos do sindicalismo e dos trabalhadores».

«Não acreditamos que algum trabalhador honesto, algum sindicalista digno deste nome, tivesse o arrojo de proferir tamanhas aleivosias, como seja o apelo ao não pagamento de quotas ou à não participação num acto eleitoral», conclui a Direcção do Site-se.

Com cinco empresas

Portugal vai à feira de Bagdade

Portugal participa oficialmente na Feira Internacional de Bagdade, no Iraque, que se realiza de 1 a 15 de Novembro, informou o Instituto de Comércio Externo de Portugal (ICEP).

O pavilhão português integra cinco empresas, ligadas à produção de medicamentos, construção e obras públicas, equipamentos telefónicos, materiais de ferragem e construção e consultadoria (elaboração de projectos).

Entretanto, está prevista para os primeiros meses do próximo ano, em Lisboa, a reunião da Comissão Mista Luso-iraquiana, ao abrigo do acordo de cooperação económica e técnica assinado entre os dois países.

No primeiro semestre deste ano, as exportações portuguesas para o Iraque atingiram 1,5 milhões de contos, contra importações orçadas 14,7 milhões.

Em 1984 e 1985, as vendas de produtos nacionais àquele país atingiram 3,7 e 2,5 milhões de contos, respectivamente, contra importações que se cifram em 26,3 e 40 milhões de contos nos mesmos anos.

BESCL e Instituto de Economia

assinam protocolo de cooperação

O Instituto Superior Técnico e o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa assinam quarta-feira em Lisboa um protocolo de cooperação nas áreas da organização e formação.

O acordo contempla a cooperação nas áreas da organização e concretização de estágios no banco de finalistas ou recém-licenciados no curso superior de Economia.

Será também desenvolvida a cooperação entre os centros de investigação e documentação do Instituto Superior de Economia e os departamentos e serviços especializados do banco.

Está ainda prevista a participação de técnicos do BESCL em acções de formação organizadas pelo ISE, incluindo mestrados, e de professores e alunos do instituto em acções de formação organizadas pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Empréstimo de 15 milhões para a EDP

O maior empréstimo sindicado até agora celebrado em Portugal, no valor de 15 milhões de contos, foi celebrado entre a empresa pública Electricidade de Portugal (EDP) e um consórcio bancário.

O consórcio é liderado pelo Banco Totta e Açores e integra ainda 4 outras instituições financeiras nacionais e estrangeiras instaladas em Portugal.

O empréstimo destina-se a financiar a última parte do plano de investimentos da EDP.

Lisboa com 21 por cento do desemprego

Lisboa liderava no fim do primeiro semestre do ano a tabela do desemprego por distritos e regiões. Tinha mais de 79 000 trabalhadores inactivos, uma cifra correspondente a 21,36 por cento do desemprego total, segundo um estudo da CGTP-Intersindical.

Lisboa é o distrito que acolhe a maior percentagem de população activa do país (22,95 por cento), daí o facto de no fim de Junho liderar também a tabela do desemprego registado com 79 075 do total dos 370 200 desempregados registados no mesmo período.

O levantamento elaborado pelo Departamento de Estudos da CGTP diz respeito apenas aos desempregados que já tiveram emprego, não considerando, portanto, aqueles que procuram o seu primeiro emprego.

Depois de Lisboa são os distritos do Porto e Setúbal os mais afectados pelo desemprego com 49 738 e 44 707 trabalhadores inactivos, respectivamente.

A seguir, e até aos primeiros dez lugares na tabela dos desempregados, por distritos e regiões autónomas, surgem Braga (26 742), Aveiro (23 806), Santarém (19 541), Coimbra (18 430), Viseu (18 049), Leiria (13 710) e Évora (11 977).

Na área das Regiões Autónomas é a da Madeira que registava no fim do primeiro semestre de 1986 maior número de trabalhadores inactivos com um total de 6665. Nos Açores, no

mesmo período, os trabalhadores inactivos totalizavam 4161.

Por percentagem do desemprego total registado, as grandes áreas de concentração, segundo os números divulgados pela CGTP-IN eram, respectivamente, no fim do primeiro semestre do ano, Lisboa, Porto e Setúbal com 21,36, 13,43 e 12,08 por cento do total.

Lisboa, Porto e Setúbal detêm 22,95, 16,61 e 6,88 por cento da população activa do País.

Agricultura gera desemprego

Os sectores da agricultura, silvicultura e caça foram, no primeiro semestre do ano, os principais geradores de desemprego com um total de 54 400 trabalhadores inactivos, informa também a CGTP, com base no levantamento da situação feito pelo seu departamento de estudos.

Os trabalhadores desempregados na área da agricultura, silvicultura e caça representavam no fim dos primeiros seis meses do ano 17,57 por cento do desemprego registado.

Logo depois surge o sector económico da construção civil e obras públicas que no mesmo período com 49 100 desempregados gerara 15,86 por cento do desemprego total registado.

Em terceiro lugar aparece mencionado no estudo o sector do comércio que no mesmo período mantinha inactivos 36 mil desempregados, 11,63 por

cento do desemprego total.

Em quarto e quinto lugar, no quadro dos sectores mais afectados pelo desemprego, no fim do primeiro semestre do ano, surgem um sector designado por «outros serviços» e o sector das indústrias dos têxteis, vestuário e calçado com, respectivamente, 32 800 e 23 400 desempregados (10,59 e 7,56 por cento do desemprego total registado na altura).

A seguir surgem o sector das indústrias metalúrgicas de base e de fabricação (22 mil desempregados — 7,11 por cento do

total), o sector dos restaurantes e hotéis (20 700 desempregados — 6,69 por cento do total) e o sector das indústrias da alimentação, bebidas e tabaco (13 900 desempregados — 4,49 por cento do total).

Os dois últimos sectores na tabela dos dez mais afectados pelo desemprego são os das indústrias químicas e produtos minerais não metálicos (11 400 desempregados — 3,68 por cento do total) e o das indústrias da madeira e do papel (10 800 desempregados — 3,49 do total).



MARIA DA GRAÇA DIAS PEREIRA SÁ DA SILVA MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

António Casimiro, Aurelina Dias Pereira e mais família participam amanhã, dia 29, pelas 19 horas, na Igreja de S. João de Deus (à Praça de Londres), será rezada missa por alma de sua querida mulher, filha e parente, agradecendo desde já a todos que se dignaram assistir a este piedoso acto.

P.N.

A.M.

AGÊNCIA SALGADO — TELEF. 548258/ 548724

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$35	53\$35
ALEMANHA FED. (marco)	72\$35	73\$55
ÁUSTRIA (xelim)	10\$25	10\$45
BÉLGICA (franco)	3\$277	3\$527
BRASIL (cruzado)	3\$850	6\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$60	109\$10
(notas de 5 a 1000)	107\$10	109\$60
DINAMARCA (coroa)	19\$25	19\$65
ESPAÑHA (peseta)	1\$054	1\$174
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$15	150\$65
(notas de 5 a 1000)	147\$65	151\$15
FINLÂNDIA (marka)	29\$80	30\$40
FRANÇA (franco)	22\$15	22\$85
HOLANDA (florim)	64\$05	65\$15
IRLÂNDIA (libra)	198\$35	202\$35
ITÁLIA (lira)	\$095	\$110
JAPÃO (iene)	\$879	\$934
NORUEGA (coroa)	19\$85	20\$35
REINO UNIDO (libra)	209\$30	213\$80
SUÉCIA (coroa)	21\$20	21\$70
SUÍÇA (franco)	87\$55	89\$05
VENEZUELA (bolívar)	6\$25	7\$25

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Sanções contra Pretória

OS ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia chegaram finalmente a acordo no Luxemburgo sobre os termos de aplicação de duas das quatro sanções económicas que decidiram contra a África do Sul. O acordo, que diz respeito ao boicote das importações de moedas de ouro sul-africanas (krugerrands) e à suspensão dos novos investimentos directos na África do Sul, permite completar o quadro de sanções económicas adoptado em Setembro pela CEE. Ambas as decisões que tinham sido tomadas pelos ministros em Bruxelas a 16 de Setembro deste ano levantavam problemas relativamente ao seu quadro de aplicação. Os Doze decidiram que a interdição de importar moedas de ouro da África do Sul (moedas cunhadas após 1961) seja aplicada segundo o Tratado da Europa em geral e não conforme o artigo 113 do Tratado, como pretendiam alguns Estados membros. Para pôr termo aos novos investimentos directos, os Doze deverão obter um acordo intergovernamental no seio do Conselho de Ministros dos Doze.

Aquino e os comunistas

A presidente Corazon Aquino das Filipinas afirmou que a insurreição comunista deve ser removida por uma «cirurgia de guerra» caso se prove ser «incurável como o cancro». Corazon Aquino tem sido pressionada pelo ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile, para endurecer a sua posição conciliatória em relação aos rebeldes. Entretanto, cerca de mil membros do Comité Feminino pela Paz marcharam ontem pela capital, Manila, a fim de incitar Aquino a resistir à pressão de Enrile.

Campanha eleitoral nos EUA

O Partido Republicano confia na popularidade do presidente Ronald Reagan para manter a maioria no Senado nas próximas eleições legislativas norte-americanas, disseram analistas políticos. Nas eleições de 4 de Novembro serão eleitos 435 representantes da Câmara e 34 senadores. A pequena maioria republicana de 53 representantes contra 47 demócratas pode alterar-se, embora a maioria democrata da Câmara, de 252 deputados contra 180 republicanos seja quase inamovível.

O Papa e a URSS

A campanha de Mikhail Gorbachev no sentido do desarmamento e moratória nuclear está na base do interesse do dirigente soviético em receber o Papa João Paulo II na URSS, em 1988 — considera o «Il Messaggero», do Vaticano. A dedução é do especialista do jornal em assuntos do Vaticano, Marco Politi, para quem o líder soviético pretende também ser recebido pelo Papa durante a visita que vai efectuar a Itália em 1987.

Lei antidroga

O presidente Ronald Reagan assinou um pacote legislativo de 1,7 mil milhões de dólares destinado a reforçar a sua campanha antidroga e prometeu que o governo prosseguirá com nova determinação a ofensiva contra a droga. «O dia de hoje assinala uma importante vitória na nossa cruzada contra as drogas, uma vitória para vizinhanças mais seguras, uma vitória para a protecção da família americana», disse numa cerimónia realizada na Casa Branca.

MNE etíope deserta

O ministro etíope dos Negócios Estrangeiros, Goshu Wolde, anunciou em Nova Iorque a sua demissão, afirmando que não podia servir por mais tempo num governo cuja política está a conduzir o seu país para a «miséria e destruição». O ministro de 45 anos, que falou aos jornalistas numa conferência de imprensa, não sabia ainda se ia pedir asilo político nos Estados Unidos.

Inundações na Indonésia

PELO menos 50 pessoas morreram e outras seis são dadas como desaparecidas nas inundações que assolaram o Sul de Sumatra, informaram fontes policiais. As chuvas afectaram principalmente as províncias de Bengkulu e Lampung. Cerca de 500 pessoas foram evacuadas e serão reinstaladas em novas zonas. Alimentos, medicamentos e pessoal técnico-sanitário foram enviados às zonas afectadas, afirmaram as autoridades indonésias.

Maputo: o adeus a Machel

Jose Antonio Cerejo
nosso enviado especial

Maputo começa a acordar serenamente à hora a que escrevo esta crónica. Pelas ruas da cidade, silenciosamente, a população converge já para os locais onde passará pela última vez o seu presidente. O cortejo fúnebre percorrerá as ruas da capital em direcção ao monumento aos heróis moçambicanos, e o povo inclinar-se-á, pela derradeira vez, diante dos restos mortais do «pai da Pátria».

Ontem, mais do que no fim-de-semana, quando ainda eram visíveis os sinais da incredulidade com que Moçambique recebeu notícia da tragédia do dia 19, a cidade oferecia um aspecto estranhamente normal. Excluindo-se a área envolvente do edifício do Conselho Executivo, Maputo fervilhava de vida, com a população entregue às suas tarefas quotidianas.

Quem percorresse as Avenidas 24 de Julho e Eduardo Mondlane, na parte alta da cidade, não se aperceberia da mais pequena perturbação no dia-a-dia das pessoas, nem certamente do que se passava na cabeça daquela gente.

Apesar das circunstâncias dolorosas e das enormes dificuldades de aprovisionamento dos bens mais essenciais que atingem a quase totalidade dos habitantes — e as excepções não se encontram necessariamente entre os dirigentes políticos, mesmo de mais alto nível, reinava em toda a cidade a mais

absoluta tranquilidade. Com uma circulação automóvel desordenada e extremamente densa, as ruas cheias de gente, nuvens de crianças brincando indiferentemente por toda a parte, dir-se-ia que nada tinha acontecido em Maputo.

As últimas homenagens

Entretanto, na sede do Conselho Executivo a população continuava a desfilar lentamente frente à urna de Samora Machel. Desde o princípio da manhã, milhares e milhares de jovens estudantes, funcionários, enfermeiros, cooperantes estrangeiros, gente anónima, aglomeram-se na Avenida Samora Moisés Machel aguardando a sua vez de homenagear o presidente falecido.

Ao longo do dia, a chegada de mais de 50 delegações estrangeiras sucedeu-se no Aeroporto Mavalane, com especial relevo para a portuguesa, que é sem

dúvida a maior e mais representativa de todas as que aqui estão.

Simultaneamente, do Palácio do Congresso para o cemitério de Lhangue, os funerais do ministro Alcântara Santos, de Aquino de Bragança e das 14 outras vítimas da tragédia que ainda não tinham ido a enterrar realizam-se de manhã e de tarde, na presença das mais destacadas figuras do Estado e do Partido.

Durante todo o dia, numerosas delegações estrangeiras, entre as quais a portuguesa, que ali compareceu integralmente, com o presidente Mário Soares à cabeça, estiveram no Conselho Executivo, enquanto a multidão se comprimia na Praça Fronteira e pela avenida abaixo.

De tarde, sob um tempo que se tem vindo a tornar cada vez mais pesado, com o sol já ausente e trovões esporádicos, as bichas organizadas do fim-de-semana davam lugar a magotes compactos de cidadãos, cansados de esperar, mas sem vontade de arrear pé.

Ao contrário do que ocorrera nos dias anteriores, as estruturas políticas dos bairros e dos locais de trabalho mostravam-se incapazes de enquadrar os populares, que pareciam temer que não chegasse a sua vez.

Por volta das 18 horas, a porta de entrada do Conselho Executivo teve mesmo que ser encerrada durante alguns minutos,

para que fosse possível sustentar o avanço desorganizado de populares, evitando atropelos.

No íntimo de toda aquela gente, apenas um desejo: render homenagem ao homem em quem todos eles acreditavam. E entre eles encontravam-se alguns daqueles que já desesperaram, porque tarda demasiado a paz, e as condições para sobreviver condignamente. Mas Samora está para lá de tudo isso, num domínio em que impera o enigma.

Quem percorre Maputo — e sobretudo quem conhece as carências indescritíveis que afligem o resto do país — interroga-se profundamente sobre a razão de ser, sobre os alicerces da esperança que se vêm nos olhos das gentes.

E se há algo que surpreenda nesta terra é exactamente a segurança com que aqui toda a gente encara o futuro. O discurso oficial — «perdemos um homem mas não perdemos um projecto, morrem homens, mas a vida e o mundo são feitos por povos» — parece ser perfeitamente assimilado pelo mais humilde dos cidadãos e poder-se-á até dizer que esse é um sentimento tão espontâneo que é interior e exterior à própria acção das autoridades, no sentido de assegurar que «a vida continua».

Samora Machel estava acima de tudo, ele era o ponto de con-

Cerimónias fúnebres chegaram hoje a

«Juramos construir o Moçambique com que sonhaste», afirmou esta manhã Marcelino dos Santos ao fazer o elogio de Samora Machel. As cerimónias fúnebres tinham já começado. Os restos mortais do presidente eram pouco depois transportados para aquela que será a sua última morada: o monumento aos heróis de Moçambique, onde se encontram sepultados o primeiro presidente da Frelimo e outros heróis mortos durante a luta pela independência.

A urna com os restos mortais de Samora Machel, coberta com a bandeira nacional, desceu às 10.30 locais (8.30 de Lisboa) do salão nobre do palácio do Conselho Executivo de Maputo para a porta principal. Era o início das cerimónias fúnebres. Ao mesmo tempo que oficiais-generais das Forças Armadas erguiam a urna, entoava-se, no salão nobre, o hino da Frelimo.

Para além da família do presidente, encontravam-se presentes as representações da Zâmbia, Angola, Botswana, Zimbabwe e Portugal, a nível de chefes de Estado, assim como Olivier Tambo, do ANC, elementos da SWAPO e da OLP, e membros do bureau político e do Comité Central da Frelimo e do Conselho de Ministros. Na imensa praça, membros dos diversos ramos das Forças Armadas em traje de gala, delegações estrangeiras, muito

povo e uma multidão de fotógrafos e operadores de câmaras de televisão.

A mulher de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo, assassinado em Dar-es-Salam, prestou homenagem aos restos mortais de Samora Machel. Estavam também presentes delegações de todas as confissões religiosas.

Ainda no palácio do Conselho Executivo, o número dois da Frelimo, Marcelino dos Santos, fez elogio fúnebre do presidente. Durante a leitura, Marcelino dos Santos comoveu-se por diversas vezes ao recordar a acção e a figura de Samora Machel. O número dois da Frelimo apontou como objectivos de acção a liquidação do «banditismo armado» e da «agressão externa».

«Juramos construir o Moçambique com que sonhaste, desenvolvido e próspero, a pátria socialista

moçambicana», jurou Marcelino dos Santos perante os restos mortais do presidente. Ao referir-se às dificuldades que Moçambique ainda atravessa, à fome, à nudez, afirmou: «Contigo tudo era possível, tu eras a certeza e o caminho, agora temos de prosseguir». «Vamos crescer desta raiva que sentimos por te terem roubado ao nosso convívio», acrescentou.

O elogio fúnebre, que durou 40 minutos, foi pronunciado imediatamente a seguir às intervenções das Forças Armadas e das organizações democráticas de massas.

Em nome dos militares falou o ministro da Defesa, general Alberto Chipanda. O ministro garantiu que «continuaremos a fazer a guerra contra os bandidos e seus patrões». Chipanda disse, por outro lado, que Moçambique reforçará a sua aliança natural e fraternidade de armas com todos os países irmãos da Linha da Frente e de África, bem como com os países socialistas.

Na praça do Conselho Executivo eram visíveis muito cartazes com fotografias de Samora Machel e palavras de ordem, promessas e acusações: «Samora, O Que Não Pudeste Fazer, Faremos Nós, Jovens Moçambicanos»; «Samora, O Apartheid É Responsável Pela Tua Morte».

E às 10.30 locais, em Maputo, como em todo Moçambique, era a altura do minuto de silêncio em homenagem do presidente, ao mesmo tempo que sirenas das fábricas, dos navios e das locomotivas enchiam os ares ao sinal da primeira das 21 salvas de artilharia que da Praça da Independência, na capital, chegaram a todo país, via rádio.

O cortejo fúnebre começou a movimentar-se do palácio do Conselho Executivo para a Praça dos Heróis, que será a última morada de Machel, quando faltavam cinco minutos para as 11 horas locais. O céu estava cinzento e caía uma chuva miudinha: um tempo que faz recordar o que diz o povo no Sul de Moçambique ou seja, se chove nas vésperas ou no dia em que alguém vai a enterrar é porque essa pessoa só podia ser boa.

Logo a seguir à urna com os restos mortais de Samora Machel, transportada num carro militar, tomaram lugar Graça Machel e os filhos.

Oitenta e sete delegações estrangeiras, provenientes de 84 países, integraram o cortejo. O presidente da República portuguesa, Mário Soares, figurava aí ao lado de outros chefes de Estado: Kenneth Kaunda, da Zâmbia, Ali Hassan Mwinyi, da Tanzânia, José Eduardo



O presidente da República, Mário Soares, quando depunha uma coroa de flores junto da urna contendo os restos mortais de Samora Machel.

vergência, o motor e a materialização da unidade, mas ele era também o farol que guia, um refúgio de esperança, mesmo quando já não se acredita em mais nada.

Espectacularmente, a sua força e a fé inabável no futuro, que ele inspirava, contagiava até os que apontavam a dedo os erros do regime.

Hoje, desaparecido o líder, o seu exemplo e a sua obra servem de bandeira, tornando-se fermento de esperança.

A grande oportunidade deste povo poderá mesmo estar, julgam alguns observadores, na forma como os dirigentes souberam aproveitar a confluência de vontade e o desejo de prosseguir a sua obra, gerado pela partida de Samora.

Todos com Samora

Representativa da atitude dos moçambicanos é a forma empenhada, diria mesmo militante,

como a Igreja Católica e a generalidade das outras confissões religiosas estão a viver este momento.

Neste aspecto, é significativo das potencialidades criadas, neste país, pela abertura de espírito e pelo pragmatismo de Samora Machel o facto do funeral do ministro Alcântara Santos, ontem realizado, ter sido celebrado segundo os ritos católicos na presença de diversos membros do Bureau Político da Frelimo, e do enterro do adido de Imprensa do presidente, Gulamo Khan, ter tido lugar, há uma semana, de acordo com a prática maometana.

Ontem, enquanto Mário Soares exprimia as suas condolências no livro de pêsames, diversas enfermeiras que, na mesma sala, desfilavam perante o caixão de Samora imploravam a «Nossa Senhora de Fátima» que concedesse «o eterno descanso ao sr. Presidente».

Ontem também, numa celebração ecuménica realizada na catedral do Maputo com representantes oficiais e fiéis de todas as confissões, por ocasião do Dia da Paz, foi guardado um minuto de silêncio em memória de Samora e foram repetidos os elogios fúnebres a que já nos referimos na última edição do «DL».

A hora a que escrevemos o final desta reportagem, são agora nove horas, em Maputo, as cerimónias fúnebres já tiveram início e Maputo está na rua. É toda uma cidade, pelas informações que aqui me chegam, que se despede do seu líder. É todo um país que quer homenagear aquele a quem deve a dignidade de ser independente. Logo à tarde a capital regressará ao aspecto que tinha ontem. Moçambique está confiante e os seus dirigentes unidos. Samora morreu mas o seu combate continua.

ao fim

dos Santos, de Angola, Quett Masire, do Botswana, e Robert Mugabe, primeiro-ministro do Zimbábue. No cortejo seguiam também dois ex-presidentes conhecidos com grandes amigos de Machel: Julius Nyerere, da Tanzânia, e Ramalho Eanes, de Portugal.

A maior delegação presente é a do Zimbábue, com 20 elementos de cada uma das províncias que constituem o país. Segue-se a de Portugal, que é ainda a mais representativa. Conforme já noticiámos, para além de Mário Soares e do ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, integram-na representantes dos partidos com assento parlamentar e personalidades convidadas pelo presidente da República.

Solidariedade de Portugal

Em declarações à agência NP, Mário Soares disse que levou a Moçambique uma homenagem nacional, representada pelo chefe de Estado e por todos os partidos do arco parlamentar. «Trouxe a Moçambique a solidariedade do povo português na dor que atinge o povo moçambicano», disse.

O presidente da República precisou que a composição

da delegação demonstra ao povo moçambicano, de forma concreta, que em Portugal, da esquerda à direita, todo se sentem ligados a Moçambique por laços de fraternidade.

Mário Soares, acompanhado pela sua comitiva, foi ontem recebido por Marcelino dos Santos, que classificou de muito reconfortante a deslocação do presidente português a Moçambique.

Soares, que ainda esta noite regressa a Lisboa, irá encontrar-se hoje com o chefe de Estado angolano, José Eduardo dos Santos. É a primeira vez que Mário Soares, enquanto presidente, se encontra com o seu homólogo angolano.

Soviéticos descontentes

Um magistrado sul-africano proibiu ontem um serviço fúnebre em memória do presidente moçambicano organizado pelo Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos e a Frente Democrática Unida. As autoridades de Pretória recusaram também à activista negra Winnie Mandela um passaporte para assistir hoje aos funerais de Samora Machel.

Entretanto, a equipa soviética que está a investigar o desastre aéreo em que morreu

o presidente moçambicano manifestou discordância quanto à forma como decorreram os trabalhos da comissão de inquérito onde participam ainda sul-africanos e moçambicanos.

A notícia foi dada por um jornal de Joanesburgo, «Business Day», que afirma estar os soviéticos particularmente aborrecidos pelo facto de os sul-africanos coordenarem a investigação, alegando que o acidente ocorreu no seu território.

Por outro lado, o diário «Ilanga», de Durban, disse ontem que Machel só morreu quatro horas depois de o avião ter caído. Residentes na aldeia de Mbuzini disseram aquele jornal que chegou ao local do desastre poucos minutos depois da queda do avião e ainda reconheciam Samora Machel «vivo e ferido». Quando a polícia sul-africana chegou ao local, às três horas da manhã, o presidente de Moçambique ainda respirava, disseram as testemunhas citadas pelo «Ilanga».

Esta versão contradiz, no entanto, as declarações do chefe da escolta presidencial, Fernando João, que afirmou só ter ido em busca de auxílio, pouco depois da queda, após ter confirmado que o presidente se encontrava morto.

Acção contra a Síria divide ministros da CEE

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE não chegaram a acordo no Luxemburgo, no apoio a uma acção conjunta proposta pela Grã-Bretanha contra a Síria, disse o ministro luxemburguês dos Negócios Estrangeiros, Jacques Poos.

A Grã-Bretanha apelou aos seus parceiros da Comunidade Económica Europeia para tomarem medidas concertadas contra a Síria pela sua alegada cumplicidade numa tentativa para fazer explodir um avião israelita.

Onze dos 12 ministros divulgaram um comunicado expressando a sua indignação por agentes de Estado estarem envolvidos no incidente. A Grécia recusou apoiar o comunicado que não menciona expressamente a Síria.

Diplomatas da comunidade disseram que a França, a Alemanha Federal, a Espanha e a Grécia bloquearam uma proposta britânica para chamar os embaixadores creditados em Damasco para consultas.

Um acordo, segundo a mesma fonte, poderia eventualmente ser possível caso o Reino Unido se limitasse a solicitar uma condenação escrita do envolvimento sírio no caso Hindawi.

A Grécia, no entanto, conforme explicou aos jornalistas o seu secretário de Estado para os Assuntos Europeus, Teodoros Pangalos, estando pronta a condenar o acto que levou ao julgamento e acusação do jordaniano Nazer Hindawi, não está no entanto disposta a fazer qualquer processo de intenções contra a Síria.

A delegação portuguesa, de acordo com uma fonte que lhe é próxima, teria manifestado «solidariedade e compreensão» ao Reino Unido e o seu acordo quanto ao facto de se ter optado por levantar o problema a nível comunitário.

A questão do relacionamento com a Síria, na sequência do

alegado envolvimento deste país em acções terroristas, constitui um novo teste para a cooperação política na Comunidade Europeia.

A solidariedade entre países membros, segundo vários observadores, volta mais uma vez a depender dos interesses económicos e diplomáticos de cada um.

A República Federal da Alemanha, a França, a Itália (cuja oposição contra a adopção de medidas específicas não foi relatada) e a Grécia detêm com efeito importantes laços económicos com a Síria.

O Reino Unido tem apelado para os seus parceiros para que se limitem a aplicar as medidas que enunciaram em Janeiro e Abril deste ano aos países provavelmente cúmplices de acções terroristas.

Nessa altura os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade declararam-se prontos a operar reduções nas representações diplomáticas e interdições na venda de armamento dos e aos referidos países.

Jornada da Paz cumprida no mundo inteiro

O Papa João Paulo II dirigiu ontem uma oração pela paz por um mundo que disse estar crucificado pela guerra, enquanto governos e guerrilheiros de vários países declararam uma trégua de 24 horas.

Mais de 150 representantes de 12 religiões rezaram na cidade italiana de Assis pela paz.

Novimentos de guerrilha de 11 países e três governos concordaram em declarar um cessar-fogo de um dia.

Fontes do Vaticano indicaram que pelo menos 60 chefes de governos expressaram o seu apoio à iniciativa do Papa.

Também o líder da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, expressou ao pontífice a sua satisfação pela iniciativa.

Em África, a Frente Polisário, a UNITA e o Movimento de Libertação Popular ugandês anunciaram que respeitariam igualmente o apelo do Papa.

Gorbachev volta a acusar os EUA

O líder soviético Mikhail Gorbachev disse que ainda são possíveis progressos em questões de desarmamento e qualificou de «provocador» o comportamento norte-americano desde Reiquejavique.

A agência noticiosa TASS, citando Gorbachev, refere que o líder soviético disse mais uma

vez que a cimeira da capital islandesa permite «um progresso real na eliminação de armas nucleares».

«A situação depois do encontro de Reiquejavique, apesar do comportamento provocador dos EUA, ainda oferece oportunidades para a procura comum de soluções», salientou Gorbachev sem se referir directamente

Na Nicarágua e em El Salvador foi declarada trégua nos respectivos conflitos.

Na Índia e no Kampuchea, não houve notícias de encontros ocorridos ontem.

O governo filipino declarou um dia de paz nacional e promoveu uma missa especial em Manila, em que participaram milhares de pessoas.

Mas, aparentemente, não houve qualquer cessar-fogo na guerra do Golfo, apesar de o presidente iraquiano Saddam Hussein ter enviado uma mensagem ao Papa manifestando a sua disposição para cumprir o cessar-fogo, caso este fosse respeitado pelo Irão.

No Líbano, onde após 11 anos de guerra tinha ontem sido declarado mais um ces-

sar-togo temporário, as tréguas não foram respeitadas pelas milícias locais que se envolveram em tiroteios esporádicos.

O Exército Republicano Irlandês que luta contra o domínio britânico na Irlanda do Norte não respeitou o apelo do Papa a tréguas, sabotando através de atentado bombista um comboio de mercadorias que se dirigia de Belfast para Dublin.

Não obstante, na cidade natal de São Francisco, líderes de diversas religiões rezaram, segundo os seus próprios ritos, pela paz no mundo.

João Paulo II dirigiu um serviço religioso católico ao qual se associaram, o arcebispo de Cantuária e diversos bispos ortodoxos de países do Leste.

Cânticos, ritos animistas e queima de incenso foram movimentos incluídos noutras tradições religiosas igualmente presentes em Assis.

às recentes expulsões de funcionários da Embaixada soviética do Kremlin.

A TASS disse que as referidas afirmações de Gorbachev foram feitas por escrito em resposta a perguntas formuladas por organizadores de um encontro internacional de escritores em Sófia.



CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

EDITAL

VENDA DE HABITAÇÕES DE PREÇOS LIMITADOS

JOSÉ LUÍS LOPES PEREIRA, Presidente da Câmara Municipal da Moita, FAZ SABER QUE:

- 1 - A partir do dia 27 de Outubro e até ao dia 18 de Novembro de 1986, estará aberto concurso para atribuição, por sorteio, do direito à aquisição dos fogos, construídos ao abrigo de contratos de desenvolvimento para habitação e sujeitos ao regime e ónus das casas de renda limitada, a seguir indicados:
- 1.º - Rés-do-chão direito frente (ou r/c B) do Lote J da R. Dr. Alexandre Sequeira, freguesia da Moita.
Tipologia: T 3
Preço: 1 526 contos
- 2.º - 2.º andar n.º 22 do Bloco C da R. Ferreira de Castro, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 3
Preço: 2 000 contos
- 3.º - 2.º andar n.º 35 do Bloco A da R. Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 150 contos
- 4.º - 6.º andar direito do Lote 4 da Av. José Almada Negreiros, Banda D 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 300 contos
- 5.º - 4.º andar n.º 20 do Bloco G da Av. António Aleixo, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 3
Preço: 2 200 contos
- 6.º - 3.º andar direito do Lote 1, da R. Bordoal Pinheiro, Banda A 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 524 contos
- 7.º - 2.º andar esquerdo do lote 27 da R. Bordoal Pinheiro, Banda A 6, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 1 650 contos
- 8.º - 2.º andar n.º 21 do Bloco Z da Av. António Aleixo, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 685 contos
- 9.º - 2.º andar n.º 10 do Bloco R da Av. Luís de Camões, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 600 contos
- 10.º - 3.º andar n.º 40 do Bloco T da R. Fernando Pessoa, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 3
Preço: 3 100 contos
- 11.º - 3.º andar n.º 50 do Bloco A da R. Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 800 contos
- 12.º - 2.º andar n.º 15 do Bloco C da R. Ferreira de Castro, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 3
Preço: 1 900 contos
- 13.º - 4.º andar direito do lote 39 da R. Bordoal Pinheiro, Banda B 7, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3
Preço: 2 187 contos
- 14.º - Rés-do-chão n.º 7 do Bloco F da R. Ferreira de Castro, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 4
Preço: 2 500 contos
- 15.º - 3.º andar n.º 59 do Bloco M da R. Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 650 contos
- 16.º - 5.º andar esquerdo do lote 1 da Av. José Almada Negreiros, Banda D 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 4 (c/arrec. n/cave)
Preço: 1 795 contos
- 17.º - 5.º andar direito do lote 32 da Av. 1.º de Maio, Banda B 5, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 200 contos

- 18.º - 3.º andar n.º 49 Bloco A da R. Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 800 contos
- 19.º - 1.º andar n.º 15 do Bloco A da R. Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 900 contos
- 20.º - 3.º andar n.º 44 do Bloco M da R. Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 600 contos
- 21.º - 2.º andar n.º 19 do Bloco B da Av. António Aleixo, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 400 contos
- 22.º - Rés-do-chão n.º 3 do Bloco G da Av. António Aleixo, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 000 contos
- 23.º - 2.º andar n.º 15 do Bloco AB da Av. Luís de Camões, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 500 contos
- 24.º - 2.º andar n.º 10 do Bloco AB da Av. Luís de Camões, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 650 contos
- 25.º - 3.º andar n.º 52 do Bloco A da R. Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 285 contos
- 26.º - 3.º andar direito do lote 31 da Praceta Pablo Neruda, Banda H 8, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 650 contos
- 27.º - 6.º andar esquerdo do lote 27 da Av. José Almada Negreiros, Banda B 4, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 1 950 contos
- 28.º - 1.º andar esquerdo do lote 2 da R. Bordoal Pinheiro, Banda A 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 000 contos
- 29.º - 1.º andar n.º 6 do Bloco C da R. Ferreira de Castro, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 4
Preço: 2 400 contos
- 30.º - 3.º andar n.º 64 do Bloco M da R. Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 250 contos
- 31.º - 1.º andar n.º 14 do Bloco L da Av. António Aleixo, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 000 contos
- 32.º - Rés-do-chão n.º 8 do Bloco L da Av. António Aleixo, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 000 contos
- 33.º - 3.º andar direito do Lote 20 da Praceta João Villaret, Banda H 5, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 710 contos
- 34.º - Rés-do-chão n.º 8 do Bloco H da R. Eça de Queiroz, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 100 contos
- 35.º - 4.º andar direito do Lote 54 Urbanização de S. Sebastião, freguesia da Moita.
Tipologia: T 3
Preço: 2 507 contos
- 36.º - 6.º andar esquerdo do Lote 57 da Urbanização de S. Sebastião, freguesia da Moita.
Tipologia: T 3
Preço: 2 507 contos
- 37.º - 3.º andar n.º 68 do Bloco A da R. Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da

Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.

- Tipologia: T 2**
Preço: 2 100 contos
- 38.º - 1.º andar esquerdo do Lote 17 da Praceta João Villaret, Banda H 5, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 214 contos
- 39.º - 1.º andar n.º 6 do Bloco N da Av. Luís de Camões, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 447 contos
- 40.º - 2.º andar n.º 14 do Bloco G, da Av. António Aleixo, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 185 contos
- 41.º - 5.º andar direito do Lote 57, Urbanização de S. Sebastião, freguesia da Moita.
Tipologia: T 3
Preço: 2 507 contos
- 42.º - 2.º andar esquerdo do Lote 2 da R. João Villaret, Banda H 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 4
Preço: 2 450 contos
- 43.º - 1.º andar esquerdo do Lote 38 da R. Bordoal Pinheiro, Banda B 7, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 4
Preço: 2 462 contos
- 44.º - Rés-do-chão direito do Lote 47, Urbanização de S. Sebastião, freguesia da Moita.
Tipologia: T 2
Preço: 2 000 contos
- 45.º - 5.º andar direito do Lote 40 da R. Bordoal Pinheiro, Banda B 7, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3
Preço: 2 100 contos
- 46.º - 2.º andar esquerdo do Lote 38 da R. Bordoal Pinheiro, Banda B 7, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 4
Preço: 2 462 contos
- 47.º - 5.º andar direito do Lote 35 da Praceta Pablo Neruda, Banda H 9, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 470 contos
- 48.º - 2.º andar direito do Lote 26 da R. Bordoal Pinheiro, Banda A 5, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 1 850 contos
- 49.º - 3.º andar direito do Lote 18 da Praceta João Villaret, Banda H 5, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 710 contos
- 50.º - 4.º andar esquerdo do Lote 3 da Av. José Almada Negreiros, Banda D 1, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 138 contos
- 51.º - 2.º andar n.º 14 do Bloco D da Av. Luís de Camões, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 900 contos
- 52.º - 2.º andar esquerdo do Lote 47, Urbanização de S. Sebastião, freguesia da Moita.
Tipologia: T 3
Preço: 2 500 contos
- 53.º - 3.º andar direito do Lote 36 da P. Pablo Neruda, Banda H 9, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 520 contos
- 54.º - Rés-do-chão n.º 11 do Bloco Z da Av. António Aleixo, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 685 contos
- 55.º - 1.º andar n.º 5 do Bloco C da R. Ferreira de Castro, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 4
Preço: 3 216 contos
- 56.º - 1.º andar n.º 8 do Bloco D da Av. Luís de Camões, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 650 contos
- 57.º - 6.º andar esquerdo do Lote 40 da R. Bordoal Pinheiro, Banda B 7, Urbanização do Vale da

Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.

- Tipologia: T 4**
Preço: 2 450 contos
- 58.º - 2.º andar n.º 10 do Bloco N da Av. Luís de Camões, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 1
Preço: 1 250 contos
- 59.º - Rés-do-chão n.º 10 do Bloco M da R. Soeiro Pereira Gomes, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 1 936 contos
- 60.º - 3.º andar n.º 47 do Bloco A da Rua Florbela Espanca, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 200 contos
- 61.º - 5.º andar direito do Lote 23 da Praceta João Villaret, Banda H 6, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 100 contos
- 62.º - 5.º andar n.º 19 do Bloco H da R. Eça de Queiroz, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 4
Preço: 2 500 contos
- 63.º - 4.º andar esquerdo do Lote 34 da Av. 1.º de Maio, Banda B 5, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 138 contos
- 64.º - 2.º andar n.º 32 do Bloco AA da R. Alves Redol, Célula H 3, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 2
Preço: 2 500 contos
- 65.º - 3.º andar esquerdo do Lote 30 da Av. José Almada Negreiros, Banda B 4, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 124 contos
- 66.º - 2.º andar n.º 23 do Bloco F da R. Ferreira de Castro, Célula H 2, Urbanização da Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros.
Tipologia: T 3
Preço: 2 000 contos
- 67.º - 1.º andar esquerdo do Lote 31 da Av. José Almada Negreiros, Banda B 4, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 4 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 838 contos
- 68.º - 2.º andar direito do Lote 30 da Av. José Almada Negreiros, Banda B 4, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 3 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 546 contos
- 69.º - Rés-do-chão direito do Lote 10 da Praceta José Escada, Banda H 3, Urbanização do Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.
Tipologia: T 2 (c/arrec. n/cave)
Preço: 2 069 contos
- 2 - Os interessados na compra de qualquer destas habitações devem inscrever-se, dentro do prazo indicado no n.º 1, nos Serviços Municipais de Habitação (edifício dos Paços do Concelho), entre as 9.15 e as 12.00 e entre as 14.00 e as 15.30 horas dos dias úteis, mediante entrega de um boletim fornecido pelos mesmos Serviços, devidamente preenchido, confirmado e assinado e de documentos comprovativos dos rendimentos do agregado familiar bem como de outros que possam vir a ser exigidos nos termos legais.
- 3 - No acto da inscrição deverá ser depositada a quantia de 5% do preço do fogo, que será devolvida aos concorrentes não contemplados.
- 4 - As condições de admissão ao concurso e todos os demais requisitos, os trâmites do concurso e as regras a que o mesmo obedece constam do Programa do Concurso que deve ser consultado pelos interessados nos Serviços Municipais de Habitação nos dias e horas indicados no n.º 2. No mesmo local serão prestados todos os esclarecimentos considerados necessários.
- 5 - Os sorteios para a atribuição dos fogos realizar-se-ão, pela ordem constante do n.º 1, no dia 10 de Dezembro de 1986, com início às 14.30 horas.
- E para constar se lavrou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos locais do costume.
- Moita, 23 de Outubro de 1986

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA
(José Luís Lopes Pereira)



Equipa para hoje: com Roçadas a ocupar o lugar de Pedro Xavier (3.º em cima a contar da esquerda) serão estes «seabrinhas» que hoje actuarão no estádio Cantonal de Entlebuch (arredores de Berna)

Esperanças jogam hoje

A selecção portuguesa de futebol de «esperanças» defronta hoje na Suíça a sua homóloga helvética, em partida do Grupo 2 de qualificação para o campeonato europeu da categoria.

O encontro terá lugar em Entlebuch, nos arredores de Berna, às 19 horas locais (18 em Lisboa).

A equipa portuguesa comanda o grupo, com 2 pontos, depois da «agradável surpresa» proporcionada na estreia frente à Suécia, que venceu categoricamente por 2-0, em partida disputada no dia 11 no Estádio da Tapadinha, em Lisboa.

EQUIPA PROVÁVEL: Sérgio; Barny, Samuel, Carvalhal e Vítor Santos; Rui Barros, Nascimento, Mitó e Caetano; Litos e Roçadas.

A única alteração em relação ao encontro frente à Suécia refere-se à entrada do setubalense Roçadas para o lugar

do «estudante» Pedro Xavier que, como se sabe, se encontra lesionado.

Quanto a suplentes (um não se sentará no banco) temos: Lopes, Pacheco, Mota, João Paulo, Filipe e Rui Pedro.

O árbitro do encontro é o jugoslavo Stjepan Glavina.

A classificação actual do grupo 2 do «europeu» de esperanças é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Portugal	1	1	—	—	2-0	2
Suíça	1	—	1	—	0-0	1
Suécia	2	—	1	1	0-2	1
Itália	—	—	—	—	—	—

Jogos já disputados: Suécia-Suíça (0-0) e Portugal-Suécia, 2-0.

Próximos jogos: Suíça-Portugal (hoje, 18 horas de Lisboa), Itália-Suíça (14 Nov. 86), Portugal-Itália (13 Fev. 87), Suécia-Itália (2 Jun. 87) e Suíça-Suécia (16 Jun. 87).

Com os melhores de «quarentena»

Seleccção de emergência sem (outras) mazelas

Os «seabrinhas» lá estão na capital helvética esperando o duplo embate com os seus parceiros suíços a efectuar hoje (esperanças) e amanhã (equipa principal), não se registando problemas de ordem física entre os 34 escolhidos por Rui Seabra e seus adjuntos. Mau grado estarmos em presença de uma «selecção de emergência» desfalcada dos mais positivos valores do nosso futebol (e aqui caberá uma palavra para a excelente forma que atravessam João Pinto, André, Futre, Jaime Pacheco e Diamantino, obviamente todos eles futebolistas de craveira mundial) existe muito optimismo entre a comitiva lusa para os dois confrontos. Nós também confiamos, apesar de tudo...

O jogo de amanhã será transmitido em directo pela RTP (19 horas) permitindo que os portugueses possam ser por si próprios testemunhas do actual momento do futebol português, ainda traumatizado da experiência mundialista e suas consequências.

Depois do triunfo inesquecível frente à Inglaterra por 1-0 em Monterrey para o «Mundial» e com um golo de Carlos Manuel, Portugal ainda não conseguiu ganhar, pelo que uma vitória frente aos helvéticos poderia devolver de novo a alegria aos entusiastas do futebol.

Mas a «festa» da vitória não é fácil de obter tendo em conta que a Suíça joga no seu ambiente e que o frio e a chuva prometem ser fortes aliados do adversário, que perdeu o seu primeiro jogo do grupo 2 por 2-0 frente à Suécia, em Estocolmo. No entanto, é a possível chuva de críticas da Imprensa desportiva e da opinião pública que os «seabrinhas» mais temem, enquanto o único calor em Berna deverá provir das largas centenas de emigrantes portugueses presentes no estádio Wankdorf.

A história das «batalhas» futebolísticas entre a Suíça e Portugal é também altamente favorável aos helvéticos pois em 13 desafios os portugueses saíram vitoriosos em apenas três confrontos, o último dos quais em 1977, no Funchal, no qual venceram por tangencial 1-0.

Amanhã como será? Esta a grande questão que se coloca a uma selecção... do resto de Portugal. Que esquematização táctica terá Júlio Cernadas Pereira (Juca) concebido para opor à maior pujança físico-atlética dos helvéticos? Quem estará encar-

regue da vigilância aos perigosos Hermann e Andre Halter? Teremos um esquema de cautelas defensivas ou um sistema a privilegiar os mais aptos e velozes para o contra-ataque?

Interrogações que terão resposta a partir das 19 horas e que nós saberemos através da transmissão televisiva e das emissões radiofónicas.

O fio das palavras

Personalidade vertical, futebolista que atingiu o sonho da «internacionalização», professor de Educação Física, cidadão de corpo inteiro, autêntico «gentleman» e, ainda, jornalista bem enquadrado entre os profissionais a tempo inteiro, Luís Norton de Matos dá ao «Record» (na pessoa de David Borges) uma entrevista onde é bom que se distingam afirmações que merecem transcrição. Por exemplo:

— Enquanto jornalista, assumo uma atitude crítica em relação ao futebol: mas nem sempre a verdade é revolucionária e tenho sofrido alguns dissabores (...) Gostava de aprofundar o «Caso Saltillo», até porque sei muito, falei com muitas pessoas (...) O que resta? Vinte e dois malandros fora da selecção...

O jovem director da «Foot» acrescenta:

— A classe dos futebolistas não tem classe. A Federação continua, nela continuam as mesmas pessoas, continua a haver uma equipa porque há «x» jogadores, se esses forem ao ar, há mais «n» jogadores (...). Nos Estados Unidos, dois jornalistas fizeram cair um presidente e, na Itália, altas figuras foram apanhadas nas malhas da justiça. Aqui, ao contrário, quem diz as verdades é que acaba por correr o risco de passar por mentiroso.

Uma outra afirmação extramamente sensata e pertinente:

— Na 2.ª divisão há boas equipas, bons jogadores, mas faltam campos relvados e controlo «antidoping». Por vezes há uma agressividade anormal em certos jogadores...



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 73/86

IMPOSTO PARA O SERVIÇO DE INCÊNDIOS SOBRE PRÉDIOS URBANOS

Faz-se saber que o imposto para o serviço de incêndios sobre prédios urbanos referente ao ano de 1984 se encontra a pagamento à boca do cofre durante o mês de Novembro.

O imposto incidirá sobre os prédios localizados nas áreas dos 1.º ao 10.º e 15.º Bairros Fiscais, estando à cobrança nos seguintes locais:

Paços do Concelho — 1.º ao 5.º e 15.º Bairros
R. Alexandre Herculano, n.º 46 — 8.º ao 10.º Bairros
Av. 24 de Julho, n.º 171 — 6.º e 7.º Bairros

O pagamento poderá ser ainda efectuado nos 60 dias seguintes acrescido de juros de mora, findos os quais se procederá ao relaxe da dívida.

Este imposto encontra-se disciplinado no art.º 708.º do Código Administrativo conjugado com o art.º 63.º n.º 1 da Lei n.º 2-B/85 de 28 de Fevereiro.

E, para geral conhecimento se publica o presente Edital.
Paços do Concelho de Lisboa, 1986/10/13

O Presidente da Câmara Municipal
Por Delegação,
O Vereador,
(PEDRO JOSÉ DEL NEGRO FEIST)

TEMPO DE ANTENA DO PCP

quarta-feira
dia 29 out.

na RDP (antena 1)
cerca das 13.30 h.

quinta-feira
dia 30 out.

na RTP1
depois do telejornal

MÚSICA E PAZ

TEATRO VILLARET — LISBOA

Quinta-feira, 30 — 21 horas

CONCERTO ÚNICO

Com

Carlos do Carmo

e

António Vitorino de Almeida

BILHETES DE INGRESSO
Largo da Trindade, 16 sobreloja Esquerda
LISBOA — Telef: 32 70 06 e 3 8 10

Atletismo "com elas"

Participação recorde no "mundial" de estrada

O quarto Campeonato do Mundo de Estrada Feminino, a disputar em Lisboa no dia 9 de Novembro, será o mais participado de sempre — disse o presidente da Federação Portuguesa de Atletismo. Segundo Carlos Cardoso, o recorde de 30 países presentes na última edição da prova, disputada em Gateshead, na Grã-Bretanha, será ultrapassado no «mundial» de Lisboa, para que se inscreveram 46 países dos cinco continentes.

Em conferência de Imprensa realizada ontem à tarde num hotel de Lisboa, Carlos Cardoso recordou a «importância crescente» do «mundial» de estrada feminino.

O presidente da FPA reconheceu que a atribuição da organização da prova a Portugal por parte da Federação Internacional de Atletismo Amador é uma consequência do nível dos resultados obtidos ultimamente pelos atletas portugueses, mas resulta também do bom trabalho desenvolvido pela Federação Portuguesa em anteriores provas, nomeadamente no Campeonato do Mundo de Corta-Mato.

Além da bicampeã mundial, a portista Aurora Cunha, vencedora das duas últimas edições da prova, a selecção portuguesa será integrada por Rosa Mota (CAP), Lucília Soares (Benfica) e Albertina Dias (Boavista), tendo como técnica a professora Maria do Sameiro Araújo. Portugal poderá fazer alinhar mais seis atletas, ainda que extracompetição, ao contrário dos restantes países, que apenas podem inscrever quatro atletas, contando as três primeiras para a classificação colectiva.

Entre outros, estarão presen-

tes em Lisboa atletas da Grã-Bretanha, Estados Unidos, União Soviética, Bélgica, Alemanha Federal, Itália, França, Austrália, Holanda, Espanha, Argentina, México.

O «mundial» de Estrada Feminino, que a partir de 1985 viu a sua distância aumentar de 10 para 15 quilómetros, será disputado numa das zonas mais bonitas e mais planas de Lisboa, entre a Torre de Belém, o Monumento aos Descobrimentos e a Estação Fluvial de Belém, num circuito com um perímetro de 3850 metros.

As atletas participantes farão uma primeira volta de 3450 metros, cumprindo posteriormente mais três voltas completas.

A primeira edição da prova, disputada por atletas de 22 países na cidade norte-americana de San Diego em 1983, foi ganha pela britânica Wendy Sly, que cobriu os 10 quilómetros em 32 minutos e 23 segundos, pertencendo o triunfo colectivo aos Estados Unidos.

No ano seguinte, em Madrid, a prova foi totalmente dominada por Aurora Cunha e Rosa Mota, que se sagraram campeã e vice-campeã mundiais, respectivamente, contribuindo decisiva-

mente para o segundo lugar obtido pela selecção portuguesa, a seguir à Grã-Bretanha.

Aurora Cunha percorreu os 10 quilómetros em 33.04 minutos, batendo Rosa Mota por 14 segundos, numa prova em que participaram atletas de 25 países.

Em 1985, Aurora Cunha repetiu a vitória, batendo a norte-americana Judi Hillaire e a britânica Carole Bradford, segunda e terceira classificadas, enquanto a equipa portuguesa se ficava pela quinta posição, atrás da Grã-Bretanha, que voltou a ganhar, da União Soviética, dos Estados Unidos e da Alemanha Federal.

Lopes reaparece e triunfa

Carlos Lopes reapareceu na corrida disputada nos arredores de Brest, e venceu ao percorrer os 10 quilómetros (distância entre Taule e Mortaix) em 28.43 minutos. O segundo classificado cortou a meta 1m e 5 segundos após o campeão olímpico da maratona.

No próximo domingo, Carlos Lopes estará presente na meia-maratona das Açóteias, esperando-se que alinhe já com a camisola do Imortal.

Carlos Cabral venceu «GP» de Lagos

Carlos Cabral venceu o IX Grande Prémio Cidade de Lagos, em atletismo, competição integrada no conjunto de provas desportivas que assinalaram, no passado fim-de-semana, a passagem de mais um aniversário da cidade lacobrigense.

O vencedor cobriu os 8000 metros do percurso em 23 minutos e 31 segundos, com uma vantagem substancial sobre os seus perseguidores mais directos: Aurélio Salustio, do Vilamoura (24.08), Peter Knight, do Odemirense (24.12), Jorge Henriques, do Imortal (24.17) e o seu colega de equipa (Const. José Viegas), Rui Viegas (24.38).

Por equipas e na categoria de juniores e seniores masculinos triunfou o O. demirense, com 16 pontos, seguido do Imortal, com 24 pontos.

Na prova para iniciados e juvenis masculinos, na distância de 3200 metros, Carlos Calado, dos Est. Fontainhas Neto, foi o vencedor, com o tempo de 9m e 34 segundos, tendo o Grupo Desportivo da Penha ganho colectivamente, com 11 pontos.

A competição feminina, para iniciados, juvenis, juniores e seniores, foi ganha por Alexandra de Jesus, do Alvorense, com o tempo de 12m e 30s, seguida das suas colegas de equipa Dora Paulo (12m e 31s) e Ana Trindade (12m e 33s). Por equipas, venceu o Alvorense, com 6 pontos.

Participaram no Grande Prémio Cidade de Lagos, 170 atletas e uma dezena de equipas, das quais o Alvorense se destacou, vencendo globalmente, com 149 pontos, seguido do Imortal (94) e do Odemirense (80).

Meia-Maratona das Açóteias

A VII edição da «Meia-Maratona das Açóteias» tem

mais atletas estrangeiros inscritos do que portugueses, até ao momento, disse um membro da organização, em conferência de Imprensa realizada naquele complexo turístico.

Os italianos Loris Pimazzoni e Garau Gavino e os suecos Paer Wallin e Hans Segerfeldt são os nomes estrangeiros mais sonantes, enquanto, a nível nacional, Carlos Lopes e Manuel Matias (vencedor das duas últimas edições) se apresentam como os mais cotados para discutir o triunfo.

Lara Ramos garantiu ainda a presença de José Frias e a probabilidade de Delfim Moreira e David Tavares confirmarem igualmente a sua participação na corrida, a disputar dia 2 de Novembro, com início às 9.30 horas. «Os concorrentes deste ano possibilitam uma maior luta e tenho hipótese de melhorar o meu tempo» — afirmou o atleta Manuel Matias presente na conferência.

Refira-se que o recorde da «Meia-Maratona das Açóteias» continua a pertencer a José Sena, estabelecido em 1983 (1.05.10 horas), tendo Manuel Matias, em 1985, gasto apenas mais três segundos.

Meia-maratona no Barreiro

As juntas de freguesia do Barreiro, com o patrocínio da Região de Turismo de Setúbal, vão organizar a IV Meia-Maratona



Maria do Sameiro: o comando pertence-lhe

«Cidade do Barreiro» aberta a atletas de todos os escalões etários e que terá lugar no dia 9 de Novembro próximo. As inscrições deverão ser feitas até ao dia 7 de Novembro na Junta de Freguesia do Barreiro.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N. 74 523 «PROCESSO APERFEIÇOADO PARA PRODUIR UM COPOLÍMERO EM BLOCO DE PROPILENO/ETILENO».

Trata: CLARKE, MODET & C., LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N. 74 420 «PROCESSO PARA A PRÉ-FORMAÇÃO DE UM ELEMENTO AUXILIAR DA CARÇA-ARMAÇÃO COMO SEU REFORÇO».

Trata: CLARKE, MODET & C., LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N. 75 072 «PROCESSO DE TRATAMENTO DE COPOLÍMEROS DO TIPO DE POLIETILENO DE BAIXA DENSIDADE LINEAR, COM PERÓXIDOS ORGÂNICOS GERADORES DE RADICAIS LIVRES».

Trata: CLARKE, MODET & C., LDA
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO ANÚNCIO

Para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos do executado DESMIFLORA — Indústria Portuguesa de Destilaria, Lda, com sede em Valverde-Benavente para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Companhia de Seguros Império.

Lisboa 6 de Outubro de 1986

Pe'l'o Escrivão de Direito
MARIA MARIA RIBEIRO
O Juiz
FERNANDO DA COSTA SOARES
«DL» 22/10/86 - 2.º PUB.

MINISTÉRIO DA SAÚDE HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-7-359/86 Aquisição de Mesa Basculante c/Seriógrafo e Intensificador de Imagem.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 18 de Novembro próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (H.S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em, 17 de Outubro de 1986

O Chefe do Serviço
ALÍLIO LUIS DE SOUSA

totobola

3.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO (83/86)

JOGO N.º 13 TOULOUSE — SPARTA MOSCOVO

POR TER SIDO ALTERADA A ORDEM DE REALIZAÇÃO DOS JOGOS ENTRE AS DUAS EQUIPAS, ESTE JOGO É NO CAMPO DA SEGUNDA EQUIPA.

PARA O TOTOBOLA, NOS TERMOS DO N.º 4 DO ARTIGO 6.º DO REGULAMENTO GERAL DOS CONCURSOS, A VITÓRIA DO TOULOUSE DEVE SER ASSINALADA COM «1» E A VITÓRIA DO S. MOSCOVO COM «2», COMO SE NÃO HOUVESSE ALTERAÇÃO.

27/10/86

DEPARTAMENTO DE APOSTAS MÚTUAS



Hipismo: Portugal ganha bronze

Em Madrid (na «Unidad de Equitation y Remonta» do Exército espanhol) realizaram-se os campeonatos de equitação do Conselho Internacional do Desporto Militar, que tiveram a participação de Portugal, Espanha, França, Itália, Bélgica, Kuwait, Bahrein, Chile, Peru e Bolívia.

Portugal fez-se representar nas três modalidades olímpicas: ensino, concurso completo e saltos de obstáculos, tendo a missão sido chefiada pelo brig. Henrique Callado, que também fez parte da equipa de saltos, tendo os coronéis Jorge Matias e Moura dos Santos como chefes de equipa.

No concurso completo (modalidade de características militares) o capitão Teles Grilo subiu ao «podium» para receber a medalha de bronze individual e a equipa portuguesa também conquistou a medalha de bronze, depois da Espanha e França. Balanço altamente positivo para a representação equestre das Forças Armadas de Portugal.

Câmara de Fafe distingue desportistas

A Câmara de Fafe decidiu instituir um prémio desportivo para atletas e equipa que se distingam no desporto concelhio e nacional, sendo anualmente distinguidas equipas campeãs nacionais ou regionais, equipas que subam de divisão e atletas, treinadores e dirigentes das mesmas.

No plano dos desportos individuais, serão contemplados com os prémios «Câmara Municipal de Fafe» atletas campeões nacionais ou regionais ou que sejam chamados a representar selecções, atletas ou equipas que obtenham classificações relevantes em competições nacionais ou internacionais e entidades ou organismos que prestem serviço relevante ao desporto do concelho de Fafe.

A proposta, apresentada pelo vereador do desporto Jaime Silva e aprovada por unanimidade em recente reunião camarária, considera que uma das metas fundamentais da autarquia, no âmbito da actividade desportiva, é apoiar o desenvolvimento global do desporto a todos os níveis, em estreita colaboração e respeito com as entidades e os organismos intervenientes no universo do desporto.

'GP' do Estoril-87 já tem data

O Grande Prémio de Portugal em Fórmula Um do campeonato de 1987 será em 20 de Setembro, segundo o calendário provisório divulgado em Paris pela Federação Internacional (FISA).

O campeonato vai iniciar-se no Rio de Janeiro, em 12 de Abril, e terminará na Austrália, em 1 de Novembro.

O Grande Prémio do Estoril antecederá apenas uma semana o de Espanha, a disputar no circuito de Jerez, e sucederá ao de Itália, a realizar em Monza.

Aos 15 grandes prémios do calendário provisório ainda será acrescentado o grande Prémio da Europa, a disputar no circuito de Nuerburgring, Alemanha Federal, cuja data ainda não foi marcada.

A sucessão dos grandes prémios é a seguinte: Brasil, São Marino, Bélgica, Canadá, EUA (Detroit), França (Le Castellet), Grã-Bretanha (Silverstone), RFA (Hockenheim), Áustria, Hungria, Itália (Monza), Portugal (Estoril), Espanha (Jerez), México e Austrália (Adelaide).

Apoel: suspensão e multa

O clube cipriota Apoel de Nicósia foi suspenso por duas épocas de participar nas competições europeias da UEFA na sequência da sua ausência do encontro frente ao Besiktas de Istambul.

O clube do Chipre foi ainda multado em dois mil dólares (300 contos) e a pagar as custas aos delegados, árbitros e fiscais-de-linha nomeados para o encontro que contava para a Taça dos Campeões Europeus.

O Besiktas, que devia ter recebido a visita do clube cipriota na primeira «mão» da segunda eliminatória, passou automaticamente aos quartos-de-final da prova.

Modalidades

Regata «Cidade de Lagos»

António Pedro Pontes, em «laser», foi o vencedor da regata «Cidade de Lagos», numa organização do Clube de Vela local e integrada nos festejos da cidade que comemora hoje mais um aniversário. As provas, realizadas na baía de Lagos, com bom tempo, forneceram os seguintes resultados: 1.º António Pedro Pontes, em «laser», do Clube de Vela de Lagos (CVL); 2.º José Francisco Veloso, em «europe» (CVL) e 3.º Jorge Alberto Marques, em «KLC» (CVL); «optimist»: Rui Lima Martins, da Associação Naval Infante de Sagres (ANIS); 2.º Sandra Bailote (CVL) e 3.º Nuno Quitério (CVL); canoas: 1.º José Veloso (CVL) e Magui Simons (CVL).

Voleibol: nacionais

Realizaram-se este fim-de-semana mais duas rondas do

«nacional» de voleibol, cujos resultados foram os seguintes: **Masculinos:** 2.ª jornada: CDUL - FC Porto, 0-3; ISEF - Leixões, 1-3; S. Mamede - Esmoriz, 0-3 e Espinho - Sporting, 3-0. 3.ª jornada: ISEF - FC Porto, 1-3; CDUL - Leixões, 1-3; Esmoriz - Sporting, 3-0 e S. Mamede - Espinho, 3-0. **Femininos:** 2.ª jornada: S. João de Brito - V. Guimarães, 0-3; ISEF - CDUP, 1-3; Vila Real - Boavista, 1-3; e Leixões - Sporting, 3-1. 3.ª jornada: ISEF - V. Guimarães, 0-3; S. João de Brito - CDUP, 1-3; Boavista - Sporting, 3-2 e Leixões - Vila Real, 3-0.

Associação de Lisboa tem comissão directiva

Realizou-se no passado dia 6 do corrente a assembleia geral extraordinária destinada a, entre outros assuntos, debater e decidir sobre a sucessão directiva daquela associação.

Os clubes presentes elegeram uma comissão directiva composta pelos seguintes membros: José Paulito, José Augusto Farinha Nunes, Gilberto Figueiredo, António Sobral e José Maia.

O secretário administrativo José Maia foi indicado para fazer parte do elenco, excepcionalmente, e foram-lhe atribuídas as responsabilidades referentes aos assuntos administrativos correntes, de tesouraria e de contabilidade.

Os clubes decidiram marcar uma nova assembleia geral para 10 de Novembro próximo, onde serão analisadas, discutidas e votadas as contas de 1985 e 1986 (que não foi possível resolver nesta assembleia geral embora fizessem parte da ordem de trabalhos). Nessa altura serão prestadas informações sobre as iniciativas a levar a cabo pela comissão directiva no

sentido de encontrar uma solução para a crise directiva.

Xadrez movimenta-se

O mestre internacional e antigo campeão português, Fernando Silva, foi o vencedor do Torneio de Luanda, com um ponto

de vantagem sobre o mestre-FIDE brasileiro Hubert Carvalho, tendo averbado ambos, respectivamente 9,5 e 8,5 em 11 jornadas no sistema de todos contra todos e a contar para o «ranking» da FIDE. Os restantes portugueses, José Pinheiro e Joaquim Durão, classificaram-se em 3.º e 7.º, com 8 e 6 pontos, ficando de permeio entre eles a nova esperança do xadrez angolano, Manuel Mateus, e o nigeriano Omuko, ambos com 7 pontos.

A comodidade
dos Expressos

RN RODOVIARIA NACIONAL

começa logo no
serviço de reserva
telefónica

54 54 39
54 58 26
54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00. Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem. E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.

RN RODOVIARIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da viagem

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da data de publicação do segundo e último anúncio citando o réu para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: A Autora pede a condenação solidária dos Réus a pagarem-lhe a quantia de Esc. 76.393\$00, a título de capital, juros de mora sobre tal montante de 12-6-82 a 22-5-83 à taxa de 15% ao ano no valor de Esc. 10.799\$70, juros de mora de 23-5-83 a 28-2-84 à taxa de 23% ao ano no valor de Esc. 13.574\$90, juros de mora vencidos e vindendos até integral pagamento à taxa legal, quantia aquela proveniente de um contracto de seguro, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial à disposição do citando na Secretaria deste Tribunal.

Acção Sumária, n.º 961/84, 1.ª Secção.

Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P. com sede na Rua Garrett, 56 em Lisboa.

Réu JOSÉ LIBERAL, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Avenida Almirante Reis, 136, 3.º Esq. em Lisboa e outro, citando o executado ausente.

Lisboa 86.10-01

O Juiz de Direito

as) JOAQUIM MANUEL CARRAL

E PEREIRA DA SILVA

Pelo Escrivão de Direito

as) FERNANDO A. R.

REYSCOURT DOS SANTOS

«DL» 28/10/86 - 2.ª PUB.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

17.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do segundo anúncio.

Execução sentença n.º 296-B, 3.ª Secção. Exequentes — Companhia de Seguros Império EP. Executado — ANTONIO JESUS BAPTISTA, com domicílio em Barreira, Colmeias — Leiria.

Lisboa 14 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito

JOSÉ ALBERTO CAETANO DUARTE

Pelo Escrivão de Direito

M.ª ZITA PAIS PAULA

«DL» 28/10/86 - 2.ª PUB.



Jonathan Pryce (à esq.), Charlie Dore e Tim Curry em «A verdade dos factos»: filmar o deserto elegante e civilizado

"A verdade dos factos"

de Richard Eyre

Não é um filme sobre o jornalismo, sequer sobre a comunicação. um olhar exasperante e rigoroso sobre o tempo em que tudo amoleceu sob o cinismo egoísta, seco de ardores, seco de vida.

Assim é *A verdade dos factos*: verdade nenhuma ou toda a verdade, os termos equivalem-se. Verdade nenhuma na vida dos seus personagens, tomados de profissionalismo exacerbado, de sucesso, de afazeres, doentes de bem pensar sem se envolver, cultores de uma distância em relação ao mundo. Todos trabalham em diferentes meios de Comunicação Social, escola de tudo saber analisar objectivamente, todos aprenderam a não envolver a alma em nada. Toda a verdade no olhar que o filme lança sobre eles.

A história de James Penfield, jornalista radiofónico na BBC, é muito simples: ele quer ir para a cama com Susan, que trabalha na televisão. Esse objectivo não o chama ele «amor» ou qualquer outra palavra que implique sentimento. É uma vontade sem motivo interior, um impulso físico, um capricho, não o sabemos bem. Mas é um objectivo e, como tal, implica uma estratégia. O que este filme narra é a deambulação infrutífera de James atrás de Susan, a frieza elegante de um cerco social que não

chega a ser afectivo. Uma batalha perdida por um objectivo que, é mais do que provável, nem sequer valia muito a pena.

O impulso é simples, o resto é o bem menos. Porque acontece que os personagens deste filme, por um estranho autarcismo, nunca conseguem conjugar-se. O que *A verdade dos factos* mostra é que em todos os encontros, todas as conversas, toda a gente no filme está, permanentemente, «noutro». Como se cada um fosse uma ilha e só olhasse para si próprio. Como se o colectivo, a socialização das coisas, tivesse sido abolido. Como se ninguém tivesse quaisquer valores no peito.

De algum modo, *A Verdade dos Factos* mostra uma sociedade infantilizada, cada um consigo, ninguém com ninguém: um autismo rigoroso no meio da civilização dos media, a inteligência castrada, o deserto elegante e civilizado. E, portanto, mentira e verdade deixaram de fazer sentido ético, até porque a própria ética é coisa que ninguém sabe o que é. Profissionalismo, eficácia, isso sim.

Transponham isto para a esfera da política, para as relações planetárias — e Richard Eyre não se esquece de o fazer — e vejam no que dá: o admirável mundo nosso.

A Verdade dos Factos é um filme sufocante. Consegue operar naquele território onde as coisas não se gritam, estão lá simplesmente, nada de convulsões, nada de pânico, nada de furor. De certo modo os personagens não chegam a ser antipáticos, embora também não sejam próximos. Não há empatia, nem afrontamento, mas reconhecemo-los, claro que reconhecemos. Já aí estão, ao nosso lado — e cada vez há mais... Essa sufocação é obtida, portanto, através de uma retracção retórica. O filme é sereno, preciso: um argumento astuto encadeia situações que, não sendo exemplares, são nisso tomadas por uma realização atentíssima ao mínimo gesto, pausa, olhar, foco de luz, silêncio. O próprio filme não empunha bandeiras, não cede à armadilha da tomada de posição. Encerra a constatação, quase como um documentário objectivo (Eyre mistura, de resto, a realidade com os actores, como na sequência do discurso de Margaret Thatcher no Congresso do Partido Conservador, no que é um efeito singular de introduzir um coeficiente de verdade muito

forte, num filme cuja estética está longe do documentarismo). E essa verdade, despida de impulso — saber não serve para nada no interior desta fita — é como uma biblioteca sem utentes. Um sítio inóspito, soturno, dez mil anos de civilização encaixotados: as estantes são de carvalho, as encadernações a pele e ouro mas só a morte por lá anda e ninguém para chorar essa desgraça.

FICHA:

Título original: The Ploughman's Lunch

Realização: Richard Eyre (G.B. - 1983).

Argumento: Ian McEwan.

Fotografia: Clive Tickner.

Cenários: Luciana Arrighi (production designer), Michael Pickwood (art director).

Música: Dominic Muldowney.

Montagem: David Martin.

Produção: Simon Relph e Ann Scott.

Interpretação: Jonathan Pryce (James Penfield), Tim Curry (Jeremy Hancock), Rosemary Harris (Ann Barrington), Frank Finlay (Matthew Fox), Charlie Dore (Susan Barrington), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.

Cinema: Apolo 70.

Classificação: Para maiores de 12 anos

Duração: 100 minutos.

José David, pintor do feminino

Na Galeria Ana Isabel, à Rua da Emenda, continua até final do mês a primeira exposição de pintura de José David no nosso país, artista que começou por se tornar conhecido como ilustrador e desenhador gráfico mas que já vem expondo desde 76 em França, onde reside na cidade de Paris.

Os seus materiais preferidos nas telas em exposição são a aguarela, o carvão e o acrílico, sendo os dois primeiros talvez os que dão mais o sinal de um estilo, nos contrastes sugeridos. Com as aguarelas José David explora as transparências e os desbotamentos, particularizando as transições de mancha. Com o carvão são os volumes que se valorizam, em jogos de preto, cinzento e branco, curiosas gradações de tom.

O que mais parece preocupar o pintor nos seus trabalhos é o preenchimento do espaço. Por isso as suas figurações, com referências óbvias nas escolas cubistas e surrealista, são sempre transbordantes e excessivas no seu dimensionamento, realçando-se a conjugação que o autor faz entre as linhas curvas e as rectas, quase geométricas, em imprecisão de conceito. O que torna os quadros expostos de um interesse particular.

A temática de José David, mais a tónica do seu tratamento, é sensitivamente erótica, predominando as figuras femininas. Destaque curioso para os seios, que ocupam geralmente lugares centrais, de fulcro visual, eixo de incorporação formal. Exposição a visitar.

Próximo Festival da Eurovisão em Bruxelas

O Festival Eurovisão da Canção 1987 será em Bruxelas, no Palácio do Centenário, segundo foi decidido durante uma reunião entre as duas televisões nacionais.

Depois de última reunião, que durou cerca de 50 minutos e que decorreu num ambiente de «tensão» a BRT (Televisão Flamengo) decidiu retirar-se da organização do Festival, que ficará completamente a cargo da RTB (televisão francófona).

Esta decisão, tomada «in extremis» na véspera da reunião da UER (União Europeia de Radiodifusão), surgiu após vários

meses de negociações difíceis que não tinham permitido escolher a cidade que serviria de palco ao Festival 87.

As dificuldades surgiam essencialmente por razões de ordem linguística e a existência de uma regra na alternância, que prevê que as duas televisões nacionais organizem alternadamente o Festival.

Em 1986, a vitória de Sandra Kim, representante francófona, tinha levantado o problema, não existindo um consenso entre a RTB e a BRT sobre a organização e o local escolhido para o acontecimento.



Teatro Villaret "vira" escola de dança

No Teatro Villaret continuam a decorrer em excelente ritmo os ensaios de «Sapateado», um original do britânico Richard Harris, com versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray.

Ao longo de quase dois meses uma equipa de dez actores tem treinado incansavelmente a difícil disciplina do sapateado, sob a direcção da coreógrafa Marlene Owen enquanto, paralelamente, Varela Silva tem construído uma encenação segura e rigorosa, para um palco cenografado por Octávio Clérigo.

Tudo se vai passar numa Escola de Dança e é isso que o Villaret tem sido nos últimos tempos. Uma «escola» onde se sapateia «furiosamente» mas onde — trata-se de um espectáculo de teatro e não de uma demonstração de dança — dez

personagens vão, a pouco e pouco, ganhando vida. Ao som das «claquettes» desenham-se já os conflitos mais ou menos divertidos, constroem-se as situações imaginadas pelo autor, tendo sempre presente a busca de um humor saudável que faça desta Comédia um espectáculo a que o público não regateie aplausos.

Florbela Queiroz — um regresso à comédia em palcos lisboetas — Octávio Matos, Manuela Maria, Carmen Mendes, Mara Abrantes — outro sensacional reaparecimento — Manuela Carlos, Luísa Barbosa, as jovens Rosa do Canto e Fernanda Oliveira e, ainda, Magda Cardoso num género de trabalho que lhe não é habitual, compõem o elenco.

A estreia está prevista para final de Novembro.

Cenário da morte de Cesário Verde: um ciclo de actividades culturais

Por iniciativa do Serviço de Animação Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Gulbenkian, vai realizar-se, com a colaboração da Secretaria de estado da cultura, um ciclo de actividades culturais comemorativas do Centenário da Morte do nosso grande poeta cesário Verde, personalidade versátil da nossa cultura e da vida literária portuguesa: autor de uma obra que, tendo inicialmente mal recebido algumas grandes figuras da intelectualidade portuguesa de então, acabaria por se impor, pelo vigor do estilo, pela temática dos seus versos, pela força e vibração da sua poesia.

Relembrar a sua obra da poesia de transição do século XIX para o século XX, que comporta de novo inequívoco os germes de uma nova atitude estética e em particular, literária, é justo acto, que se traduzirá pela realização de um «Colóquio sobre Cesário Verde», que reunirá um conjunto de intervenções, na recordação de uma data histórica, marco esclarecedor não apenas da produção do Poeta como pela atmosfera que ela reflecte e de algum modo cria.

O Colóquio, que tem a coordenação de Helena Carvalhão Buescu, realiza-se na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, nos dias 29 e 30 do corrente com um importante núcleo de personalidades e apresentação de diversas comunicações.

O programa do colóquio

É o seguinte o programa do Colóquio: dia 29, às 15 horas, sessão inaugural com intervenção inicial da dr.^a Maria Madalena de Azeredo Perdigão, directora do ACARTE, seguindo-se a Introdução ao Colóquio, por He-



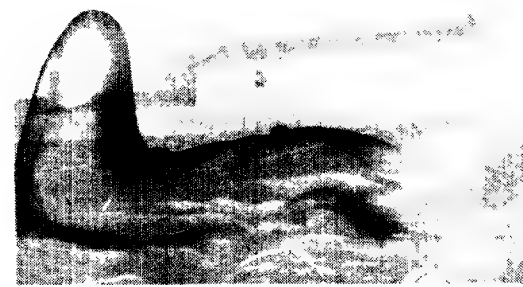
lena Carvalhão Buescu, da Universidade Clássica de Lisboa, Faculdade de Letras; das 15 e 30 às 16 horas, sob a presidência do prof. dr. Joel Serrão, intervenções do prof. dr. David Mourão-Ferreira, que falará de «Tolentino e Cesário» e Hélder Macedo, da «King's College», de Londres, que abordará o tema «O Romântico e o Feroz: Buscolismo e Sensualidade na Poesia de Cesário Verde»; e Stephen Reckert, da Universidade de Londres (Gabinete de Estudos de Simbologia), que falará sobre «Radiografia de uma Aguarela — A Poesia «De Tarde», como

exercício de fono-iconopeia»; às 17 horas. Debate dos temas tratados; dia 30, sob a presidência do dr. David Mourão-Ferreira, nas sessões da manhã e de André Crabbé Rocha e dr. José-Augusto França, nas sessões da tarde, os trabalhos iniciar-se-ão às 10 e 30, com intervenção do prof. José-Augusto França, da Universidade de Paris e presidente da AICA, que falará sobre «a Lisboa de Cesário Verde» — Poeta dum imaginário realista, Cesário viveu noites e dias de Lisboa, a «triste cidade», entre cenas brutais de rua e figuras

idealizadas que passam»; Luzia Maria Martins, encenadora, que versará o tema «Cesário Verde e as Ambiguidades da Solidão», tema que se ocupa do isolamento dos intelectuais portugueses, que em Cesário Verde é paradigmático- André Crabbé Rocha, da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, que falará sobre «Cesário Verde e as Máscaras de Anteu»; no final, debate dos temas apresentados; às 15 horas, o prof. Joel Serrão, administrador da Fundação Gulbenkian, da Universidade Nova de Lisboa, falará sobre «De Cesário Verde a Bernardo Soares»; John Laidlar, da «John Rylands University Library», de Manchester, que falará sobre «interpretação de Cesário Verde», análise de temas divergentes da poesia de Cesário Verde; Óscar Lopes, da Universidade do Porto, que falará sobre «Cesário Verde e Alexandre O'Neill. Dois Poetas de Lisboa», cotejo entre dois poetas de Lisboa, correspondentes a duas sincronias bem demarcadas; o último quartel do século XIX, terceiro quartel do século XX: Eduardo Lourenço Faria, que versará o tema «Os Dois Cesários»; no final, às 17 e 15, realização do Debate.

No dia 29, às 18 e 30 realizar-se-á um recital de canto e piano, com a intervenção de Helena Vieira e João Paulo Santos, que interpretarão obras de Liszt, Wagner, Fauré, Duparc e Rossini e um Recital de Poesia com Helena Domingos e Diogo Dória.

Os preços dos bilhetes são: recitais 200\$00, com os habituais descontos de 50% para estudantes e jovens até aos 18 anos e portadores de cartões-jovem. O horário da bilheteira é de terça a sábado, das 10 às 19 horas; domingos, das 13 às 19 horas, encerramento às segundas-feiras.



«Monsaraz 85» — gravura em metal de Américo Silva, no Atelier 15 em Campo de Ourique (R. Freitas Gazul, 24-D)

Exposições

• No Atelier 15 — Rua Freitas Gazul, 24-D, uma exposição subordinada ao título «Encontro com a Natureza», composta por aguarelas de José Noel Perdigão e gravuras de Américo Silva. Até 4 de Novembro de segunda a sexta das 18 às 22 e sábados das 15 às 19.

• No Clube 50 — R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º — uma exposição do artista moçambicano Alberto Chissano: esculturas, até 5 de Novembro. Terça a sexta das 17.30 às 20.30 quartas também às 23.30, sábados das 15 às 20 horas.

• Atelier Aberto na Galeria Diferença — R. de S. Filipe Neri, 42-1º: visitas guiadas e demonstrações de litografia, e gravura. Até 9 de Novembro de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

• Artesanato na «Fazarte» — Rua de S. Pedro de Alcântara, 63-1º com trabalhos de cerâmica, gravação de vidro, metais e trapologia realizados por um grupo de artesãos de Lisboa e Manteigas. Até final de Dezembro.

• Até 30 de Outubro na Junta de Freguesia de Santiago (Castelo de S. Jorge), desenhos de Albano «As Colinas de Lisboa».

• Na Sociedade de Língua Portuguesa — R. de S. José, 41-2º, Barata Moura expõe pintura com o título «O pintor e a vida», até 31 de Outubro.

• Na biblioteca Nacional — Campo grande — uma exposição comemorativa do centenário da morte de Cesário Verde. Até finais de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 17.30, sábados das 10 às 13.

• Até ao final do mês na Galeria de Exposições temporárias da Fundação Gulbenkian, uma exposição organizada pela «Frederik R. Weisman Foundation» de Los Angeles. De terça a domingo das 10 às 17, 100 obras de pintura e escultura de um grupo importante de artistas, dos quais se destacam Josef Albers, Abercola, Kita Albuquerque, Frederick Amat, Armand, Claudio Bravo, Samcro Chia, Christo, Alan David, Jean Di Bets, Patrick Heron, David Ocken, John Oyland e Robert Irwin, entre outros.

• Na Galeria Ana Isabel — Rua da Emenda, 111-1º de segunda a sábado das 14.30 às 19.30, uma exposição de José David com óleos, acrílicos, aguarelas e desenhos. Até 31 de Outubro.

• Até 12 de Novembro na SNBA — R. Barata Salgueiro, 35, uma colectiva com o título «Península», composta por trabalhos do «grupo Homeoestético»: Ivo Silva, Fernando Brito, Manuel Vieira, Pedro Portugal, Pedro Proença e Xana. Até 12 de Novembro, todos os dias (excepto feriados), das 14 às 20.

• Na Cetária-Galeria de Arte na Pousada de S. Filipe em Setúbal uma exposição de manuela Cardoso e Eunice Mexia de Mattos Portugal (pintura), até 21 de Novembro diariamente das 12 às 22 horas. Simultaneamente, decorre no mesmo local uma exposição das ceramistas Antónia Roque Gameiro e Cremilde Pereira.

• Na Módulo — Av. António Augusto de Aguiar, 56-5.º-Dº «Contemporâneos-Trabalhos sobre Papel» até 30 de Outubro obras de Siegfried Anziger, Miquel Barceló, Jean Charles Blais, Dennies Oppenheim, Pedro Portugal, Paula Rego, António Sena, Ernesto Tatafiore, Jean Uslé, Ana Vidigal, Andy, Warhol e Xana. De segunda a sábado das 16 às 20.

• Na Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova, até 30 de Outubro todos os dias das 10 às 24, pintura de Louro Artur.

Teatro

• Prossegue o 7-Ciclo de teatro de Outono na Covilhã. Esta noite, às 21.30, o Teatro Experimental do Porto apresenta «Contos do Gin Tónico» de Mário Henriques Leiria com encenação de Mário Viegas. Amanhã, dia 29, o grupo de Teatro «A Barraca» apresenta «Calamity Jane». Interpretação e texto de Maria do Ceu Guerra com encenação e dramaturgia de Helder Costa.



Novo disco de Tozé Brito para ouvir até ao fim

Acreditem: não escrevo isto para agradar ao Tozé Brito, mas a verdade é que ouvi o seu último LP «até ao fim». Melhor, muitas vezes até ao fim. E gostei.

«As noites íntimas de um hotel com estrelas», título do trabalho discográfico que marca o reaparecimento, sempre «bem-amado», de um jovem veterano que uma carreira porventura mais estável roubou a tempo inteiro, ao limitado mundo da nossa música chamada ligeira, constitui por assim dizer uma espécie de viagem (musical e não só) através de si próprio, dos seus bons e menos bons momentos intimistas (aos «seus» muito hotéis, muitos elevadores, muitos bares, muitas camas...).

Mas Tozé Brito — o excelente compositor-autor-intérpte — soube neutralizar as perigosas tentações que em tal tipo de

abordagem poderia incorrer e daí um disco com belas «imagens sonoras» e palavras certas nas espiras certas, sem esquecer as qualificadas ajudas nas áreas dos arranjos, do som, dos músicos e das vozes «secundárias».

Ao todo, o «novíssimo» de Tozé Brito é composto por 11 faixas, com música e argumento do próprio, que é co-autor das letras de parceria com António Tavares Teles. Rui Reis assina os arranjos e «mexe» nas teclas, Luís Oliveira, Ramon Galarza, Zé Nabo e Rui Cardoso são os outros músicos, enquanto Adelaide e Fátima emprestam as vozes. Resultado: um produto final de excelente qualidade.

E cá ficámos à espera do próximo disco de Tozé Brito.

Sempre para «ouvir até ao fim».

R.B.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

REVOLUÇÃO

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O NO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)
14.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A VERDADE DOS FACTOS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

SEXUALMENTE TUA

(Int. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

SEXOMANIACA À SOLTA

(Int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O BRAÇO FORTE DA LEI — COBRA

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cinebloco

— T. 556824

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMERICAN GIGOLO
(n/acons. a men. 18 anos)
24 h

Cinebolso

ESCOLA-TÉCNICA-SEXUAL

(Int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camoes

T. 324194

O GUERREIRO DO MUNDO PERDIDO

(n/acons. a men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

DESAPARECIDO EM COMBATE (PARTE II)

(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

LOUCA POR SI, PROFESSOR

(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

ACIDENTE NO LUNA PARQUE

(Int. 18 anos)
23.45 h

Cinemateca

VIOLENCIA E PAIXÃO/1974

(legendado em português)

18.30 h

RAZÃO, DISCUSSÃO E UM CONTO

(Cópia leg. em francês)

21.30 h

Condes

— T. 322523

LUA DE MEL COM FANTASMAS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

OS PUNHOS DE AÇO DE SHAOLIN

(n/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A EDUCAÇÃO DE RITA

(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

NASCE UMA ESTRELA

(n/acons. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Forum Picosas

— T. 541037

AMADEUS

(maiores 12 anos)
21.45 h

Fonte Nova

— T. 7145109

«F/X — EFEITOS MORTAIS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

JOVENS GUERRILHEIROS

(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

LUA DE MEL COM FANTASMAS

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

DESEJO DE MORTE

(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

LUA DE MEL COM FANTASMAS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

SAIAS P'RA CIMA... A TROPA ESTÁ LÁ EM BAIXO!

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

SEXO EM ALTA ESCALA

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(Int. a men. 18 anos)

Pathe

— 821933

CONFRONTO FINAL

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O NAVIO FAROL

(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

A LUA NA VALETA

(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2

DIFAMAÇÃO

(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O CLARIM DA REVOLTA

(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

VESTIDA PARA MATAR

(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4

O PASSAGEIRO DA NOITE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

OS MARGINAIS

(m. 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxo

T. 548560

O MENSAGEIRO DA VINGANÇA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

PAPLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

VIAGEM CLANDESTINA

(m. 6 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Voxmanita

— T. 880808

GRANDE HONRA

(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.00 h

Xenon

— T. 368480

O MENSAGEIRO DA VINGANÇA

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES

(índianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Protector», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Voluntário à Força» às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Amor e Compaixão» às 15 e 21.30 h (m. 6 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — Descanso

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Ases Indomáveis», às 21.30 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «007 Alvo em Movimento», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Forças em Movimento», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Três Homens e um Berço», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Momento da Verdade II», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «O Sonho Americano», às 15.30 e 21.45 (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Louca por si Professor», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Cor Púrpura», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Ana e as suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 16 e 21.30 h (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Desaparecido em Combate» às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALMADA — Incrível Alma dense — «Conflito de Gerações», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «A Cor Púrpura», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «As Forças do Universo», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Os Dois Super-Polícias em Miami», às 16.15 e 21.45 h (m. 6 anos)

Lisboa — PERMANENTE

— ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); ANJOS-RUA MARIA ANDRADE: Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); AVENIDAS NOVAS: Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); ENCARNAÇÃO: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); GALINHEIRAS - CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 527076); MERCADO DO CHILE: Alcañis, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); PENHA DE FRANÇA: Dimar, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); PICHELEIRA: Mariuz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); RATO: Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); RESTELO - À AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS: Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); SANTOS: S.A.E. Silva Filhos, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661011); SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); CARNA-XIDE: Central de Carnaxide, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B (T. 2184913); COLINA DO SOL - BRAN-DOA - AMADORA: Vital Reis, Urbanização Alfontelos, célula G, lote 35 (T. 996540); PONTI-NHA: Leão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida, P. à R. Tomás da Anunciação, 38-B (T. 9828491).

REFORÇO — ALVALADE: ZB, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); AREÍRO: Central do Areiro, Av. de Paris, 2-2-A (T. 880820); BARRIO ALTO: Azevedo, Irineu & Velho, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); BARRIO MONTE PEDRAL: Zema, R. General Justino Padrel, 21-A (T. 832580); BENFICA: Cemitério: Simões, C. d. Tojal, 102-A (T. 749649); CALVÁRIO - ALCANTARA: Calvário, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique, R. Freitas Gazele, 32-B (T. 6716767); CAMPOLIDE: Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); ESTEFÂNIA: Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 344438); MARQUÊS DE POMBAL - PI-COAS: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); OLIVAIS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; MONTE DE CAPARICA: Guerreiro, lote 31, II, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; FEIJÓ: Feijó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cistino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; BARREIRO: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 20673443). Permanente;

BAIXA DA BANHEIRA:

Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; CORROIOS: Lino, Alfirim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; CRUZ DE PAU: Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243123). Até às 22 horas; SEIXAL: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; MONTIJO: São Pedro, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; SETÚBAL: Isabel, L. Batalha Viso, lote 68 (T. 21677). Permanente; LISBOA. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; Tavares da Silva, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais —

ALGÉS: Miramar. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDECHÊ: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; EIRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; MURTAL: Primvarera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imanil, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 246326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; CASCAIS: A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra —

AMADORA: Helenia, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; Heleno, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Até às 22 horas; DAMAIA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; QUELUZ: Zeller, R. da República, 93 (T. 950045). Até às 22 horas; CAMARATE: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C, Apelação (T. 2573158). Até às 19 horas; CACÉM: Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Araújo, C. da Rinchoa, 21 (T. 9260404). Até às 22 horas; SINTRA: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54

De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h
"LISBOA, TEJO E TUDO", de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinheiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00 h
"A BELA PORTUGUESA", de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00

De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb. dom. e dom. 16 h
"CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS", dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Estoril — Teatro Mirta Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30; sáb. dom. e dom. 16 h
"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sáb., às 21.30 h, dom. 16.00 h
"MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS", de Bertolt. Enc.: de João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Intérp.: António Anjos, António Banha, Barroso Lopes, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Mário Pereira, Rogério Paulo, Rui Carvalho, entre outros.

D. Maria II

Sala Experimental. Rossio — Tel. 32 22 10

De 3.ª a sáb., às 21.45, dom. 16.30 h

"O ASFALTO DOS INFERNOS", de Ricardo

Costa. Enc. de Manuel Coelho. Cen. e fig.: de Nuno Carinhas. Tradução: de Orlando Neves. Música: de Fernando Guerra. Interp.: de Ligya Teles.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h
domingo, às 16.00 h

"ISTO É MARIA VITÓRIA", de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Cascais — FEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6 — Tel. 288 79 33

"NÓ CEGO", de Carlos Vereza. Pelo Teatro Espaço 4. Encenação de Águeda Sena.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h
"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados e domingos, às 16.00 h

"NO REINO DA FANTASIA". Pelo TIL.

Porto — Cooperativa do Povo Português

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta
"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA", de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Teatro Mazum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

"RUA DOS FANTASMAS", de Xavier Villapañe

"FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL", de Marcus Rey. Estreia a 25.

"B... EM CADEIRAS DE RODAS", de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Águeda Sena.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h

"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Porto

TEP

R. do Pinheiro, 4 — Tel. 31 59 94

De sábado a segunda, às 21.30

"CALAMITY JANE". Dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra e Grupo Barraca.

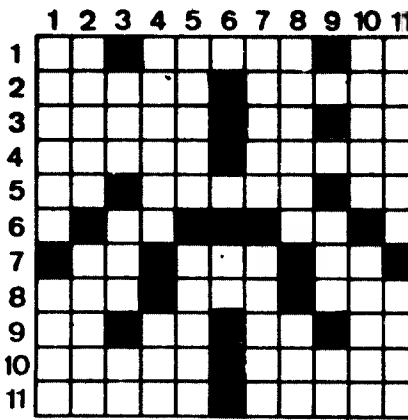


PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 870

HORIZONTAIS:

- Centiare. Falce. Artigo indefinido.
- Içais. Aquele que foi vítima da sua própria ambição.
- Grandes ondas. Solitário. Pátria de Abraão.
- Amargo. Pequena cambota.
- O lado do vento. Engodar. Interjeição de dor.
- Miriare. Antes do meio-dia.
- Pronome pessoal. Donzela de Orléans. Carta de jogar.
- Colocou. Rema para trás. Nome de astro.
- Clima. Bário (s.q). Prefixo de negação. Zomba.
- Movam os remos. Arrabalde.
- Acarinha. Cidade de Espanha.



VERTICAIS:

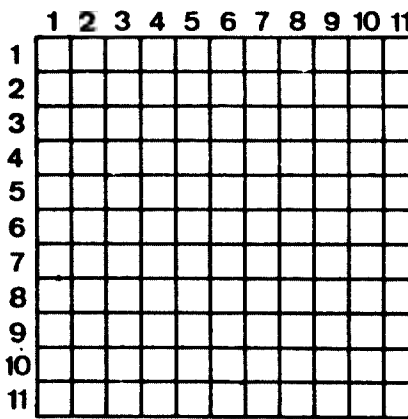
- Quadrúpede doméstico, solípede. Preposição.
- Espécie de choupo. Habitem.
- Nome de letra. Espaço de trinta dias. Nota musical.
- Daria mios. Felicidade.
- Restos mortais. Cai à cama.
- Zomba.
- Traço. Tombara.
- Bradara. Doçura.
- Conjunção. Compaixão.
- Pequeno abutre americano. Irmã.
- Apelido. Unidade monetária italiana.

Resolheu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 699

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho de Sabugal. Antiga medida de capacidade.
- Uma das partes do Mundo. Arstava.
- Domestico. Distinção.
- Recrutarei.
- Ave brasileira, semelhante ao zabelé. Guarnecera de arames.
- Sufixo que designa estado. Acreditado. Homem de baixa estatura.
- Segundo mês sagrado dos hebreus, que corresponde à Lua de Abril. Todos os corpos que existem no espaço.
- Cidade da Roménia. Vê. Rio de Itália.
- Queridas. Dar mios.
- Trituravas. Filtrara.
- Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Atravessar.



VERTICAIS:

- Cidade fortificada de Espanha. Patrão.
- Separaríamos.
- Macaco. Verbais.
- Punhados. Nome de homem.
- Desequilibradas mentais.
- Freguesia do concelho de Oliveria do Hospital.
- Ave trepadora. Tálion (s.q). Aqui.
- Incineraremos.
- Ilha do Estado da Baía. Seguias.
- Nome de homem. Apagara.
- Autores. Calote. Rezar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 869

HORIZONTAIS:

- Anual. Calde.
- Sais. Cear.
- Oval. Taco.
- Arenosa.
- Sr. Rama. Ur.
- QUEM. Liga.
- Si. Gata.
- Se. Aira.
- Er. Magra. Sé.
- Vós. NÃO. Bem.
- Elado. Surre.

VERTICAIS:

- Às. DEVE.
- Não. Sus. Rol.
- Uivareis. Sá.
- Asar. Em.
- Ler. Ano.
- NÃO. Agá.
- Tom. Giros.
- Acasalara.
- Leça. Ita. Br.
- Dão. Uga. Ser.
- ER. Era. TEME.

PROVERBIO: Quem não deve, não teme.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 698

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|-------------------|
| 1 Quadrázais. | 1 Querença. |
| 2 Ucha. Câmara. | 2 Uçá. Cátrias. |
| 3 Ea. Coraras./ | 3 Ah! Moca. MLI. |
| 4 Morreras. | 4 Dá. Orçava. |
| 5 Eco. Li. | 5 Cró. Ainao. |
| 6 Naco. Chagas. | 6 Açor. Aar. |
| 7 Ciara. Amara. | 7 Zarelia. Ras. |
| 8 Ar. Cia. Ler. | 8 Amariam. |
| 9 Imanaria. | 9 Iara. Galão. |
| 10 Salvara. Ova. | 10 Sras. Are. Vê. |
| 11 Siao. Se. Em. | 11 As. Usariam. |

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Notícias de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.25: Sinfonia, n.º 2, op. 19, de Szymanowski; 18.00: Sonata n.º 2, em lá maior, op. 2, n.º 2, de Beethoven; 18.40: «Cantatas Italianas», n.º 46, n.º 22 e n.º 10, de Haendel; 19.35: Música de câmara; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música de tecla; 21.30: Música sinfónica; 22.30: Música instrumental; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 16.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda-nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Alentejo em notícia; 19.30: Diversos; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do tempo; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

RTP

18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

«Prof. Baltazar» e «O Tico e o Relógio»

18.45 — Show Bis

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.04 — Direito de Antena

U.G.T.

20.20 — Corpo a Corpo

Episódio 166: — Osmar procura convencer Teresa a denunciar Raul à polícia, suspeitando que ele não morreu. Teresa recusa-se a colaborar, alegando que não se sente com coragem para enfrentar de novo uma situação judicial. Amauri visita Cristina e diz-lhe que se sente muito deprimido, infeliz com a sua paixão doentia por Lucia. Cristina aconselha-o a consultar um psiquiatra. Eloá pede desculpa a Vítor e aproveita para dizer a Ângela que ela está apaixonada por Vítor. Alice está preocupada com a tristeza de Amauri. Por sua vez Heloisa aceita um convite de Muilo para assistir a uma sessão de vídeo. Teresa procura Osmar para conversarem.

21.15 — Portugal Sem Fim

«O Sonho Americano»

22.15 — 4.º Andar

3.º e Último episódio: — Miller e Collis são afastados da investigação sobre George Payne e os correios de droga, mas não deistem. Depois de várias perseguições descobrem que Payne está num armazém onde se encontra heroína no valor de 19 milhões de libras. Entretanto, Payne encarrega Monroe seu homem de confiança, de coordenar os trabalhos relativos aquela carga. Miller e Collis pedem, então, o apoio da Scotland Yard. Os traficantes são cercados são cercados e não conseguem escapar, excepto Payne. Intérpretes: Christopher Fulford, Richard Graham, Kenneth Haigh, Derrick O'Connor, Geoffrey Whitehead, Brian Cox.

Realizador: Ian Toynton

23.00 — 24 Horas

23.30 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias

16.25 — Europa TV

O Tempo; Tempo dos Mais Pequenos; Countdown; Conexions; Almanaque; O Tempo; O Mundo Amanhã; Euro-Desportos; Actualidades; Euro-Repórter.

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

20.30 — Doce e Amargo

4.º Episódio

21.00 — Jornal das 9



Último episódio da série «4.º Andar», no 1.º Canal à 22,15

21.30 — Cinema Dois

«Saigão, O Ano do Gato»: — Estamos em 1974. Depois do Acordo de Paz de Paris, o exército americano retirou-se do Vietname, deixando apenas atrás de si a marca de uma presença consultiva. Mas o país ainda está dividido. A guerra prossegue entre os comunistas do Norte e as tropas do regime do presidente Thieu do Sul. A capital do Sul é a velha cidade francesa... saigão — estas palavras que servem de introdução a Saigão, o Ano do Gato funcionam como indispensável informação para situar a acção do filme; ao mesmo tempo, parecem revelar também um certo gosto por um cinema que vive do contraste entre as suas componentes históricas e o apelo romântico das intrigas que as podem integrar.

Saigão, o Ano do Gato evoca, na verdade, um certo cinema clássico que teve em Casablanca um dos seus modelos mais fortes. Uma vez mais, é um par que ocupa o centro da acção: Barbara Dean (Judie Dench), uma inglesa empregada de um banco em Saigão, e Bob Chesneu (Frederic Forrest), analista da CIA a trabalhar na Embaixada dos EUA. Na diferença das suas origens, ambos se descobrem confrontados com os enigmas de um país de que não compreendem nem os rituais, nem os valores, assistindo ao evoluir da violência que o vai dilacerando.

É a situação que Barbara resume, a certa altura, quando afirma: «Penso que, já que não nascemos aqui, ao menos podemos tentar partir com dignidade».

Realização: Stephen Frears

Intérpretes: Judi Dench, Frederic Forrest, E.G. Marshall, Josef Sommer, Wallace Shawn.

23.10 — E de Ler

José Matoso — Livro sobre o Romancero

Amanhã



18.07 — Brinca Brincando

18.55 — Futebol — Suíça-Portugal

20.55 — Show Bis

21.20 — Corpo a Corpo

episódio 167

21.55 — Vamos Jogar no Totobola

22.15 — Telejornal

22.50 — Lotação Esgotada

«A Última Testemunha»



14.47 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias

16.25 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

13.º episódio

20.30 — Doce e Amargo

8.º episódio

21.00 — Jornal das 9

21.30 — Eis a Arena, Aqui Nasceu Maria Callas

23.30 — E de Ler

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

22.05 — 4.º Andar

RTP 2

21.30 — Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



Corpo a Corpo

AOS CONDUTORES
"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



MARÉS DE HOJE			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.27	3,40 m	04.51	1,90 m
		17.28	1,60 m
Dia 29			
00.04	3,40 m	05.42	1,70 m
12.15	3,60 m	18.11	1,40 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:	
BRAGANÇA	5°
VIANA DO CASTELO	6°
VILA REAL	5°
PORTO	7°
COIMBRA	7°
CABO CARVOEIRO	14°
CASTELO BRANCO	16°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	12°
ÉVORA	15°
BEJA	12°
FARO	16°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	18°
FUNCHAL	19°

É um dos réus no 2.º processo

das "FP-25"

Dirigente da FUP detido na Cruz Quebrada pela DCCB

A Polícia Judiciária revelou esta manhã, a instâncias dos jornalistas que tiveram de aguardar cerca de uma hora pela resposta, ter sido detido pelas 16 horas de ontem, pela Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB), o dirigente da FUP, José dos Santos Silva, réu no segundo processo das "FP-25", em julgamento, desde 13 do corrente, no Tribunal de Monsanto. De acordo com a Polícia Judiciária, a detenção ocorreu numa rua da Cruz Quebrada, tendo sido posteriormente divulgada em comunicado emitido pela FUP e chegado esta madrugada às redacções dos jornais.

No seu comunicado a FUP afirma que José da Silva, de 35 anos, natural da Covilhã, casado e com uma filha, «era há largos meses procurado pela Polícia pelo «crime» de ter estado sempre ao lado dos explorados e oprimidos na luta pela construção de uma sociedade mais justa».

De referir que, numa informação confirmada ao «DL» pela FUP e não divulgada pela PJ, um motorista do táxi telefonou para o nosso jornal dizendo ter ouvido, através do rádio instalado no seu veículo, a comunicação da brigada da DCCB, na qual era afirmado ter sido detido José dos Santos Silva e ainda duas mulheres que o acompanhavam, também militantes da FUP, e que seriam mais tarde libertadas.

Critica presidente da Câmara

Governo marginalizou Albufeira

O presidente da Câmara de Albufeira manifestou ontem a sua «total indignação» em relação à «marginalização» votada pelo Governo ao concelho na rribuição das verbas do Orçamento do Estado.

Em declarações à agência NP, Xavier Xufre salientou que o OE atribuiu àquele concelho algarvio apenas 470 mil contos, o que representa em termos de verbas «a taxa mais baixa dos dezasseis concelhos do Algarve».

Aquele autarca considerou serem «imprevisíveis» as consequências da redução das verbas do OE para o concelho, nomeadamente nos sectores do saneamento básico e rede viária, onde estão em curso «obras de vulto».

O responsável pela autarquia de Albufeira adiantou que o Algarve «continua a ser encarado unicamente como um local privilegiado para passar férias».

Xavier Xufre revelou, por outro lado, que o orçamento camarário para 1987 atingirá um valor aproximado de um milhão e 800 mil contos, o qual «com a devida comparticipação do Fundo de Equilíbrio Financeiro, seria bem mais compensatório».

Autarcas de Setúbal querem reunião

da Assembleia Distrital

Os autarcas do distrito de Setúbal, membros da Assembleia Distrital, solicitaram ontem à presidente da organização a convocação de uma reunião extraordinária para debaterem questões financeiras e de funcionamento.

Em comunicado, a Câmara Municipal do Barreiro afirmou que a Assembleia Distrital de Setúbal «não tem tido uma normal actividade» e acrescenta que «nem se têm realizado sequer as sessões ordinárias previstas».

A ordem de trabalhos proposta pelos autarcas do distrito de Setúbal para a assembleia extraordinária, prevista para o dia 4 de Novembro, solicita a apresentação do plano de actividades, orçamento e perspectivas para 1987.

D/E/C/A/R/A/S/



FRANÇOIS MITERRAND, presidente da República Francesa desde 1981, reconstrutor do Partido Socialista - o principal grupo parlamentar da Assembleia Nacional de França - completou no domingo o seu 70º aniversário. Mitterrand ascendeu à idade com que su-planta, em plena actividade política, a vida média dos franceses (69 anos) com a popularidade intacta, apesar dos recentes desaires eleitorais do seu partido, e quando se aproxima o ano de 1988, termo do seu mandato.

MADRE TERESA DE CALCUTA voltou a tentar em vão levar uma mensagem do Papa João Paulo II ao Sul do Sudão. Os proprietários franceses do avião cargueiro DC-8 que iria àquela conturbada região ordenaram o regresso do aparelho a França, antes que a velha religiosa tivesse conseguido desempenhar a sua missão.

MARIO SOARES, quando no próximo ano visitar o Brasil, receberá o título de

doutor «Honoris Causa», que o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo resolveu atribuir-lhe, por unanimidade. A sugestão foi apresentada pelo professor João Paulo Monteiro, há cerca de um mês, à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da universidade paulista, a maior do Brasil, com cerca de 50 mil alunos.

AVA GARDNER, actriz que se tornou célebre com o filme «A Condessa Descalça», encontra-se hospitalizada devido a pneumonia - anunciaram hoje fontes hospitalares. A actriz deu entrada no Hospital de São João dia 9 para um exame de rotina. Durante a sua permanência naquela unidade hospitalar, os médicos descobriram um vírus que posteriormente provocou um começo de pneumonia. Fonte hospitalar disse que Gardner se encontra «em boas condições e deverá sair dentro de uma semana».

D. ANTONIO RIBEIRO convidou «todos os católi-

cos a juntarem a sua oração à de todos os que rezam em Assis e em tantos outros lugares pedindo a Deus que conceda a paz ao mundo inteiro». O Cardeal Patriarca de Lisboa falava ontem à Rádio Renascença a propósito das cerimónias a decorrer em Assis, presididas pelo Papa João Paulo II e nas quais participam líderes de 11 religiões cristãs, que decidiram dedicar o dia de ontem à paz.

MANUELA AGUIAR afirmou ontem no Porto que «a Fundação de Almeida se reveste de grande importância pela defesa dos valores da língua e cultura portuguesa». A secretária de Estado das Comunidades que se fez acompanhar pelo governador civil do Porto, Carlos Brito, falava no decorrer de uma visita efectuada à Instituição para entrega da medalha de ouro de mérito cultural. «Se a secretária de Estado das Comunidades fez alguma coisa deve-o em parte a essas instituições, parceiros capazes de contribuir para uma obra comum», disse.

Campanhas de "contra-informação" contra a autonomia

A Comissão Política Regional dos Açores do PSD manifestou ontem em comunicado a sua preocupação com «a campanha de contra informação e descrédito que se tenta lançar sobre o processo de desenvolvimento da autonomia».

Afirma também que os partidos socialista e comunista «tentaram esconder a sua incapacidade de empenhamento na consolidação da autonomia, no último fim de semana, recorrendo a ataques sistemáticos contra o PSD».

Segundo aquela estrutura do partido governamental, «tais ataques exigem um reforço de firmeza das posições que o PSD vem assumindo e defendendo, certos de que esse é o superior interesse da população dos Açores e o sentido das suas históricas e justas aspirações».

Este comunicado surge pouco depois do dirigente separatista José de Almeida ter concedido uma longa entrevista a um semanário de Lisboa, na qual, entre outras afirmações, insinua que Mota Amaral é uma espécie de agente duplo, na qual a FLA não confia.

José de Almeida faz nessa entrevista outras insinuações incluindo que a sua organização teria militares entre os seus filiados.

Uma fonte do EMGFA instada esta manhã a pronunciar-se sobre as afirmações do separatista açoriano disse que elas «não merecem sequer comentários».

Aliás os chefes militares, recentemente alvejados por se terem oposto a iniciativas que violem o sentido da unidade nacional constitucionalmente estabelecida a que as suas missões estão sujeitas, têm-se absterido de quaisquer declarações sobre questões de autonomia que estejam fora do âmbito das suas atribuições.

Comunistas e socialistas têm-se manifestado contra aquilo que consideram de «excessos» autonómicos do PSD, o que parece justificar o comunicado da estrutura regional deste partido, contrapondo que o que põe em causa a autonomia não são esses «excessos» mas «as atitudes centralistas que nos chegam dos inimigos».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Actualizações eróticas

O erotismo dos outros é sempre pornografia para nós: todos somos ordinários quando exprimimos desejos. Eunice Cabral escreve sobre «A cidade das mulheres». Pág. 3

Sinais dos Tempos

A imprensa muda

Os principais semanários portugueses estão a iniciar uma nova fase da sua existência, que parece anunciar a sua reconversão, a médio prazo, em revistas de menor formato, em melhor papel e com muito mais cor. Na semana passada, foi «O Jornal» que deu os primeiros passos no sentido de alterar a imagem do seu suplemento «Ilustrado». Esta semana, é o «Semanário» que lança a sua revista «Olá». Provavelmente em Janeiro, o «Expresso/Revista» passa igualmente a publicar-se em formato mais pequeno e em melhor papel. Esta mudança confirma a tendência, que é legítimo entender como irreversível, para o «desaparecimento», dentro de poucos anos, dos principais semanários portugueses na sua actual fórmula; do jornal para a revista, eis o salto que agora se anuncia de modo mais claro.

Na Imprensa diária, e para além da consolidação da experiência dos matutinos que já praticam a modalidade da revista dominical, também se estuda a maior frequência da cor. O ritmo mais lento da produção a cores e os seus custos relativamente elevados são obstáculos que tendem a ser ultrapassados.

O salto para a cor na imprensa diária, prende-se com a concorrência dos media visuais, por um lado, com a concorrência dos semanários, por outro, mas, sobretudo, com a tendência que muitos anunciantes começam a manifestar para procurarem suportes impressos de boa qualidade para a sua publicidade a cor.

Um obstáculo de monta pode ainda atrasar o desenvolvimento desta tendência: a manutenção de preços muito baixos para a publicidade na televisão, que pode até acentuar-se com o surgimento de canais privados. Até agora, a maioria dos anunciantes capazes de pagar publicidade a cores em jornais e revistas sente-se facilmente tentada a levar a sua campanha de preferência para a televisão, dada o pequeno significado da diferença de custos que o «salto» para si representa.

Acidente ou «acidente»?

Com o desastre aéreo em que perdeu a vida o presidente moçambicano Samora Machel vai acontecer o mesmo que com aquele em que faleceu o então primeiro-ministro Sá Carneiro, independentemente das conclusões a divulgar, dentro de um mês, pela comissão de especialistas que estuda a ocorrência, as hipóteses de sabotagem não mais deixarão de se colocar. Sabe-se que os militares sul-africanos têm instrumentos capazes de criar uma «tempestade» electrónica, alterando a rota de um avião com as características do «Tupolev» caído sem que o piloto se aperceba de que o seu caminho foi «manipulado». Esta hipótese — que não é a única — tem sido a mais ventilada nos últimos dias, sobretudo desde que as autoridades de Maputo modificaram a sua posição inicial, mais favorável à admissibilidade do acidente puro e simples. Que informações terão levado os moçambicanos a sublinhar a possibilidade de uma queda provocada, dias depois de apontarem para o «erro de pilotagem» como origem do sinistro?

Rua Augusta por exemplo

Parabéns Nuno Abecasis, a Rua Augusta para peões mostra que vale a pena. Infelizmente, nem tudo ali mostra o que as ruas livres têm de melhor. Rui Zinc na Pág. 2



NICARÁGUA

As ligações perigosas entre Washington e um «Rambo»

Pág. 5

Mensagens Pessoais na pág. 8

Arte na rua

BEM, «rua» todos sabemos o que é, com a arte é que começam os problemas. O que é uma obra de arte? Falo por mim, as definições são sempre discutíveis, mas posso referir uma mito simples: arte será aquilo que, feito por cabeças («mãos») humanas, provoca emoções estéticas num receptor. Uma flor pode fazer o mesmo, mas não é uma obra de arte; uma grinalda de flores pode, essa sim, já estar *artisticamente* composta.

E dois traços distintivos são hoje mais flagrantes que nunca: belo/original. São valores também eles relativos, sujeitos às oscilações do tempo e, por conseguinte, das nossas histórias, nem sempre tão dialécticas quanto gostaríamos. Tudo redundando, aliás, numa questão de goo, e os gostos, todos sabemos, *discutem-se*. Uma coisa não é bela em si, nós é que a podemos achar bela ou não. Quanto à originalidade, é dado adquirido que o que descobrimos é sempre a pólvora.

Uma pausa: tomar consciência da precaridade dos nossos valores e dos conceitos com que articulamos razões e emoções num discurso que é sempre efectivo não é induzirmos em insegurança e incerteza — muito pelo contrário, é saber com que linhas nos cosemos, para não sairmos cozinhados. Ser livre é ter consciência dos nossos limites: só assim os podemos (tentar) ultrapassar.

Rua Augusta

Bom. Concluída a introdução didáctica, da qual peço desculpa aos mais esclarecidos, passo à situação real que me despoletou esta crónica: a transformação da Rua Augusta em via exclusiva de peões (bravô, Nuno Krus, bravô) e por consequen-

te, à semelhança do que acontece com as grandes cidades da Europa, a criação de um espaço aberto a manifestações de carácter lúdico, cultural, artístico.

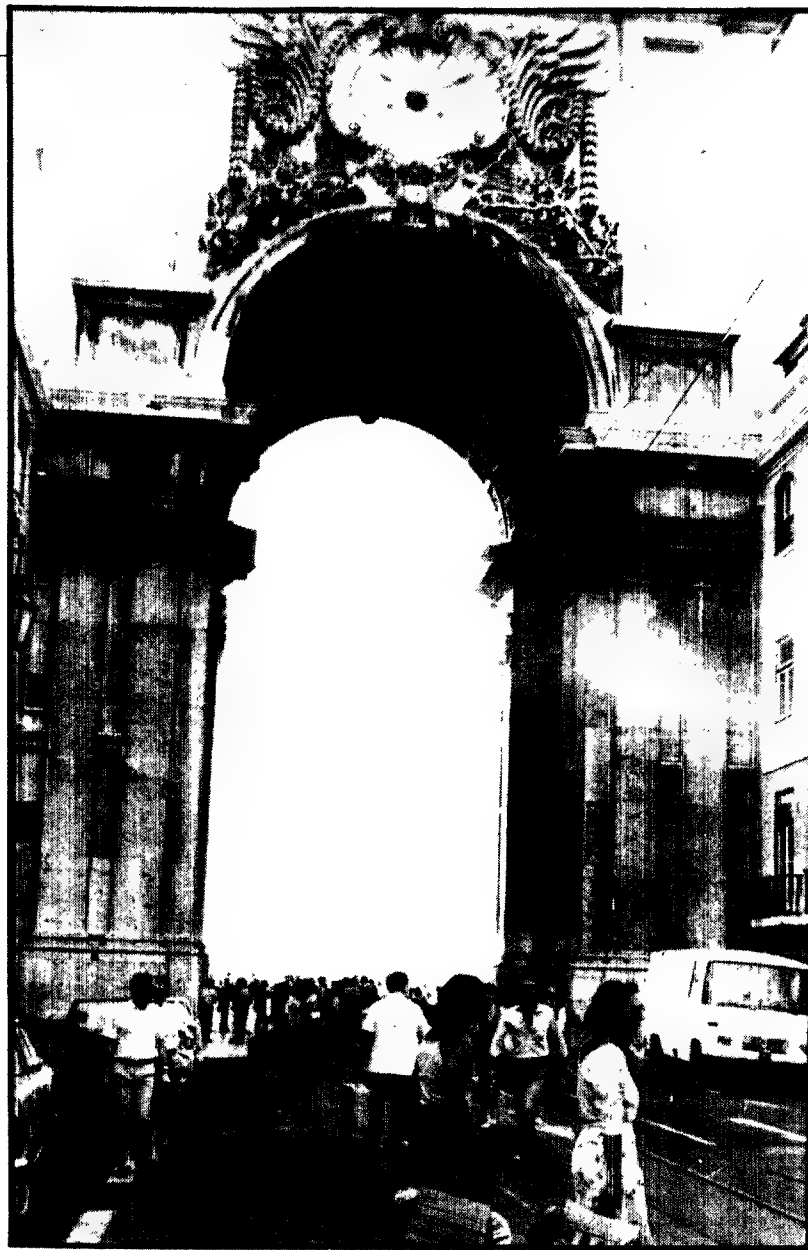
E aqui dá gosto olhar para essa nova Lisboa que ressurge — um pouco por imitação, é certo — mas não interessa, «o importante é que valha a pena, se a lusa alma não for pequena», como diria Pessoa. De facto, tal como Paris ou Madrid, a Rua Augusta tem os seus músicos, o artesanato, as pinturas a giz no pavimento, os poetas à margem do mercado vendendo romanticamente a sua mercância, os caricaturistas ao vivo ou por foto tipo passe, etc.

(O desgosto começa, infelizmente, logo com o *etc.*: estamos-nos a ludibriar, pois não há tantas mais coisas a acontecerem que mereçam um *etc.*).

Os santinhos

E o desgosto continua quando vemos que, *se o pouco que acontece* é parecido com o que se faz *lá fora* (fora deste pequeno aquário secularmente claustrofóbico), já o seu espírito não é o mesmo. Algumas intervenções, pelo menos, denotam um carácter triste e doentio, mórbido, que recorda as efígies do Padre Cruz nas capelistas mortuárias. Senão vejamos:

1) O copista habilidoso que noutra cidade reproduz (ao menos isso) uma obra-prima da pintura patente no museu local, em Lisboa ornamenta o chão de piedosos retratos de santos em jeito de mau postal natalício, e Cristos e ossas Senhoras de coração à mostra e mais trespasado de espinhos que uma pregadeira de alfinetes. É um mau serviço: à fé, à sensibilidade, à Secretaria de Estado do Ambiente. Mas atenção:



O desgosto começa, infelizmente, logo com o *etc.*

se ele faz aquilo é porque pensa que é o que o transeunte deseja ver. (E, miséria, se calhar é mesmo...)

2) Entretanto, os miúdos da rua encontram outra forma de pedir ou vender pensos. Agora a artimanha é enternecer a imbecilidade dos passantes com desenhos — «tal e qual, ai que graça!» — do Pato Donald,

PATETA E OUTRAS PERSONAGENS DO Maravilhoso - Mundo - de - Walt-Disney. Perguntei a mim próprio: receberiam os garotos esmola se não fizessem uns Mickeys tão perfeitos? Ou se não fizessem MICKEYS NENHUNS? Enfiado, reagi a este auto-inquérito com a dignidade de um alto funcio-

nário: recusei-me a prestar declarações.

3) A culminar, um indivíduo munido de uma espécie de «harpa eléctrica» interpreta melodias tão melífluas e anémicas que uma pessoa sente vertigens só de o ouvir. Sinceramente, prefiro os Bob Dylans, do mal o menos! E a dúvida perpetua-se: meu Deus, qual a razão do sucesso deste jovem (musicalmente) tísico?

A arte do desenrasca

Todas as coisas são o espelho de todas as coisas, disse Fernssee. Deformada ou não, a imagem de *nós* que a *animação* (isto é, o sopro de alma) da Rua Augusta reflecte não é, ainda, nada daquilo que queremos ser: europeus, bonitos, células cinzentas arejadas.

Sem saber bem porquê, dou comigo a pensar nos vendedores de cavacas do Parque Eduardo VII, nas construções clandestinas em Sesimbra, nos relógios de ouro apregoados entredentes frente à Suíça. Será que estamos condenados, como num fado, a reduzir tudo à desenrasqueira rasca da minimini economia paralela?

P.S.) *E chegado aqui, permito-me duvidar do que disse no princípio do texto. Lá por haver pessoas, ou mesmo uma eventual maioria silenciosa, a gostar daquilo, a achar aquilo bonito e distinto, será que aquilo é arte? Pior ainda: será que a Rua Augusta é uma rua? A questão parece absurda, mas tenho em mente os versos de Augusto Gil: «Rua não é com certeza/ porque as ruas não são assim...»*

P.S. 2) *E Lisboa, é uma cidade?*

Rui Zink

CORRESPONDÊNCIA

EM 1864 escrevia Marx nos considerando dos estatutos provisórios da Associação Internacional dos Trabalhadores: «(...) O movimento que acaba de renascer entre os operários dos países mais industrializados da Europa ao despertar novas esperanças apresenta também uma solene advertência para não cair nos velhos erros, tentando agrupar, o mais cedo possível, os esforços ainda dispersos; (...) A sujeição económica do trabalhador aos que se apropriam dos meios de trabalho, isto é das fontes da vida, é a causa primeira da servidão em todas as suas formas — a miséria social, o aviltamento intelectual e a dependência política; (...) A emancipação do trabalho, não sendo um problema local ou nacional mas social, abarca todos os países nos quais existe a sociedade moderna e necessita para a sua solução do concurso teórico e prático dos países mais avançados.» Nestas palavras Marx apontava o que considerava como a origem do mal e reconhecia essa origem como um problema a ser encarado e resolvido socialmente. A solução desse problema encontrava-se, ainda segundo Marx, «na solidariedade entre os trabalhadores das diferentes profissões no mesmo país e numa união fraternal entre as classes

operárias dos diversos países».

Sucedeu apenas que o movimento que estava em ascensão cedo entrou na linha descendente, e oito anos volvidos a Associação Internacional dos Trabalhadores era ferida de morte. Duas grandes tendências — uma à volta de Marx, outra à volta de Bakunine — extraíam lições bem diferentes da derrota da Comuna de Paris e o movimento emancipativo demonstrou que não estava ainda maduro para superar os velhos erros, apesar das contribuições teóricas que entretanto tinham aparecido, entre as quais se deve realçar «O Capital». A força, que poderia ter sido criada pela união e pela associação de todos os grupos e indivíduos, os quais deviam reconhecer como «base da sua conduta para com todos os homens a verdade, a justiça, a moral, sem distinção de cor, de crença ou de nacionalidade» (ainda Karl Marx), neutralizava-se por si mesma.

2

Estas linhas vêm a propósito do que está a acontecer neste momento neste país. Fala-se de esquerda democrática, esquerda liberal, esquerda comunista, socialismo democrático, social-democracia. E fala-se em repensar ou

renovar a esquerda. Claro que quem estiver um pouco atento à cena internacional facilmente verificará que estes temas também estão na ordem do dia na Alemanha, na França ou na Itália. Mas o que impressiona à primeira vista, no nosso caso é a pretensa fuga à história, parecendo ser necessário começar do zero, como se determinado tipo de noções só agora fossem descobertas. Por exemplo a noção de liberdade. Um simples relance por alguns teóricos permitirá ver que não é bem assim, e permitirá também, se houver interesse nisso, evitar os velhos erros.

Já Korsch, num livro interessantíssimo que foi traduzido para português e sobre o qual ninguém disse nada, escrevia: «O socialismo é nas suas vias como nos seus fins um combate para a realização da liberdade.» («Marxismo e Filosofia»). Rosa Luxemburgo falava da liberdade como sendo a liberdade daquele que pensa de outra maneira. E Hegel, o Hegel da «Estética», dizia: «A liberdade significa o desaparecimento de toda a miséria e de toda a infelicidade, a conciliação do sujeito com o mundo, tornado uma fonte de satisfação, o desaparecimento de toda a oposição ou contradição. Mas a liberdade tem também um conteúdo ra-

cional: a moralidade, por exemplo, nos actos, a verdade no pensamento.» Podíamos citar Proudhon, William Morris, Antonio Labriola, Henry David Thoreau, para demonstrar que a noção de liberdade não é de agora e há muito que ela «está em luta com o seu contrário».

Efectivamente afigura-se-nos que, para renovar ou repensar o conteúdo histórico daquelas palavras, é necessário partir desta «tradição» e não esquecê-la ou ignorá-la como agora parece acontecer. A grande objecção que se faz hoje a esta posição consiste em afirmar de uma maneira que nos parece irracional: Isso faz parte do pré-moderno e nós já estamos no pós-moderno:

3

Pós-moderno? Em «A Condição Pós-Moderna», Lyotard, não aceitando a tentação de distinguir duas espécies de saber (um positivista, outro crítico, reflexivo ou hermenéutico), afirma que a alternativa, que essa «solução de partilha» procura resolver, «deixou de ser pertinente em relação às sociedades que nos interessam, pertencem ainda a um pensamento por oposições que não corresponde aos modos mais vivazes do

saber pós-moderno. (...) Na sociedade e na cultura contemporâneas, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber põe-se noutros termos. A grande narrativa perdeu a sua credibilidade, qualquer que seja o modo de unificação que lhe está consignado: narrativa especulativa, narrativa de emancipação. (...) Não se pode portanto recorrer nem à dialéctica do Espírito nem mesmo à emancipação da humanidade para a validação do discurso científico pós-moderno. (...) Mas não está em causa, de qualquer modo, propor uma alternativa 'pura' ao sistema, que será semelhante a ele, como todos sabemos, neste final dos anos 70.» Que será isto senão a cultura do possível, a cultura afirmativa, a estase da história, a aceitação acrítica do «status quo»? Será o problema da «narrativa de emancipação» um problema de credibilidade, de crédito, de crença, de fé? Mas isto faz parte do mundo da sem-razão, do mundo alienação, do mundo da não-liberdade, características efectivas e legitimadoras das práticas institucionais do capitalismo tardio. Os que defendem este tipo de legitimação não podem aceitar que se vá para além de certos limites. Quando muito a alternância, o movimento pendular. Mas a alternativa, a força emancipativa da

A cidade das mulheres

O S ombros nus de Madonna têm estado, desde este Verão, em cruzamentos quase sempre engarrafados e a sua cabeça, tão loura que parece mármore, recorta-se num azul líquido. As pernas que quebram qualquer regra, as de Tina Turner, podem ser vistas em passeios da cidade, em paragens de autocarros, por vezes ao lado do busto de Madonna.

Gal, mais reservada, encontra-se em vitrinas de discotecas, quase em tamanho natural.

Aparecendo-nos tão inesperadamente, no final de uma avenida, numa estação anónima, as três só podem ser presenças publicitárias, imagens remanescentes de personagens femininas das canções que contam histórias interessantes de mulheres simples. Vão estar naqueles sítios de passagem o tempo exacto da campanha de publicidade para que servem. E se nos afeiçoarmos demasiado àquelas pestanas negras ou àquele vestido cingido ao corpo e se, por essa razão, obtivermos e colocarmos o cartaz no nosso quarto de dormir, um dia mais tarde ao repararmos nele com os olhos da memória, havemos de verificar que o propósito de fazer durar estas mulheres, não resultou. Serão apenas a Madonna de «True Blue» ou a Gal Costa de 86, afinal tal como uma fotografia que revesmos de há três ou quatro versões em que um gesto que já não fazemos nos surpreende.

Não são propriamente elas que encontramos, a mulher de 46 anos de nome Annie Mae Bullock e a baiana que se faz acompanhar da mãe quando se desloca ao estrangeiro. Estas outras são imagens-foto-ainda-elas-mesmas em trânsito urbano. Noutra versão mais redu-



Gal Costa — a imagem fotográfica mais directamente sexualizada



Tina Turner usa sinais de uma rainha negra, convicta do seu poder



Madonna — revivalismo da «vamp» no «pop»

zida, constituem as capas dos discos mais recentes das três cantoras americanas.

Mas é quando as vemos nos «placards» das ruas que elas mais sobressaem em contraste com o quotidiano baço que temos.

Porque estas mulheres libertam o feminino ao tornarem tão revelador o sexo que culturalmente nunca é invisível. Estas imagens fotográficas significam deliberadamente o oposto do unisexo que se criou para apagar diferenças e conflitos. Dando a ver as cabeças inclinadas para trás, olhos semicerrados de

prazer e lábios entreabertos ou uma perna que se mostra para além do consentido, desencadeiam o feminino na sua essência (a diferença sexual), provando-nos, somente pelo facto de existirem, que todo o feminino é visível e transbordante enquanto o masculino for tido como a figuração sem-sexo.

É claro que estas mulheres estão do lado do negro: um blusão em cabedal escorrega pelas costas e ombros de Madonna; os fechos «éclair» de Tina abrem-se em peças de roupa que, tal como ela, são negras. Quando ao vestido justí-

simo de Gal é obviamente da mesma cor. Em tempos, Deborah Harry dos Blondie foi fotografada toda de preto ostentando uma «tee-shirt» onde se podia ler «Andy Warhol's Bad». O preto é mau e faz com que as pessoas que o usam, se situem no campo da transgressão.

Comove também porque por vezes lembra o trágico emocional que quase já não existe. Pode eventualmente provocar o riso porque conota energias transgressoras como as meias de Tina Turner: «Ela só mostrou as meias pretas a Carlos Cruz», lia-se num jornal

diário aquando da vinda da cantora a Lisboa.

Há quem não seja sensível ao preto nem a azuis verdadeiros. Referimo-nos a pessoas extremamente bem-educadas feitas de um só eu que afirmam em voz baixa que elas as três, o que são é muito ordinárias. O erotismo dos outros é sempre pornografia para nós, disse-nos o lúcido Robbe-Grillet. Pensando bem e com modéstia, todos somos ordinários quando exprimimos desejos.

Eunice Cabral

renovação da esquerda

anti-ignorância (Hegel dizia: «O ignorante não é livre»), a tentativa de apropriação do mundo pela representação e pelo pensamento, tudo isto parece ter perdido actualidade para o pós-moderno. Mas, de facto, as oposições e as contradições continuam a existir, a deslocar-se, a condensar-se, a sobredeterminar-se.

4

Críticas a esta ausência de clareza, a esta obscuridade, podem ser encontradas em Habermas ou em Castoriadis. O primeiro no livro «Die Neue Unübersichtlichkeit», o segundo em «Domaines de l'homme». (Ver também a entrevista publicada no «Sete Ponto Sete», 22-7-86.)

Habermas, no seu estilo peculiar e difícil, indica-nos nestes «pequenos escritos políticos» pistas importantes que vão da crítica ao neoconservadorismo às variantes da Aufklärung ou à dialéctica da racionalização, que termina assim: «Há tanto nevoeiro hoje, por todo o lado. Mas eu não perco a esperança de que este nevoeiro se possa dissipar. Seria bom se eu ainda pudesse contribuir com algo para isso». («Es liegt so viel Nebel heute, überall. Ich gebe die Hoffnung nicht auf, das sich

diser Nebel liechten Könnte. Schön är's wenn ich dazu noch etwas beitragen Könnte...»)

Castoriadis, num volume de mais de 450 páginas, dividido em quatro partes, tituladas com palavras gregas escritas no nosso alfabeto, dá-nos pistas de crítica militante em defesa da autonomia. Sobre o «alcance ontológico da história da ciência» escreve: «Nós temos de compreender que há verdade — e que ela pertence ao fazer («et qu'elle est à faire»), que para a atingir devemos criá-la, o que quer dizer, antes de tudo, imaginá-la.» E sobre aquilo que denomina «crise de decomposição das sociedades ocidentais» afirma: «Uma verdadeira libertação das energias (...) passa pela marginalização de todos os partidos políticos existentes («de 'gauche' comme de 'droite', ces termes ont depuis longtemps perdu leur sens»), pela criação pelo povo de novas formas de organização política, fundadas na democracia, na participação de todos, na responsabilidade de cada um a respeito dos assuntos comuns — em suma pelo renascimento de um verdadeiro pensamento e paixão política, que seria ao mesmo tempo lúcido sobre os resultados da história dos dois últimos sé-

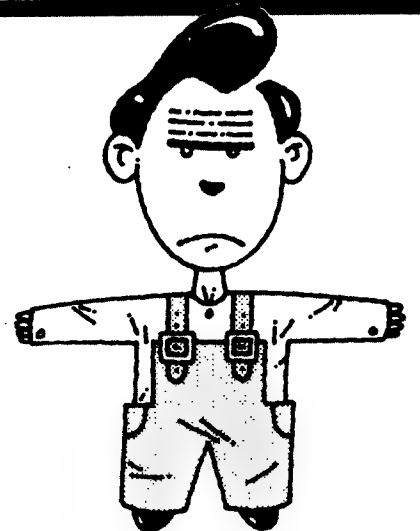
culos.»

É assim pelo regresso à história, pela sua reapreciação e actualização crítica, que se poderá encontrar o sentido perdido. A crítica à economia política continua a desempenhar um papel importante nesse processo, mas tem andado bastante arredada. Quem terá hoje «A Acumulação do Capital», «As Teorias sobre a Mais-Valia», «A Economia Política do Crescimento», «O Tratado de Economia Marxista»?

Hoje por hoje a crítica é quase e tão-somente crítica literária. É ela que permite dizer que o actual Governo «social-democrata» não deve, «de um ponto de vista de esquerda, ser globalmente rejeitado». O Primeiro-Ministro é encarado como um romancista, os seus discursos são capítulos de um romance, gosta-se do estilo, é tudo. É o mesmo género de crítica que afirma que Pound foi um grande poeta da América. E todavia Pound esteve do lado de Mussolini. Essa crítica ainda é testemunha, não atingindo por isso o nível daquilo a que Susan Sontag chamava recentemente «estética da melancolia». («Art in America», Set. 86). A crítica literária utiliza e explora artifícios mas não consegue revoltar-se contra

eles. Mas a crítica à economia política pode, de facto, fundamentar a revolta contra o artifício, por ser uma crítica à mercantilidade, onde se alicerça a separação do homem de si mesmo. E é por isto também que as teses da bipolarização político-partidária devem ser combatidas. Pressionando psicologicamente os indivíduos, a bipolarização realizada limitar-lhes-ia a criatividade, afunilaria as suas decisões e esmagaria os dissidentes. A dinâmica socio-histórica não funciona de acordo com a lógica binária. Não se veja nisto a condenação da computadurização ou das novas tecnologias. Só que, como alguém disse, «um homem é um homem e não gosta que lhe ponham a bota em cima».

Há mais de um século escrevia Antero de Quental: «A todos os partidos, a todos os governos e a todos os salvadores faremos uma só pergunta: e a reforma social? Se nos responderem com negativas ou com evasivas tê-los-emos por inimigos — pouco importa que se chamem monarquia, constitucionalismo ou república. Para o povo não há senão uma República: a República Democrática Social. Essa é a dos trabalhadores, é a da Internacional: que só essa seja



também a nossa.» Será a esquerda, que se quer remover, capaz de indicar o que é inactual no pensamento de Antero de Quental?

Estamos convencidos que nenhum esteta diria à fraca e desorientada, mas plural, esquerda que temos: «Fica mais um bocadinho que és tão bela!» Certamente preferiria dizer-lhe: «Passa depressa, continuas a fazer sombra, preciso de mais luz!» Terá a esquerda olhos para ver e ouvidos para ouvir, ou continuará a degenerar pensando que está a evoluir? A História terá a bondade de mostrar...

Júlio Mendes Palma

O general e a cordilheira

A contagem decrescente começou. O general Augusto Pinochet, chefe do estado chileno não parece, hoje, em situação de ganhar o plebiscito que ele próprio previu para 1989 na Constituição. Mas sobretudo, até essa data, uma verdadeira prova de obstáculos está à sua frente: voto, este mês, pelo Banco Mundial, dos créditos a favor do Chile visita, em Abril de 1987, do papa João Paulo II; campanha eleitoral americana a seguir... Etapas difíceis de ultrapassar para o governo, neste país que a geografia condenou ao isolamento, entalando-o entre a cordilheira dos Andes a Leste, o Pacífico a Oeste, os gelos a Sul e o deserto a Norte.

Tal é, igualmente, transposta para o plano político, a situação do chefe do Estado. A oposição ao regime representa, no mínimo, 75 por cento do corpo eleitoral. Apesar das suas múltiplas divisões, essa oposição prepara-se para relançar a mobilização social e quer fazer campanha, no futuro próximo, a favor de eleições livres e directas. A Igreja Católica, ainda muito prudente na sua oposição, contesta cada vez mais o governo actual, e a preparação da próxima viagem do soberano pontífice vai relançar o debate na hierarquia. Entre os próprios militares, a contestação, apesar de discreta, é cada vez mais nítida.

Enfim, a pressão internacional, e especialmente a dos Estados Unidos, acentua-se nitidamente. Washington já anunciou que o seu voto sobre os créditos no Chile não poderia ser favorável sem importantes mudanças com vista a uma maior maleabilidade do regime. O secretário de Estado americano George Schultz acaba, aliás, de transmitir ao ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, Jaime Del Valle, as «graves preocupações de Washington face à situação no Chile», e faz pressão para que este país honre a sua promessa de regresso à democracia.

O atentado contra o chefe de Estado tinha, no entanto, feito crer por um instante que o regime encontraria nele uma excelente ocasião para retomar a iniciativa, e para justificar o endurecimento da repressão na guerra declarada ao «terrorismo marxista». Ora, foi quase o contrário que se produziu. O estado-de-sítio, na sua versão 1986 é, com efeito, muito mais «brando» do que de 1985, apesar da gravidade dos factos que justificaram a sua instalação (descoberta de arsenais no Norte do país e atentado contra Pinochet). Ao que parece, até terá sido difícil para o governo declará-lo.

No próprio dia do atentado, cerca das 18 horas, o ministro do Interior, Ricardo García tinha, de facto, anunciado uma declaração televisiva para a noite. Inicialmente prevista para as 21



Forças da ordem e sociedade civil: um desentendimento duradouro, para além de todos os modelos suportáveis

horas, a comunicação do ministro acabou por só ir para o ar à meia-noite. O atraso explicaria-se pela recusa de, pelo menos, dois dos quatro membros da Junta juntarem as suas assinaturas ao decreto. Os generais Stange (da guarda nacional) e Matthei (da aviação) não se teriam resignado a assinar, senão por um processo de opereta, através de contactos falsos estabelecidos por um dos colaboradores mais próximos de Pinochet (o secretário do governo, Cuadra) o ministro da Justiça, Rossende ou o encarregado das relações com a Igreja, Rillon: a Stange disseram que Matthei já tinha assinado, e/ou vice-versa. As comunicações entre os dois tinham, evidentemente, sido cortadas.

O caso é revelador das dissensões cada vez mais perceptíveis entre militares que não desejam cair no que muitos observadores e políticos locais chamam já a «auto-armadilha» de 1989.

O plebiscito previsto para essa data prevê que o candidato das Forças Ar-

madas seja designado pela Junta. Actualmente, o general Pinochet parece não ter quaisquer hipóteses de vir a ser designado por militares que já se pronunciaram mais do que uma vez a favor da transição para a democracia. Ele tem, assim, de encontrar meios para provocar um golpe de estado *pro domo*, e alguns militares estão já a tomar as suas distâncias em relação a um homem que não pode, senão, arrastá-los para a derrota.

A declaração de oficiais do comando da quinta região militar de Punta Arenas (no Sul do país), condenando o assassinio de um jornalista membro do MIR, inscreve-se nesse sentido. Alguns jornalistas chilenos entre os mais reputados, também não hesitam em ver no atentado contra o chefe do estado — onde a responsabilidade das Forças Armadas, fechando os olhos ou dando uma mão, é indubitável — um novo episódio de uma campanha de advertências ao general Pinochet.

Também as prisões que se seguirem

à declaração do estado-de-sítio espan-taram, tanto pelo seu pequeno número (cerca de quarenta pessoas), como pela identidade dos opositores detidos. Neste «lançar de redes» teriam sido «apanhados»: um dirigente comunista, octogenário e doente; um conhecido dirigente socialista (ambos libertados pouco depois); uma mulher grávida; dois dirigentes «públicos» do MDP (congregação de forças próximas do Partido Comunista) e até um desconhecido, que depressa se transformou em *vedeta*, na capital: o sr. Tapia-Tapia, detido por crime de homonímia, e que continua preso no terceiro comissariado de San Martín. Este homem, que não tinha quaisquer contactos com a oposição e que ignorava o que pudesse ser uma embaixada, vê agora referirem-se a ele eclesiásticos, advogados e personalidades políticas.

Para além deste caso *ubuesco*, estas prisões, quando visivelmente nenhum autor do atentado pôde ser preso, espantam, por parte de um regime cuja

reputação de repressão «inteligente e selectiva» nunca deu mostras de fraqueza.

Numerosos observadores chilenos já não hesitam em falar de «uma certa má vontade de forças regulares de polícia» (ao contrário, no entanto, da CNI, a Polícia política do regime, que prossegue uma prática radical, como testemunham os depoimentos de advogados de estudantes presos num veículo com matrícula diplomática e holandês, que terão sido — assegura-se — torturados).

Neste contexto, o problema posto ao actual governo não é fácil de resolver e pode resumir-se como segue: como legitimar, num país onde a oposição é maioritária, uma ordem político-militar que possa ainda depender do general Pinochet propriamente dito?

Tanto mais que as forças políticas de extrema direita que têm, até aqui, apoiado o regime começam, por vezes, a guardar igualmente as suas distâncias em relação a ele. Seja porque, em seu entender, o regime se tornou demasiado fraco e pouco nacionalista, seja porque a política de liberalização económica faz temer a bancarrota generalizada.

Mas o sistema de governo, muito piramidal, em que o Exército, «a arma mais numerosa», mais fiel e mais secreta, tem um peso preponderante, incita à prudência. «É preciso estar atento — diz Genaro Arriagada, director da Rádio Cooperativa — e não fazer uma leitura excessivamente civil dos acontecimentos de natureza militar. No Exército, a dissensão chama-se traição e é passível de pena de morte. Se a capacidade de resposta do regime é cada vez mais fraca, o golpe de Estado, por seu lado, não se dissolve senão através de outro golpe de Estado...»

Uma série de responsáveis políticos está a trabalhar, tendo em vista vários cenários com as características descritas. Sobretudo depois do relativo falhanço da manifestação de 4 de Setembro, que parece indicar que a «mobilização social», muito forte no início do Inverno Austral está, actualmente, a marcar passo. O caso de espionagem revelado há algumas semanas no recinto da embaixada de Espanha entra, aliás, neste quadro. Membros da Polícia política chilena tinham-se apropriado da retransmissão da conversa havida entre o general Matthei, membro da Junta, e Hamilton, dirigente da Democracia Cristã, nas instalações da embaixada.

Para uma parte cada vez maior da oposição chilena, tais discussões são, com efeito, necessárias para evitar afrontamentos entre militares e partidários da luta armada, que poderiam conduzir à guerra civil. O aparecimento de comando como os do «11 de Setembro», que reivindicaram os assassinios de opositores, reforça, aliás, este temor.

Uma historietta, citada por uma fonte muito segura, indica, por seu turno, que esta relativa fragilidade do poder chega a ser sentida no próprio «topo» do aparelho do estado. Voando para as Filipinas, há alguns meses, o chefe do Estado senta-se no seu *fauteuil*. Embaixado, o piloto vem procurá-lo para lhe comunicar que não recebeu autorização para aterrar e que terá de fazer meia-volta. A história não conta o que o presidente respondeu ao piloto, mas a sra. Pinochet, essa sim, terá exclamado: «Já está, deitaram-te abaixo!» Decididamente comenta, cínico, um político de oposição: «já não é correcto comparar Pinochet com a Cordilheira dos Andes?»

Denis Hautin-Guiraut

Coisas do liberalismo total

NÃO se passa um dia, na capital chilena, sem que os jornais não façam o elogio da política económica do regime. «O Chile honra os seus compromissos para com o FMI», «A inflação abaixo dos 20 por cento», «O desemprego só atinge 12 por cento da população activa». Tantas afirmações, que não são sem fundamento, pedem alguns esclarecimentos: a saúde financeira do país é indubitável, e o Chile está, efectivamente, a reembolsar a sua dívida externa (de 20 mil milhões de dólares). A redução do défice orçamental é também muito significativa. São «bons indicadores» para as organizações monetárias internacionais.

Dois correctivos importantes estão ainda, no entanto, por introduzir — diz

Sergio Bitar, antigo ministro da Economia do presidente Allende e um dos economistas mais ouvidos do Chile. Em primeiro lugar, alguns desses números são obtidos através de manipulações, por vezes grosseiras. Assim no caso do desemprego: há inqueritos oficiais que incluem perguntas como esta — «Na semana passada, trabalhou, pelo menos uma hora?» — Se a resposta é *sim*, o respondente fica considerado como *trabalhador ocasional* e deixa, portanto, de fazer parte do número de desempregados. Também aqueles que declaram não ter procurado ocupação remunerada desde há um mês passam a fazer parte dos *inactivos*, o que coloca o número de desempregados a «mais ou menos 20 por

cento», conclui o antigo ministro, o que significa, de facto, um progresso em relação aos 30 por cento de 1983 ou 1984.

«Mas sobretudo, estes valores são alcançados através do desperdício das riquezas do Estado».

A privatização desenfreada do sector público não é, de facto, no Chile, uma querela entre especialistas. A próxima sociedade nacional que deverá ser vendida ao sector privado é a dos telefones. Num país que se alonga por mais de cinco mil quilómetros, o telefone é um elemento da soberania nacional. O coronel encarregado desta tarefa demitiu-se, aliás, por se opor à decisão. Os orçamentos sociais estão, por seu turno, em constante diminui-

ção. A tal ponto, que os hospitais têm cada vez mais dificuldades em encontrar medicamentos, e que os próprios doentes têm, em cada vez mais casos, de os fornecer eles próprios.

O parto passou a ser pago (40 mil pesos, quer dizer, cerca de 30 contos), enquanto o salário mínimo não ultrapassa metade dessa soma. A municipalização acarreta, por outro lado, uma «autonomia» das escolas, que passaram a depender das respectivas câmaras.

Esta política começa a provocar o descontentamento no seio da própria grande burguesia, que já não hesita em financiar — secretamente — certos partidos políticos.

D.H.—G.



Agit-prop em grandes murais perto de Manágua: um povo mobilizado contra a intervenção americana

As ligações perigosas entre Washington e um «Rambo» derrotado

Entre os «Rambo» criados por um certo cinema norte-americano e os seus modelos reais existe uma leve, mas definitiva, diferença: se os primeiros são invencíveis, os segundos são por vezes derrotados e a sua queda nunca é cómoda para aqueles que de um modo ou de outro os «empregavam».

A 5 de Outubro, um avião cargueiro C-123 era abatido na Nicarágua por militares sandinistas. A bordo encontravam-se quatro pessoas: três norte-americanos e um nicaraguense. Dos quatro apenas um sobreviveu, Eugène Hasenfus, que está agora a ser julgado em Manágua. Mas Hasenfus é «peixe miúdo» comparado com o nome de um dos homens que se guia a bordo: Max Gomez, na realidade Felix Rodriguez, membro da «velha guarda» da CIA.

Durante quinze anos, Rodriguez foi um dos agentes principais da CIA. Participou nos acontecimentos da Baía dos Porcos onde se gozou uma tentativa de invasão de Cuba, trabalhou para aquela agência no Vietname, e foi um dos responsáveis pelo cerco a Che Guevara na Bolívia. O seu curriculum chegou ao fim na Nicarágua, quando se encontrava a meio de uma missão de apoio aos «contra».

Oficialmente, Felix Rodriguez era um ex-agente, que se retirara da actividade numa altura em que a CIA enfraquecia aquela que era a sua especialidade: a contra-guerrilha.

ha. Mas, na verdade, Rodriguez encontrava-se na zona onde esta hoje se exerce com maior apoio norte-americano: a América Central.

Em Fevereiro passado, Rodriguez passou a dirigir, a partir de El Salvador, as operações de apoio às forças que combatem o regime de Manágua. O seu nome de código era «Condor» e ocupava desde então uma área reservada da base aérea norte-americana de Ilopango, em El Salvador.

Os documentos encontrados pelas autoridades sandinistas a bordo do avião abatido no passado dia 5 parecem confirmar que fora dessa base que o C-123 tinha partido, com um carregamento de armas destinadas aos «contra».

Mas os documentos descobertos a bordo não elucidam apenas sobre o âmbito e objectivos daquela missão. Nas agendas, chaves de código e livro de bordo encontram-se dados que provam o envolvimento directo dos Estados Unidos nas acções dos «contra» e que constituem uma violação à lei aprovada pelo Congresso norte-americano em 1984.

Encontros de Bush com o Condor

Os «parceiros» de Rodriguez nesta sua última missão transportavam consigo papéis contendo os números de telefone de membros do Departamento de Estado norte-americano e de oficiais da CIA. Através do livro de bordo, as auto-

ridades sandinistas puderam confirmar que o C-123 tinha estado em várias bases norte-americanas e que era o mesmo aparelho utilizado pela CIA em 1984, numa operação destinada a implicar o governo de Manágua num caso de tráfico de droga. Os documentos do piloto, William J. Cooper, permitem ainda a associação entre este e o principal conselheiro norte-americano em El Salvador.

Com este pano de fundo, a Casa Branca vê-se agora a braços com a necessidade de explicar acções que não podem ser expostas oficialmente pelo simples facto de terem sido consideradas ilegais. Optou, por isso, por negar qualquer ligação com os homens que seguiam a bordo do C-123.

Em declarações à imprensa, dois dias após o avião ter sido abatido, o secretário de Estado George Shultz afirmava, referindo-se aos seus tripulantes: «não são militares, não pertencem a nenhuma agência oficial norte-americana, incluída a CIA...eram particulares».

Mas as declarações de Shultz são de certo modo desmentidas pelo material descoberto a bordo do aparelho e por informações entretanto veiculadas por fontes próximas do vice-Presidente dos EUA, George Bush.

Segundo essas fontes, Felix Rodriguez foi apresentada a Bush pelo seu conselheiro para Assuntos de Segurança Nacional, Donald Gregg, um antigo agente da CIA e chefe de

Rodriguez na agência. As mesmas fontes adiantaram que o «Condor» se encontrou duas vezes com Bush, mas que nunca tinham debatido o apoio aos «contra». O último encontro realizou-se em Maio deste ano e teve como tema a situação militar em El Salvador.

Para George Bush, Felix Rodriguez, um cubano-americano, era um «patriota» que ajudou as autoridades de El Salvador na sua luta contra as «guerrilhas marxistas».

Hasenfus diz que foi abandonado

A versão oficial da Casa Branca sobre todo este assunto tem sido contestada por congressistas democratas e suscitado várias interrogações por parte da imprensa norte-americana.

Uma das vozes críticas é a do antigo embaixador dos Estados Unidos em El Salvador que foi peremptório ao afirmar: o avião só poderia ter partido de Ilopango «com o consentimento dos serviços do governo dos Estados Unidos».

Por outro lado, a Casa Branca tem também de lidar com as declarações feitas pelo único sobrevivente da Tripulação do C-123: Eugène Hasenfus, que compareceu em Tribunal no passado dia 20. A administração Reagan diz que as suas afirmações se devem à pressão que sobre ele é exercida numa «prisão comunista».

No entanto, Hasenfus aparece agora como sendo o caso tipo do

agente que é deixado cair em virtude de uma missão frustrada, que pode pôr a descoberto um domínio considerado secreto.

Hasenfus, um antigo «marine» de 45 anos de idade, declarou aos jornalistas que pensava estar ao serviço da CIA e que se sente abandonada ao ver que Washington afirma não saber quem ele é. Reconheceu as acusações que lhe são feitas pelo Tribunal Popular Anti-Somozista que o julga e precisou que obteve o trabalho que executava na altura da sua detenção através de Donald Gregg, o já citado conselheiro de Bush.

Hasenfus é acusado dos crimes de violação da ordem e segurança pública nicaraguense, de terrorismo e associação de malfetores e a acusação pediu que lhe fosse aplicada a pena máxima ou seja, 30 anos de prisão.

Referindo-se ao despacho lido no primeiro dia do julgamento, o advogado de Hasenfus, Sotelo Borgen declarou: «não é o processo contra Eugène Hasenfus que está a ser julgado, mas sim o processo contra os Estados Unidos. Dois terços da acta de acusação não dizem respeito ao meu cliente».

Este facto foi também reconhecido pelo ministro nicaraguense da Justiça, Rodrigo Reys, que afirmou, referindo-se ao julgamento: «começamos um processo histórico. Hasenfus é apenas um instrumento do governo dos Estados Unidos».

Noémia Ribeiro

A era dos mal-entendidos

No segundo volume da sua «História da Psicanálise em França», Elisabeth Roudinesco faz reviver todos os actores da saga freudiana.

LEMBRAM-SE do abade Marc Oraison, que na aurora dos anos 60, queria purificar as vocações religiosas fazendo-as passar pelo crivo da análise freudiana? E do padre Grégoire Lemerrier, que, na mesma época, tomou a iniciativa, bastante controversa, de escutar sessenta monges beneditinos no divã (quarenta desfardaram-se)? E de Angelo Hasnard, o autor de «Moral sem pecado» e de «O universo mórbido da falta», que o Santo Ofício se apressou a meter no índice?

É um dos encantos, e não dos menores, do segundo volume da «História da Psicanálise em França» (1925-1985), o lembrar, às nossas esquecidas memórias, os nomes de quase todos os actores inscritos no genérico da saga freudiana.

Jacques Lacan ocupa, bem entendido, o papel principal, mas os secundários não são esquecidos, o que nos vale saborosos retratos, por vezes cruéis, de Jean Laplanche, André Green, Serge Leclaire, J.B. Pontalis, Michèle Montre-

lay, Françoise Dolto... retratos que os seus pacientes — perdão os seus analisados! — não deixarão de explorar em favor de uma transferência negativa... ou positiva:

As fórmulas pífidas ou assassinas, Elisabeth Roudinesco reserva-as em geral aos psicanalistas «ortodoxos», entendendo por isso aqueles que não seguiram «Sua Majestade» Jacques Lacan — como ela o chama — nos seus esgotantes combates contra a hidra da Associação Internacional de Psicanálise. Esta, não só não vê ninguém pelo génio que possa ser, como teve o descaramento de fazer notar a «Sua Majestade» que, em princípio, uma sessão de análise durava cinquenta minutos e não cinco... sobre este aspecto a lacanomania não cegou Elisabeth Roudinesco. Ela admite que, antes de tudo, a cupidez e a ambição social jogaram um papel importante na redução do tempo das sessões: «Quanto mais os alunos, explica-nos ela, vinham até ele, mais Lacan desejava ter alunos; e quanto mais



J.B. Pontalis numa foto recente

ele enriquecia mais ele gostava das notas de banco.»

Em 1957, Rudolph Lowenstein, que foi antes da guerra o analista de Lacan, queixava-se a Marie Bonapart das traças incessantes do carácter distorcido e retorcido do seu paciente. É que, para Lowenstein, técnico rigoroso e teorizador da «Psicologia do Ego», existiam regras que fixavam a prática analítica: tacto, interpretação das resistências, número de sessões obrigatórias, duração das mesmas, interdição de misturar a reflexão teórica e a relação transference, tentativa de reduzir o narcisismo e de esvaziar a megalomania.

A conduta e a cura

Sem dúvida é justamente neste aspecto, quer dizer, sobre a conduta da cura, que a obra de Elisabeth Roudinesco, — encanta enquanto nos convida ao grande baile da psico-nostalgia —, apresenta algumas falhas. A psicanálise não é unicamente uma aventura intelectual, um romance palpitante, ela é também uma terapia, talvez a mais eficaz, mas certamente aquela que demanda a ser levada com um máximo de rigor, de honestidade, de modéstia e de consciência profissional. «O psicanalista cura menos pelo que diz do que pelo que

é», repete o arrependido de Sacha Nacht. E, aquilo que Freud mais receava, não era a medicalização da psicanálise, mas a baixa e o comercialismo de muitos jovens analistas. Ele estava consciente de que o problema da selecção, na sua disciplina, era mais ético do que técnico. Ao psiquiatra Ludwig Binswanger, ele confiou: «Sempre pensei que deitaria primeiro sobre a minha doutrina os porcos e os especuladores; e não me enganei...»

É demasiado fácil, e injusto, trocar — como o faz Elisabeth Roudinesco —, das intenções pretensamente adaptativas da psicanálise anglo-saxónica, de se interrogar sobre o que se produz quando os psicanalistas agarram em Salvador Dali ou André Breton, transformam os divãs em barricadas, ou consideram a exploração do inconsciente como a vigiarice mais elegante.

A este respeito, é pena e sintomático que Elisabeth Roudinesco tenha excluído da sua «História da Psicanálise» aquele que mais provavelmente mereceria nela figurar: o etno-psiquiatra Georges Devereux. Tomando o partido de estar na moda, ela arrisca-se a ser rapidamente ultrapassada.

Roland Jaccard

Um psicanalista no divã

Jean-Bertrand Pontalis no panteão dos grandes homens: Sartre, Lacan e Freud.

QUEM terá desconfiado que o venerável Jean-Bertrand Pontalis, mestre de obras da «Nova Revista da Psicanálise» e autor de um breve relato, «Longe», alimentou o desejo, tanto mais tenaz quanto o sabia irrealizável, de escrever... um romance de cordel.

Foi necessário que o destino lhe fosse contrário, para que, em definitiva, ele, aluno de Sartre no liceu Pasteur em 1941, e discípulo de Lacan em 1954 em Saint-Anne, se visse condenado a partilhar o seu tempo entre a rua do Bac, entre o seu escritório de editor e o seu divã de psicanalista, longe das grandes eflorescências do imaginário...

Nada de romance de cordel, então, mas uma autobiografia púdica tingida de rigorismo, onde as confidências, as indiscrições, os testemunhos são finalmente contados. Pontalis nunca se faz juiz de Jean-Bertrand, mas deita um olhar melancólico sobre algumas recordações ridículas: o curso «H» amaldiço-

ado e o ritual das férias em Cabourg. Desde que a emoção aflora, o desprendimento do homem de bem retoma os seus direitos. Salvo no capítulo final, onde ele nos confia algumas das mais belas páginas jamais escritas sobre os encontros de amor, inevitavelmente fracassados entre uma mãe e um filho... talvez o impossível «romance de cordel» comece aqui.

Eu gostaria de ser bom

Humor, a Jean-Bertrand, não falta. É mesmo o que faz o essencial do seu encanto. No fio das confidências, sabemos que num dia de Primavera de 1944 Sartre lhe fez parte da sua intenção de criar (talvez «montar») uma revista, uma vez a guerra terminada. Ele pede ao jovem «JBP» que colabore. «Com satisfação», respondeu este último. Há um emprego que me atrai particularmente: eu gostaria de ser 'boy', você sabe, um

desses que esboçam passos de dança à volta da vedeta.»

A palavra «revista», ele associou, não Gallimard, mas Casino de Paris...

A Sartre, «JBP» nunca jurou fidelidade; tanto mais que isso seria inconveniente, posto que o filósofo detestava que lhe acertassem o passo. Nem revelância nem referência: Imaginamo-lo a falar unicamente do seu «ensinamento»? Lacan, pelo contrário, ofereceu-se a tomar o lugar vazio do mestre, «função para mim, na época, das mais suspeitas», escreve «JBP», onde vieram juntar-se a ênfase da pessoa e o abuso do poder, a ilusão sabiamente entretida de conservar a palavra-chave e o soberano desprezo dos seguidores.

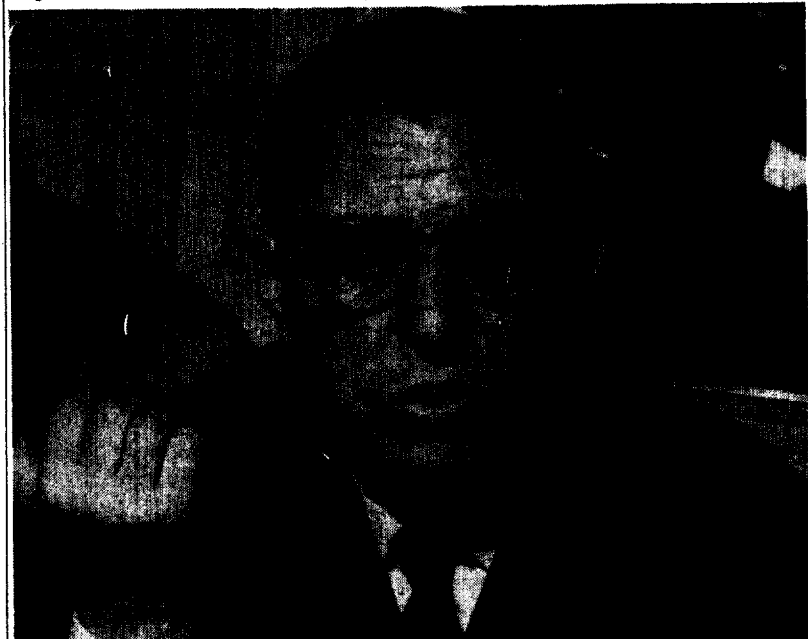
A despeito de estar prevenido, Jean-Bertrand Pontalis sucumbiu ao magnetismo do «Grande Jacques», até ao dia em que, num «music-hall», o azar o pôs em frente do «Grande Robert», «belo homem vestido de negro, vindo de Quebec de hipnotizar as loucas dos 'Boulevards'». É certo, o «Grande Jacques» não era o «Grande Robert»: pensamento ímpio — não impede que «JBP» se tenha querido afastar. E que se ponham agora as seguintes questões: e se o segundo não era senão a caricatura vulgar, sinistra, do primeiro? Se, ao fim de contas, eles fizeram jogar a mesma energia para exercer a sua intenção? E se, sobretudo, foi o mesmo ponto sensível em cada um que eles tocaram? Jean-Bertrand Pontalis deixou cedo de assistir ao seminário de Lacan.

Freudiano consciente da impostura das doutrinas orgulhosamente proclamadas, tendo por acréscimo horror a enunciações sábias, a neologismos e palavras de chumbo, «JBP» aproximou-se dos psicanalistas anglo-saxões (Harold Searles e Donald Winnicott) onde a humildade e uma sabedoria sorridente constituem as maiores qualidades. São elas igualmente que dão a este «Amor dos começos» o tom singular e atraente.

RJ



Uma rara fotografia de Jacques Lacan com sua filha



Jean-Paul Sartre

Os excessos de William Beckford

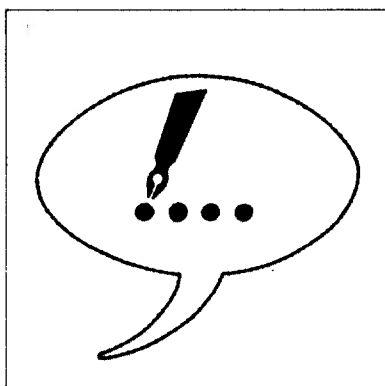
O autor de *Vathek* manteve em 1787 e 1788, em Portugal e Espanha, um Diário íntimo. Ei-lo, dois séculos depois, numa tradução alegre e limpa... para francês:

«É um actor e não um gentleman», podia-se dizer dele. É certo que a William Beckford faltou um pouco de moderação, que a sua reserva e o sentido das conveniências não foram as suas práticas preferidas. Ele adorava agradar, perdia-se por fazer espectáculo. Uma estrela, á sua maneira, que suscitava sonhos secretos do seu público. Fazendo nascer desejos e ódios, quando se encontrava só perdia-se e não se encontrava mais. Dois séculos depois, o seu encanto não diminuiu. Doravante ele vai contaminar os leitores: com essa erotização arrebatada de tudo o que frequenta, dessa forma de estar no mundo exigindo deste que esteja sempre vivo, mexendo.

Quando começa a escrever o seu «Diário íntimo», em 1787, Beckford, encontra-se em Portugal por acidente. Recebeu de golpe dois grandes choques: a sua mulher acaba de morrer na cama, e ele é indesejável em Inglaterra. Surpreendido, de forma comprometedor com um jovem rapaz, é considerado «per-

sona non grata». Decide então embarcar para a Jamaica, mas sofre de tantos enjoos que se fica por Portugal. É portanto sobre estes auspícios pouco favoráveis, que se inicia o seu Diário íntimo. Beckford tem cerca de 27 anos, é bonito, riquíssimo, e escreveu (em três dias e em francês) *Vathek*, donde esperou publicação.

Este diário, não se quer nem de viagens, nem de diário de uma alma. Trata-se de um livro da «razão», onde se descrevem os factos do dia, do romance, que desenrola as intrigas e serve de válvula de segurança: que permite a Beckford enunciar as suas moléstias rapidamente, secamente. De Portugal, em si, ele não terá visão de cavaleiro; nem de estudo profundo. Só se apercebe da paisagem na medida em que esta o afecta. Ele só vive no jogo da paixão. Termos contraditórios, seria idiota deduzir qualquer dúvida quanto à sua sinceridade. Portugal, no momento, é a cena onde escreve um papel sobre medida: o do devoto, quase na vida da



santidade, mas a quem as orações não retiram nada dos seus enfeites.

A vingança

Interessam-lhe mais os portugueses do que Portugal, os ingleses de Portugal e ele. É quer ao mesmo tempo vingar-se e continuar a ser o que é: inatigível. Encontra-se então num meio ideal de

complexas manobras, para voltar a readquirir a sua honorabilidade. Primeiro que tudo, é isso o que conta. Mas é esse o lado semi-oficial do diário. A sua intimidade propriamente dita, são as emoções que regista. Ora todo ele é emoção, e não é homem de «nuances», porque sente as coisas excessivamente: a beleza da música, a beleza dos jovens, o tédio, o abatimento. Ele vai do entusiasmo à depressão, «do sublime, ao mais negro abatimento».

Mas se Beckford tem talento para a intensidade, não tem menos para a ironia. É um grande perturbador. E mais ainda que este constante namoro com o escândalo, mais ainda que este abandono à violência das paixões, o que retém, neste diário, é a sua própria sombra. Seria lamentável não ver nele mais do que um herói romântico resplandecente, trapaceiro e cínico. Ele é mais estranhamente possuído: pelo demónio do vazio, e uma espécie de desvario de perversidade ingénua, que jamais o situará nos limbos dos abstrac-

tos, mas sempre nas formas materiais, físicas.

O verdadeiro segredo deste diário não está nas semi-confidências eróticas, mas na alternância de caricaturas devastadoras e de observações insolentes onde Beckford reivindica o seu gosto pelo «efeminado». Mau homem, este grande senhor? Pouco importa. O que importa, é que ele tenha sabido descrever o enigma do seu desejo, sem vergonha, com a distância daquele que se sabe distanciar. Ele dizia de si próprio: «Nem mesmo um animal me compreende.» Foram precisos estes dois séculos de repouso, e a tradução alegre e limpa de Roger Kam, para que, deste «anjo caído», se pudesse apreciar a arrogância e a dor.

Evelyn Peiller

«Diário íntimo em Portugal e Espanha, 1787-1788», traduzido por Roger Kam, Corti, 333p.

A flor no cano da espingarda

Afeganistão: A retirada parcial soviética

«QUE o coração de vossas mães se apazigue e que o de vossa pátria se inflame». Antes de lhes deitar papelinhos coloridos do alto da tribuna, o número um afegã, M. Najib, proferiu no dia 17 de Outubro, estas amáveis palavras pra com os soldados soviéticos do regimento Czestochowa que desfilarão à sua frente a cerca de 400 km a norte de Cabul, antes de regressarem o seu país.

Foi a segunda cerimónia deste género, e o interesse de todos, incluindo os cento e quarenta jornalistas presentes, começou a esgotar-se. O quadro também era menos espectacular. Enquanto que a estepe de Shinband, cercada de montanhas e batida por um vento afiado, oferecia um «décor» grandioso, este não era mais em Koundouz que uma banal tomada de armas numa caserna. Seis regimentos no total, perfazendo oito mil homens, devem abandonar o Afeganistão até ao fim de Outubro.

Cerca de 50% não russos

O regimento mecanizado Czestochowa deve o seu nome à vila polaca onde entrou em 1945, mas que é célebre pelo seu santuário à Virgem Negra. O regimento chegou ao Afeganistão em Fevereiro de 1980. Contava na época entre 2300 a 2500 homens, segundo informações ocidentais. Não mais de 2000 desfilarão, sexta-feira, em Koundouz.

Esta parada permitiu entretanto, que se fizesse uma melhor ideia do que é um regimento de infantaria mecanizada dita de «1.ª linha», quer dizer, teoricamente, de elite. A maioria dos homens são transportados em grupos de doze ou catorze em camiões cobertos e alguns rebocam morteiros. O regimento comporta uma quarentena de blindados ligeiros, essencialmente auto-metralhadoras com lagartas e veículos anfíbios de rodas, munidos igualmente de metralhadoras, que parecem poder transportar seis soldados e são de um modelo mais recente que o resto.



Os homens desfilarão primeiro a pé, como é devido aos infantas, e depois a bordo das suas viaturas. Essa não foi a ordem perfeita do desfile dos tanques do regimento Praga, no dia 15 em Shinband. Esses desafortunados não conseguiram acertar o passo na parada. Não tinham, parece, um capacete com as medidas ideais e, cúmulo da pouca sorte, um camião avariou-se em frente da tribuna oficial.

Os atavios deixaram também a desejar. Os dólmanes estavam cozidos à pressa e a alimentação não deve ter sido extraordinária, a julgar pelo número de soldados — a maior parte não tinha vinte anos — que apresentavam inquietantes erupções cutâneas.

Aqueles que interrogámos eram respectivamente originários da Arménia,

Azerbaijão, Crimeia, Sibéria e Casaquistão. Somente três dos seis eram de nacionalidade russa. A nacionalidade (diferente de cidadania) é inscrita no passaporte interno e é independente do lugar de nascimento; ela indica sobretudo a origem étnica. Assim, o soldado originário do Casaquistão, uma República da Ásia Central, era um russo loiro de olhos azuis que tinha cumprido cerca de dois anos de serviço militar. Ele esperava regressar à sua terra natal no próximo ano.

Quando foram eles avisados do regresso à União Soviética? «Há cerca de um mês». Preveniram a família? «Puderam escrever, mas não telefonar. As cartas levam perto de uma semana a chegar.» Claro que eles estavam contentes por partir. Todos diziam — o que é

um pouco bizarro, mas tal era sem dúvida ordens recebidas — não terem participado num só combate.

A versão dos nossos acompanhantes soviéticos era mais esbatida: em seis anos, o regimento Czestochowa deu «uma ajuda concreta a Exército afegã». Em que consistiu essa ajuda? «Os homens procederam à desactivação de duas mil minas.» Nunca saberemos a verdades dos factos: Um tenente deste regimento, Nabi Akhramov, foi feito herói da União Soviética, a maior distinção do país. Terá sido por extrair minas?

«A nossa amizade é eterna»

«Vocês defenderam a democracia e a cultura», declarou da tribuna o general

(três estrelas) Nicolas Popov. «Se o imperialismo tivesse possibilidade, ter-vos-ia feito aquilo que vocês fizeram a ele», acrescentou. M. Najib, secretário-geral do partido único afegã, foi mais lírico: «A nossa amizade — com os soviéticos — é eterna como o universo e brilhante como a água dos rios.» «Vocês ensinaram-nos a arte da vitória que exige paciência.»

O número um afegã, destinou uma vez mais uma palavra com respeito aos seus compatriotas que estão... algures (do outro lado). «Estamos dispostos a compromissos razoáveis para favorecer a reconciliação nacional.» Depois da sua chegada ao poder em Maio último, M. Najib comprometeu-se em palavras com os chefes das tribos que hesitavam entre os dois campos. Mas a guerrilha islâmica repeliu as suas ofertas de encontro.

O regimento Czestochowa partiu sexta-feira, dia 17, para a União Soviética com a flor no cano da espingarda — não é metáfora — e pisando papelinhos coloridos. Agora que a fronteira não está, em voo de pássaro, a mais de cinquenta quilómetros, serão necessários dois dias para lá chegar, pois o rio Amon-Daria (O «oxu» da Antiguidade outrora atingido por Alexandre o Grande) oferece a este lugar uma barreira intransponível aos veículos pesados. O regimento seguirá um itinerário não precisado e vai juntar-se aos seus quartéis na Ásia Central soviética. Continuarão entretanto muitos soldados soviéticos em Koundouz numa base construída em cimento e para durar.

Dominique Dhombres

Pedido de asilo — cinco soldados soviéticos, que desertaram para junto da guerrilha afegã escreveram ao presidente Reagan pedindo-lhe asilo, noticiou, no dia 18 de Outubro, o «New York Times», citando uma organização humanitária americana. Um responsável do Departamento de Estado americano confirmou a recepção destas missivas.

Mal-me-quer, bem-me-quer

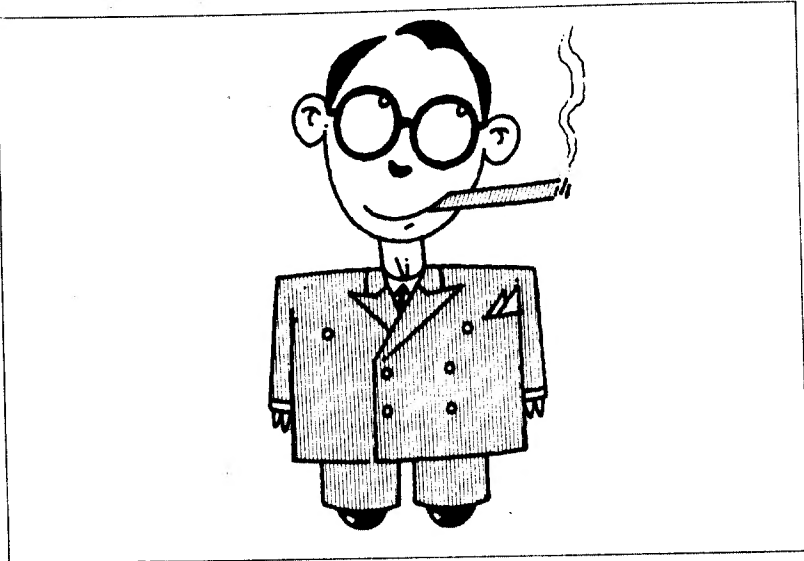
O quadro empresarial de quarenta anos sabe que a sua carreira está à beira do fim? Certamente que não. Desconfiado, confiando em excesso nos seus sucessos presentes e passados, dotado de uma moral à prova de bala, ele não presta atenção aos pequenos pormenores inquietantes nem aos pequenos «estalidos» que os especialistas, em estado de alerta, identificam.

Porque os especialistas em gestão de pessoal são formais: aos 36 anos, o quadro de empresa já andou a parte melhor do seu caminho, e os dados estão lançados. A partir dessa idade, já não se recupera «o tempo perdido». Numa palavra, *não se passa mais nada*. Claro, ainda haverá alguma evolução, mas «em curva lenta», e segundo critérios inteiramente predeterminados. Dizem os especialistas: *não vale a pena subir o valor da aposta*.

Acantonado num sector de actividade, numa função e, evidentemente, numa empresa, o quadro quarentão não deve alimentar mais ilusões: ninguém acredita que ele vá ainda *explodir*, se ele não o fez já... Aos 45 anos, a sua carreira terá terminado. Poderá talvez subir um ou outro degrau na hierarquia, mas já nunca poderá constituir a esperança da «company».

Mais: apercebendo-se das ameaças que pesam sobre ele, o quadro nessas condições *aperce-*

Nas novas selvas empresariais, o quadro quarentão está virtualmente liquidado. Em sua intenção estão a ser criados gabinetes de *desreclutamento*. Segundo os especialistas, um quadro atinge o seu *top* aos 36 anos.



be-se demasiado tarde. De facto, é aos 32 ou 33 anos que, vendo os horizontes tapados diante de si, os mais lúcidos se viram para pequenas e médias empresas, para aí começarem uma segunda carreira. Depois disso, uma tal reacção será inútil e, porque não, suicidária...

Felizmente, não há tantos especialistas em quadros de 40 anos como isso, e são raros os estudos dedicados a esse tema. Porque,

ao lerem as suas conclusões, bom número de quadros empresariais cairia em profundo desespero. Em 1984 um francês, Pierre Rivard, consagrou uma tese de Estado às carreiras de quadros e às «estratégias de valorização das forças do trabalho» no qual estabeleceu a evidência fatídica do *top* dos 36 anos. A taxa de recrutamentos cai verticalmente a partir dessa idade e inicia-se a correspondente descida da «curva salarial».

Todos quantos se debruçaram sobre o «quadro quarentão» sublinham que, a partir desse grupo etário, a evolução do personagem é menos perceptível, a não ser quando ela é conduzida por uma estratégia global da empresa. A partir dos 40 anos, também, passou a organizar-se para os quadros uma partida discreta: eles tornam-se parte do «público de 'out-placement'». Estão a multiplicar-se os gabinetes de consultoria e conselho especializados nas operações individuais de *desreclutamento* (o contrário da *recrutamento*).

É evidente que os «quadros quarentões» sabem que o desemprego limita as suas possibilidades, e dominam as veleidades de sair de onde estão porque há menos oportunidades para eles. Curiosamente devido à sua autoconfiança e à imagem que fazem de si próprios, eles parecem procurar menos empresas «maternais e seguras» do que os seus émulo de 35 ou de 50 anos. Mas o veredicto dos especialistas não se compadece deles por isso.

Alain Lebanbe
(adaptado)

Nova frente pacifista nos media

ONTEM, dia 27 de Outubro, comemorou-se, um pouco por todas as capitais europeias, o Dia Internacional do Jornalista Pela Paz.

A ideia deste Dia Internacional nasceu há três anos, em Helsínquia, durante o I Congresso dos Jornalistas Europeus pela Paz, no qual os jornalistas portugueses estiveram representados.

Colóquios, comunicados, encontros, cartazes foram algumas das formas, clássicas, a que os jornalistas preocupados com os problemas da paz e da guerra deitaram mãos. E nesta altura em que o movimento ganha força em toda a Europa, do Oeste e do Leste, é curioso lembrar que tudo começou com a iniciativa de uma «velha» e prestigiada jornalista inglesa, Norma Turner, que fundou nos primeiros anos da década de 80, o já famoso JANE — Journalists Against Nuclear Extermination, que é como quem diz «Jornalistas Contra a Exterminação Nuclear» — que rapidamente ganhou grande popularidade em Inglaterra.

Apesar das dificuldades encontradas no caminho, os Jornalistas pela Paz têm vindo a aparecer em numerosos países e hoje pode-se já afirmar que constituem um movimento organizado cruzando muitas fronteiras. Em curso estão várias iniciativas: a criação de uma rede de telexes pela Paz, uma rádio pela Paz, a publicação de um livro onde seja decodificada a linguagem cada vez mais sofisticada e esotérica dos militares que invade e domina os nossos mass-media. Isso, além do trabalho específico e localizado — nomeadamente em escolas

— que em cada país vão desenvolvendo.

A motivação principal dos Jornalistas pela Paz é, contudo, contribuir para criar uma opinião pública consciente dos perigos da guerra, nomeadamente da guerra nuclear, pois, como foi afirmado em Helsínquia no I Congresso, «a Paz é demasiado valiosa para ser deixada aos proprietários dos 'media' e seus apaniguados». E todos nós, jornalistas, sabemos, como de resto Norma Turner lembrou, que «os media ocidentais vendem a guerra e a paz do mesmo modo que vendem manteiga e margarina» — o que não podemos aceitar.

Clube em movimento

Neste contexto, ganham especial interesse e importância os recentes encontros de jornalistas de diversos países — e nos quais Portugal esteve representado — efectuados em Copenhaga (aquando da realização da Assembleia Mundial da Paz) e em Sofia, na semana passada, aquando do X Congresso da Organização Internacional dos Jornalistas.

Nesta última capital, numa reunião efectuada numa sala do esplendoroso Palácio da Cultura local, e à qual assisti, participaram jornalistas da Finlândia, Suécia, Checoslováquia, URSS, Hungria, Holanda, Áustria, RDA, Sri Lanka, Peru, Bulgária, Berlim Ocidental e Dinamarca. Foi feito um levantamento da situação do movimento em cada um dos países, foram analisadas as dificuldades, que são muitas, que têm vindo a ser encontradas, e foi lançada a

ideia de se criar uma espécie de Clube de Jornalistas Europeus numa primeira fase, que constituirá como que um fórum internacional onde profissionais da Comunicação Social de Leste e de Oeste discutirão livremente tudo o que diga respeito ao processo de *détente*, desarmamento, segurança e cooperação.

O clube não poderá estar ligado nem às posições Leste-Oeste, nem às posições políticas de sindicatos ou outras organizações. Deverá ser constituído por jornalistas que aí estarão a título meramente individual, sem representarem organizações. Isto não quer dizer, no entanto, que não possa e não deva contribuir para a cooperação entre as duas grandes federações internacionais de jornalistas — a OIJ, com sede em Praga, e a FIJ, com sede em Bruxelas. A independência será a palavra de ordem.

A par desta iniciativa, muito falada, foi também a possibilidade — que uma jornalista sueca em tempos havia levantado — de se criar um curso, por correspondência, sobre o jornalismo pela Paz, uma vez que se trata de um campo muito específico do jornalismo que cada vez é mais urgente desenvolver.

Em Portugal

Em Portugal, o Movimento de Jornalistas pela Paz nasceu em 1983 da unificação de esforços individuais de vários jornalistas mais preocupados com os problemas da Paz e da Guerra Nuclear.

Reúnem regularmente nas instalações do Sindicato dos Jornalistas, mas este

nada tem a ver, organicamente, com o movimento, embora o apoie e ajude.

Os Jornalistas Portugueses pela Paz — que começaram por divulgar um apelo que foi subscrito por mais de 300 profissionais de informação a trabalhar na rádio, televisão e jornais nacionais — têm vindo a cooperar com o Centro de Informação da ONU em Lisboa. Em conjunto editaram um pequeno livro intitulado «Palavras pela Paz» e publicaram já seis números do boletim «Notícias do Desarmamento», sobre as actividades da Campanha Mundial para o Desarmamento.

Outra linha da actividade dos JPPP tem sido a participação em sessões em escolas secundárias, onde, juntamente com os Médicos e os Trabalhadores Científicos pela Paz, discutem e analisam com os alunos os perigos e as consequências de uma guerra nuclear.

Recentemente os JPPP aprovaram os Estatutos da sua Associação, a qual tem por objectivo fundamental «contribuir para o fortalecimento da corrente de opinião pública contra a guerra». A referência básica da actuação desta Associação de Jornalistas é «a defesa da paz, o desanuviamento e o reforço da cooperação internacional, a desactivação de todas as armas nucleares, o desarmamento global e a divulgação dos horrores de todas as formas de guerra, nomeadamente a nuclear».

A declaração da Península Ibérica como zona livre de armas nucleares é também um dos objectivos.

Ribeiro Cardoso

Mensagens Pessoais

Cursos - Arte

Iniciação ao desenho (aulas com modelo); «Atelier» do desenho do natural (aulas com modelo); Iniciação à formação artística; Experiências plásticas; Iniciação à problemática da arte contemporânea. Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Rua Barata Salgueiro 36, Telefones: 52 12 93 e 52 10 46.

«Mundo Literário» - (1946 - 1948)

Semanário de literatura. Coleção completa dos n.ºs 1 a 53, faltando apenas o n.º 36. Bom estado. Vende-se pela melhor oferta cima de 15 000\$00. Telef. 56 89 67 - Porto.

Compro livros

Compro: «Demografia Portuguesa», Joel Serrão, L.ºs Horizonte; «Didáctica da Língua Nacional» de Gabriel Gonçalves; «Didáctica do Cálculo» (2 vol.), de Gabriel Gonçalves; «A Literatura Infantil — visão histórico-crítica», 3.ª ed., Global Editora. Telef. 493 27 04, depois das 18 h.

Hupmobile 1934

Vendo p/ peças ou restauro 300 c. Tel. 258 20 40 ext: 532.

Mobiliário quarto

Uma mobília de quarto completa com cama de corpo-e-meio, mas o guarda-fatos é de casal e tem espelho bom.

A outra tem duas camas-pessoa-só em madeira de castanho, também guarda-fatos casal. Dezoito meses de uso, como novos. Tel. 89 83 36.

Primeiro emprego

Jovem de 19 anos, com o 11.º ano incompleto (faltando História e Inglês), e tendo também o Curso de Dactilografia Profissional, e desejo primeiro emprego («part-time» ou «full-time») como dactilógrafa, escriturária ou recepcionista. Resposta ao telefone: 36 76 95.

Vivenda Mem-Martins

Mem-Martins c/ 7 assoalhadas, 3 wc, lareira, garagem, água própria furo 65 metros, terreno 1000 m2 c/ jardim e árvores frutuos. Telef. 921 26 52 depois 19 horas.

Jazigo/Ossário

No cemitério da Ajuda, vende-se. Tel. 64 14 14.

Florilégio - II

Depois de Florilégio - I, eis o volume dois, uma colectânea de poemas de cerca de trinta autores, incluindo alguns estrangeiros, com o pseudónimo da holandesa Marlène en Tom van Winden, que também se envia pelo Correio. Pedidos a José Feiteira de Bessa, Rua do Garrido, 48, 1.º, 1900 Lisboa.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.